



SÉRIE  
ESPADA DO  
ESPÍRITO

# GLÓRIA NA IGREJA

REPRESENTANDO CRISTO NOS DIAS DE HOJE

COLIN DYE

*Glória na Igreja*

## **Série a Espada do Espírito**

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

**[www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk)**

Copyright © 2015 by Colin Dye  
Segunda edição  
Kensington Temple  
KT Summit House  
100 Hanger Lane  
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.  
Supervisor de tradução: João Guimarães  
Tradução: Vera Jordan  
Revisão: Edna Batista Guimarães  
Diagramação: Rafael Alvares - [alvaresdesign.com.br](http://alvaresdesign.com.br)

Espada do Espírito

# Glória na Igreja



Colin Dye



# Sumário

<b>Introdução</b>		<b>7</b>
01	<i>A Glória de Deus</i>	11
02	<i>A Igreja de Cristo</i>	23
03	<i>O Ajuntamento</i>	33
04	<i>A Comunhão</i>	49
05	<i>Retratos da Igreja</i>	59
06	<i>A Igreja, o Reino, Israel e o Estado</i>	73
07	<i>Pertencer à Igreja</i>	91
08	<i>Liderança na Igreja</i>	109
09	<i>A Igreja Eficiente</i>	127
10	<i>Os Sacramentos da Igreja</i>	141
11	<i>Igreja em Células</i>	161
12	<i>Igrejas Interligadas</i>	173
13	<i>A Igreja do Final dos Tempos</i>	185



## Introdução

Pode haver poucas pessoas que não ouviram a respeito ‘da Igreja’, porém quase todas parecem ter uma idéia diferente a respeito dela. A maior parte das pessoas comuns parece pensar que a igreja é um edifício ou denominação, e muitos crentes imaginam que ela seja uma série de reuniões ou cultos.

Até mesmo aqueles que sabem que ‘a Igreja’ é ‘as pessoas’, que ouviram sobre o ‘corpo de Cristo’, quase sempre apresentam idéias muito diferentes sobre a maneira que ela deveria ser organizada e o que deveria fazer. Alguns líderes pensam que a Igreja é apenas para a adoração, outros pregadores insistem que a missão evangelística é a tarefa principal, e outros ministros focam na assistência aos necessitados de forma prática.

Quando freqüentamos uma variedade de igrejas, logo achamos difícil acreditar que elas são todas a mesma Igreja de Cristo. Descobrimos que muitos líderes usam trajes cerimoniais, enquanto outros se vestem informalmente; que alguns clérigos lêem seus sermões de um livro enquanto outros parecem desenvolvê-los no transcurso do próprio sermão; que a maioria dos cultos termina após quarenta minutos, mas alguns duram várias horas; que alguns ministros ainda celebram cantando no inglês do século 17, enquanto outros cantam em línguas. Isso tudo pode parecer extremamente confuso.

Infelizmente, sempre há muita desconfiança, até mesmo competição, entre igrejas de determinada área geográfica – ou até mesmo dentro de uma denominação. Muitos crentes percebem que alguns cristãos genuínos provavelmente freqüentam outras igrejas em sua vizinhança, mas não conseguem descobrir o motivo.

Se a Igreja é importante para Deus, devemos procurar entender os princípios bíblicos básicos a respeito dela, de maneira que saibamos pelo menos quais são as questões de cultura e gosto e quais são as questões de doutrina.

Por exemplo, pode não importar para Jesus se preferimos hinários ou a espontaneidade, canto medieval ou cânticos modernos, vestes eclesiásticas pomposas talares ou roupas simples. Todavia, de fato importa para Ele quando nos separamos uns dos outros, quando nos recusamos ser mobilizados como corpo de Cristo no mundo e quando afastamos o Espírito com nossas atitudes.

Este livro é para crentes que colocarão de lado suas idéias sobre a Igreja e estudarão a Palavra de Deus para descobrir a revelação do Senhor para a Sua Igreja. Precisamos conhecer a visão e o propósito de Deus para a Igreja.

Há material extra disponível para facilitar seu aprendizado, o qual pode ser encontrado no respectivo *Manual do Aluno* da série *Espada do Espírito* e no *website* [www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk). No manual há um guia de estudo complementar para cada capítulo, com perguntas para discussão e testes rápidos. Após se inscrever para esse módulo no *website*, você poderá acessar mais perguntas e testes. Há também uma ferramenta Web (o texto livro com *links* integrados a referências bíblicas), e um ensino detalhado em áudio e vídeo. Usar esses materiais extras o ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o *Manual do Aluno* com pequenos grupos. Há a opção de selecionar com bastante cuidado as partes que considerar mais importantes para seu grupo. Isso quer dizer que em algumas reuniões você poderá utilizar todo o material enquanto em outras usará apenas uma pequena parte dele. Use seu bom senso e discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para fazer cópias dessas páginas e distribuí-las para qualquer grupo que estiver liderando.

Quando você terminar a leitura deste volume, minha oração é que compreenda que Deus sempre quis revelar Sua glória na Igreja por meio de Cristo Jesus; que Ele vai revelar Sua glória na

Igreja de maneira que todas as nações do mundo virão à luz; e que você saberá de que forma pode trabalhar em parceria com Ele para fazer isso acontecer em sua vizinhança.

Colin Dye



Parte Um

# A Glória de Deus

Muitos crentes atualmente não têm a expectativa de recorrer ao Antigo Testamento quando estudam a Igreja. Eles imaginam que o Novo Testamento, principalmente as epístolas, contém tudo que precisam para saber sobre o plano de Deus para a Igreja.

Essa abordagem, porém, se concentra de maneira rápida demais nos pequenos detalhes e negligencia a idéia maior. A Igreja é uma parte extremamente significativa dos propósitos de Deus para a humanidade, mas há muita coisa que perderemos se ignorarmos as indicações da Igreja do Antigo Testamento e as amplas maneiras que Deus tem tratado Seu povo através das gerações.

Por exemplo, não compreenderemos o ensinamento do Novo Testamento sobre a Igreja como ‘edifício de Deus’ sem algum conhecimento do tabernáculo e do templo do Antigo Testamento; não compreenderemos as referências de Paulo à ‘noiva’ sem algum conhecimento das passagens do Antigo Testamento sobre ‘o amado’; e não apreciaremos a importância da Ceia do Senhor sem examinar a Páscoa.

O mais importante de tudo, os crentes devem tentar compreender o destino da Igreja antes de estudar seus detalhes. É inútil, por exemplo, ser capaz de definir um apóstolo e relacionar as obrigações de um diácono sem compreender por que Deus tem dado apóstolos e diáconos para a Igreja, e qual é o pequeno lugar deles no plano eterno de Deus.

Simplificando, cada parte do ensinamento bíblico sobre cada aspecto da Igreja é oferecido com o simples objetivo de trazer

glória a Deus e revelar Sua glória no e para o mundo – e para os principados e potestades nas regiões celestiais. Se o objetivo principal e abrangente da Igreja – conforme visto em Efésios 3:8-21 – não é percebido e lembrado, é muito fácil perder o equilíbrio pela demasiada ênfase em algum aspecto menos importante da vida e doutrina da igreja.

### **O propósito de Deus**

O título deste volume na série *Espada do Espírito* é tirado de Efésios 3, onde o apogeu da revelação de Paulo sobre os eternos propósitos de Deus para a humanidade é sua oração pela 'glória na Igreja'. Após ler Efésios 3, deveríamos ser capazes de compreender que – em todas as gerações, para todo o sempre – o resplendor de Sua glória, tanto na terra quanto nos céus, é sem dúvida essencial para a vontade de Deus. Também vemos que é 'glória na Igreja por Jesus Cristo'.

Contudo, não é possível apreciar toda a importância do nosso destino em Efésios 3 sem algum conhecimento do que ensina o Antigo Testamento sobre a glória de Deus.

A maioria dos crentes evangélicos e pentecostais sabe que a glória de Deus é um dos maiores temas nas Escrituras. Como reflexo disso, freqüentes gritos de 'glória' ocorrem durante o culto, há pedidos por 'glória' em fervorosas horas de oração, e a palavra glória é enfatizada em muitos de nossos cânticos e hinos.

Queremos que Deus seja glorificado e queremos experimentar Sua glória. Mas alguns crentes modernos parecem esquecer que, na Bíblia, glória está intimamente associada com sacrifício. Vemos, por exemplo, que:

- Êxodo 24 relata que a glória de Deus apareceu aos setenta anciãos no monte Sinai – após um sacrifício
- Levítico 9:6-24 mostra que a glória de Deus era com freqüência vista na região do tabernáculo – na hora do sacrifício
- Êxodo 40:29-35 descreve o único caminho para o tabernáculo – o altar de sacrifício
- 1 Reis 8:1-11 relata que a glória de Deus encheu o Templo de Jerusalém – após terem sido feitos inúmeros sacrifícios

- Hebreus 1:3 declara que Jesus foi sempre o resplendor da glória de Deus – mas João 7:39; 12:23-28; 13:31; 17:5 e Hebreus 2:9 mostram que Sua morte sacrificial na cruz foi a suprema revelação da glória de Deus
- Romanos 8:18 ensina que devemos compartilhar os sofrimentos do sacrifício de Jesus – se quisermos compartilhar Sua glória.

Glória é um nome popular; sacrifício não. A palavra ‘glória’ soa bem em nossas bocas enquanto que a palavra ‘sacrifício’ geralmente enrosca em nossas gargantas. Normalmente as duas palavras são mal compreendidas, mas o entendimento correto de glória e sacrifício – e da relação entre elas – é fundamental se formos levar em conta o propósito principal da Igreja e colocar os pequenos detalhes da vida da igreja em seu contexto apropriado.

## Glória

A palavra hebraica para glória é *kabod*, o que significa literalmente ‘carga’ ou ‘peso’. Ela é ocasionalmente usada para descrever a prosperidade material, esplendor físico ou a boa reputação de um homem ou mulher – por exemplo, Ester 5:11 e Jó 19:9. De forma menos comum ela descreve poeticamente os guerreiros de uma nação ou a alma de uma pessoa.

No entanto, *kabod* normalmente é reservada para Deus. Vamos isso, por exemplo, em Êxodo 16:7; Números 14:10,21; Deuteronômio 5:24; 1Reis 8:11; 2Crônicas 7:1-3; Salmos 19:1; 113:4; Isaías 35:2; 60:1,2; Ezequiel 10:4 e 43:2.

No Antigo Testamento, a expressão ‘a glória de Deus’ é usada de duas formas diferentes:

- Como um termo equivalente para ‘o nome de Deus’ que se refere ao caráter auto-revelado de Deus
- Como uma revelação visível da presença de Deus em Seu povo

Isso quer dizer que a glória de Deus mostra às pessoas – e principados e potestades – exatamente onde Deus está, e exatamente como Ele é.

No Novo Testamento, esses dois aspectos da glória foram completamente cumpridos em Jesus. Ele foi tanto a completa auto-revelação do caráter de Deus quanto a revelação mais clara possível da presença de Deus.

Atualmente, é função da Igreja tanto mostrar o caráter santo de Deus ao mundo quanto ser vista pelo mundo – e pelos poderes nas regiões celestiais – como o lugar onde Deus habita. É por isso que um pouco de conhecimento da glória é essencial para uma compreensão precisa da Igreja.

## **Doxa**

A palavra grega *doxa* é usada no Novo Testamento para glória. Assim como *kabod*, ela pode se referir à honra humana, mas geralmente é utilizada para descrever uma revelação – pela graça e poderosos feitos – da natureza de Deus. Observamos isso, por exemplo, em Lucas 9:32; João 2:11; 17:24; Romanos 16:27; 1Coríntios 11:7 e 2Coríntios 4:4-6.

Mais especificamente, o principal uso de *doxa* no Novo Testamento é descrever a revelação do caráter e presença de Deus na pessoa e obra de Jesus Cristo, que é o resplendor da glória divina – conforme Hebreus 1:3 demonstra.

*Doxa* significa tudo o que *kabod* significa, e também adiciona a esse significado um sentimento de demonstração de perfeição bela e de poder magnífico. *Doxa* também traz consigo a idéia de brilho, magnificência e esplendor – observamos isto em Atos 22:11 e 1Coríntios 15:40, por exemplo. A glória de Deus vista em Jesus mostra a excelência esplêndida do Pai e toda a amplitude de Sua autoridade real. E, é claro, a glória de Deus na Igreja hoje pretende revelar exatamente a mesma excelência e autoridade – mas isso só é possível ‘por Jesus Cristo’.

Essa glória foi vista em João 2:1-12, quando Jesus revelou a graça e o poder de Deus ao transformar água em vinho. Ela era visível em João 11:1-44, quando Lázaro foi ressuscitado de maneira impressionante. E ela irradiou na transfiguração, ressurreição e ascensão de Jesus. Mas nunca foi tão radiante quanto no Calvário; pois ali – no lugar do sacrifício – foi vista a comple-

ta auto-revelação da natureza de Deus, a maior demonstração possível de Sua graça e amor, a suprema manifestação de Sua total santidade, e a demonstração perfeita de Sua beleza, poder e autoridade.

Quando, atualmente, os crentes cantam ou oram para a glória de Deus ser vista, eles na verdade estão pedindo que o mundo veja a santidade, graça e poder de Deus. Mas isso só pode ser visto 'na Igreja' – e é exatamente por essa razão que Paulo clama por 'glória na Igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre, sem fim'.

Sempre que cantamos algo como 'Glorifica teu nome', estamos clamando para que o caráter, beleza e majestade de Deus sejam revelados ao mundo. Contudo, esses atributos só podem ser vistos na e por meio da Igreja. Se a glória de Deus não for visível na Igreja, o mundo jamais a verá em outro lugar.

Todas as vezes que gritamos 'glória', juntamos tudo o que Deus é em uma palavra – e deveríamos temer em reverência, pois essa glória é o nosso destino.

## **O Destino da Glória**

1Coríntios 11:7 mostra que o homem foi feito à imagem e glória de Deus: isso significa que, juntos, fomos feitos para ser a completa revelação da natureza e presença de Deus. Romanos 3:23 nos lembra que temos ficado muito aquém desse destino glorioso.

Jesus, contudo, cumpriu o destino e, por Seu sacrifício, tornou possível a toda a humanidade tanto experimentar quanto demonstrar a glória de Deus. Isso fica claro em Hebreus 2:6-10.

Jesus foi glorificado no local do sacrifício supremo. Foi ali na cruz que Ele recebeu uma coroa de grande glória como a recompensa por Sua morte voluntária. Foi ali, por Seu sacrifício de amor, que Ele possibilitou que víssemos e refletíssemos a glória de Deus e começássemos a ser transformados em semelhança de Deus com glória sempre crescente. Por causa da cruz, a glória de Deus vista na face de Jesus Cristo pode agora ser vista na Igreja e pode ser refletida por ela.

A glória de Deus é o destino da Igreja. Fomos feitos para ser a revelação invisível do caráter e presença de Deus; ficamos aquém disso, mas a morte de Cristo tornou isso possível novamente. A glória é o direito inato da Igreja. A beleza, a majestade e a natureza santa de Deus são entregues à Igreja. Todavia, em nosso regozijo, devemos nos lembrar que é a glória da cruz: é a glória em e por meio de sacrifício.

### **O Anseio por Glória**

Uma das grandes afirmações dos profetas do Antigo Testamento era que a glória de Deus um dia encheria, ou cobriria, a terra. O próprio Deus prometeu isso em Números 14:21 e Habacuque 2:14.

Ezequiel 43:1-5 remete para aquele dia, e 39:21-29 torna claro que a glória de Deus atingirá todas as nações, não apenas os judeus. As duas passagens também sugerem, de modo importante, que o Espírito terá um papel fundamental na revelação da glória de Deus a todas as nações.

Isaías 59:21–66.24 também remete para uma época quando todas as nações podem ver a glória de Deus, e mostra que a unção do Espírito é fundamental para essa revelação da graça, poder e presença de Deus. (De modo importante, essa é uma de apenas duas passagens do Antigo Testamento em que o Espírito é identificado como Espírito Santo – o nome pelo qual Ele é conhecido na Igreja.)

Não é difícil reconhecer que o texto de Isaías 60–66 remete para a Igreja – o povo santo, o remido do Senhor, aqueles que foram enviados às nações para declarar a glória de Deus entre os gentios. Todo o ensinamento detalhado sobre missões do Novo Testamento – pregar o evangelho, fazer discípulos de todas as nações, alcançar os gentios, e assim por diante – é apenas o cumprimento de um plano cujo esboço pode ser visto em capítulos como esses do Antigo Testamento.

O objetivo central do grande plano eterno de Deus sempre foi o de Sua Igreja encher o mundo com Sua glória. Ele anela para que juntos revelemos Seu caráter e presença, irradiemos

Sua santidade e amor, mostremos Sua autoridade, perfeição e poder. Mas não podemos esquecer de que o objetivo principal do ensinamento do Antigo Testamento sobre a glória de Deus é que ela seja vista somente – como no Calvário – onde há sacrifício abnegado.

### **Glória no e por meio do Sacrifício**

O sacrifício começou com Deus. Ele fez o primeiro sacrifício. Ele derramou o primeiro sangue. Ele sofreu a primeira perda. Em Gênesis 3:16-21, Deus mesmo matou e depois tirou a pele de alguma das criaturas perfeitas que acabara de fazer.

Esse feito ensina muito sobre sacrifício, mas – para este livro – sua importância repousa na revelação de que graça e amor são as razões para o sacrifício divino, não legalismo ou obrigação. No Jardim, Deus estabeleceu o padrão de alto custo pessoal, que foi então seguido por homens e mulheres na medida em que ofereciam a Ele o melhor que tinham em ações de graça, louvor, dedicação, adoração, devoção e comprometimento. Observamos isso, por exemplo, em Gênesis 4:3-5; 8:20–9:17; 22:1-19 e Êxodo 5:1-5.

Mais tarde, no deserto, Deus estabeleceu o padrão de sacrifícios ritualísticos de sangue que Seu povo seguiu fielmente por centenas de anos. Esses enfatizaram a iniciativa graciosa de Deus e a absoluta dependência do povo em relação a Ele.

### **Ações Práticas**

Na medida em que o tempo passou, o sistema foi corrompido – como a graça o é com tanta frequência – e aumentou a percepção de que o sistema não era definitivo. Os profetas começaram a suplicar por um tipo extra de sacrifício; por ações práticas assim como gestos simbólicos, por moralidade pessoal a ser combinada com um ritual legal.

Salmos 50:8-23; 51:16-19; Provérbios 15:8; 21:27; Isaías 1:11-20; 58:1-14; 66:1-4,18-21; Jeremias 6:20; 7:21-28; Daniel 2:38-43; Oséias 8:11-13; Amós 5:21-24 e Miquéias 6:6-8 ilustram esse desdobramento crítico em conhecimento

profético da consciência da vontade de Deus. A maior parte do ensinamento prático no Novo Testamento sobre a vida da igreja tem seus fundamentos em passagens proféticas semelhantes a essas.

A nova compreensão do sacrifício como sendo tanto uma cerimônia que aponta para a nossa expiação em Cristo quanto um contínuo modo de vida santo, alcançou seu apogeu no Antigo Testamento nas quatro canções do servo do Senhor – Isaías 42:1-9; 49:1-6; 50:4-11 e 52:13–53:12. Esses cantos apresentam uma pessoa cuja morte faz expiação sacrificial por outros, e cuja vida é caracterizada por amor, justiça, humildade, sofrimento e auto-sacrifício.

Esses cantos apontam para Jesus. Na realidade, todos os sacrifícios do Antigo Testamento apontam profeticamente para Ele, pois expressam uma necessidade que somente Ele satisfaz plenamente; personificam uma fé que somente Ele pode justificar; e requerem um estilo de vida que somente Ele torna possível.

No Antigo Testamento, a vítima que foi morta pode ter sido um substituto, mas os adoradores sempre tiveram de negar a si mesmos de alguma forma para Deus – eles tiveram de dar a Ele o melhor que tinham. Isso precisa ser lembrado na Igreja atualmente. Jesus pode ter morrido em nosso lugar para cobrir nossos pecados, nos unir uns aos outros e nos trazer para Deus, mas o negar a si mesmo ainda é o ‘ritual’ requerido das vidas que Ele governa.

### **O Segredo da Frutificação**

O sacrifício é fundamental para o ensinamento de Jesus. Tão logo os discípulos perceberam que Ele era o Cristo, Jesus lhes explicou o que isso significava – Mateus 16:21; Marcos 8:31,32 e Lucas 9:22. Quando os discípulos protestaram, Jesus os repreendeu e lhes disse que o requisito divino de auto-sacrifício também se aplicava a eles – Mateus 16:24; Marcos 8:34 e Lucas 9:23. Quando os doze não fugiram, Jesus lhes ofereceu, em Mateus 16:27 e Lucas 9:26, uma pequena mostra da glória. Dentro de poucos dias o Pai a enfatizou de forma majestosa na transfiguração.

Na medida em que se aproximava o sacrifício definitivo de Jesus, Ele ensinou mais claramente a respeito do auto-sacrifício. Observamos isso em Mateus 20:25-27; Marcos 10:41-45; Lucas 22:24-27; Mateus 21:1-11; Marcos 11:1-11; Lucas 19:28-38; João 12:12-16; Marcos 12:28-34; Marcos 12:41-44; Mateus 26:6-13; Marcos 14:3-9; João 12:1-8 e 13:1-16.

E o mais importante de tudo, em João 12:23-33, Jesus ensinou que o auto-sacrifício é o segredo da frutificação, da multiplicação. Antes de qualquer semente poder se multiplicar, ela deve morrer e deixar de existir. Se a semente buscar preservar a própria existência independente, ela permanecerá um simples grão; mas quando morre e desaparece, ela produz uma rica colheita. Jesus aplicou esse princípio tanto para si mesmo quanto para todo aquele que O seguisse. Ele semeou Sua vida como uma semente de fé; Sua morte foi um sacrifício de fé aguardando a colheita futura. Mais uma vez vemos de que forma as Escrituras ligam glória com auto-sacrifício.

A autopreservação leva a nada, exceto à preservação do eu. O auto-sacrifício leva ao crescimento, à glória e à produção de frutos. Nosso chamado na igreja é para morrer para nós mesmos em benefício de outros. Isso é o que Deus está procurando em Seu povo – essa graça e esse amor – que é o segredo do crescimento da Igreja.

A fé foi ligada ao sacrifício pela primeira vez na referência a Abel – Gênesis 4:3-5 e Hebreus 11:4. Desde então, sempre se precisou de fé para oferecer a Deus o nosso ‘eu’ como um sacrifício. Mas quando de fato arriscamos tudo por fé, descobrimos que a morte do ‘eu’ jamais é o fim. A cruz pode ser o símbolo universal da Igreja, mas o túmulo vazio está sempre diante de nós. Auto-sacrifícios piedosos, abnegados, que são motivados pela graça e amor, sempre levam ao crescimento e glória na Igreja.

Deus levantará Sua Igreja nesta vida para novos e maravilhosos níveis de amor. Ele abençoará a Igreja com Seu caráter e presença. Ele usará a Igreja para mostrar ao mundo Sua santidade e amor. Ele revelará Sua autoridade, perfeição e poder por intermédio da Igreja. A glória de Deus encherá aquela pequena

parte da terra onde nós estamos. Haverá glória na Igreja para o povo de nossa nação ver.

O restante deste livro trata do ensinamento do Novo Testamento sobre a Igreja – com os pequenos detalhes. Contudo, em cada seção, lembre-se da figura completa e regozije-se no fato de que cada detalhe foi dado a fim de que a glória de Deus na Igreja seja vista em todas as nações.

Muitos líderes discordam sobre diferentes aspectos da doutrina e vida da Igreja. Sempre que nos depararmos com esse dilema, devemos nos lembrar de que a glória de Deus é vista em sacrifício. A regra abrangente é simples: crescimento e glória resultam de serviço e sacrifício. Todo nosso pensamento sobre a Igreja deve ser norteadado por esse princípio básico.





Parte Dois

# A Igreja de Cristo

Todo crente sabe que a Igreja é ‘a Igreja de Cristo’. Ela pertence a Ele, é a Igreja Dele – o que significa que não é muito correto uma pessoa se referir à ‘minha’ ou à ‘nossa’ igreja.

Contudo, nem todos os crentes percebem que – no sentido exato da palavra – Jesus não ensinou quase nada sobre ‘a Igreja’. Na realidade, Ele a mencionou apenas duas vezes em todo o Seu ensino – em Mateus 16:18 e 18:17. Naturalmente, grande parte do ensino de Jesus é diretamente relevante para a Igreja, embora não se refira à Igreja por nome.

Mateus 16:18 é bastante conhecido. Esse versículo contém a famosa promessa de Jesus de edificar Sua Igreja sobre o fundamento de pedra que é citado na afirmação de Pedro de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo – de que o Messias tão esperado e o poderoso Deus de milagres estavam presentes, em uma única pessoa.

É importante entender que ‘a pedra’ a qual Jesus se referiu não era Pedro, mas a revelação de Cristo dada a Pedro pelo Pai. Todavia, também é importante entender que Jesus é o construtor. Nessa passagem, Ele prometeu construir Sua Igreja – e edificá-la tão poderosamente que as portas do Hades não poderiam prevalecer contra ela.

Os portões de uma cidade eram o lugar onde o conselho da cidade se reunia para deliberar sobre os interesses da comunidade. Jesus está dizendo que as deliberações ou estratégias da morte e do Hades não prevalecerão contra a Igreja. Também

sabemos que os portões são defensivos em vez de ofensivos. Nenhum exército ataca o outro utilizando como arma os portões. Em vez disso, um exército sob ataque se esconde atrás de seus portões, esperando que eles sejam fortes o bastante para manter seus inimigos do lado de fora.

Isso quer dizer que Jesus está mostrando que Sua Igreja será basicamente ofensiva. Ela irá aos portões do Hades para invadir, talvez para resgatar aqueles que são mantidos cativos. E os portões do Hades não prevalecerão; eles não conseguirão suportar o ataque da Igreja.

Como temos visto, o Antigo Testamento induz a Igreja a ir a todas as nações, enchendo a terra com a glória de Deus. E Mateus 16:18 mostra que a Igreja deve ser caracterizada por uma natureza semelhante à de guerra, ofensiva. Consideradas em conjunto, podemos esperar que essas idéias são fundamentais para um ensinamento mais detalhado sobre a Igreja no restante do Novo Testamento.

### **A Oração de Cristo por Sua Igreja**

A oração de Jesus por Seus discípulos em João 17 revela os anseios no coração do Mestre nos momentos que antecederam a Sua morte e proporciona um retrato magnífico do propósito da Igreja na terra. Mais uma vez, esse é um retrato geral que nos fornece uma vista panorâmica dos propósitos de Deus. Os detalhes da vida e doutrina da igreja examinados posteriormente devem ser considerados dentro desse contexto 'abrangente', em vez de estudados isoladamente.

Embora João 17 não se refira especificamente 'à Igreja', o retrospecto – mais o conhecimento das passagens do Antigo Testamento que lemos – torna claro que essa é a intercessão de Jesus por Sua Igreja. Na oração, Jesus roga para que a Igreja seja marcada por cinco características principais:

- A glória de Deus
- A Palavra de Deus
- A alegria de Deus
- A unidade no amor de Deus
- Enviada ao mundo por Deus

## Revelando a Glória de Deus

Não deveria nos surpreender o fato de que a glória é a responsabilidade principal da oração de Cristo, e Ele diz 'glória' ou 'glorificação' oito vezes – nos versículos 1, 4, 5, 10, 22 e 24.

Jesus ora para que Deus se revele a fim de que Sua beleza, majestade, autoridade e santidade estejam claramente presentes na e entre a Igreja. Sabemos que, nos dias do Novo Testamento, Deus se revelou em Jesus: João 1:14 mostra isso. Naturalmente, nem todos reconheceram a glória de Deus em Jesus, e mesmo aqueles que a reconheceram – como na transfiguração – não estavam bem certos do que fazer a respeito dela.

Sabemos também que, atualmente, a glória de Deus deve estar 'na Igreja'. Romanos 8:21 é interpretado repetidamente como 'a gloriosa liberdade dos filhos de Deus', porém uma versão mais precisa é 'a liberdade da glória dos filhos de Deus'. Isso se refere ao desprendimento ou liberdade que experimentamos quando a glória de Deus é revelada entre nós, e é por essa liberdade que Cristo ora em João 17:24.

Assim como Jesus em Sua época, nem todos reconhecerão a glória de Deus quando ela ocorrer em nossos dias, e – do mesmo modo que na transfiguração – os que a reconhecerem não saberão como responder. Todavia, não devemos jamais esquecer que deve haver glória na Igreja por Cristo Jesus, e que essa glória deve trazer unidade para a Igreja, 17:22, e revelação ao mundo, 17:23.

Essa ênfase na glória apresenta atualmente quatro implicações sérias para a Igreja. Ela significa que:

- O entendimento do mundo sobre Deus depende do que ele vê a respeito de Deus e de Suas atitudes e atividades na Igreja.
- A glória de Deus é manifestada na forma humana; não é um brilho espiritual ou uma auréola medieval, é uma dinâmica prática que é vista na vida de crentes enquanto adoram, trabalham e servem juntos.
- Deve haver uma experiência constante da cruz na vida interior de todo membro de igreja, individualmente, e na congregação assim como entre a congregação, de forma corporativa – como fica claro em 2Coríntios 4:7-12.

- A unidade dentro da Igreja e a missão para o mundo são fundamentais para os propósitos de Cristo em relação a nós; elas não são ênfases alternativas a serem escolhidas, mas são os resultados inseparáveis da presença da glória de Deus.

Alguns líderes sugerem que a Igreja deveria focar na unidade, e que isso trará glória a Deus. Outros insistem que a missão deve ser nossa prioridade, e que isso glorificará a Deus. Em João 17, contudo, Jesus ora o inverso. Ele enfatiza que deveríamos nos concentrar em conhecer a glória de Deus – e que isso resultará em unidade e missão.

Isso não significa que a ênfase na missão e unidade esteja errada, mas simplesmente que qualquer ênfase desse tipo deve ser uma resposta amorosa, graciosa, auto-sacrificial a uma experiência vital da presença, beleza, majestade e poder de Deus. Essa é a razão por que, historicamente, a cruz sempre foi importante em cada faceta da vida, adoração, serviço e arquitetura da igreja.

### **Guiado pela Palavra de Deus**

Jesus pregou sobre a Palavra e as palavras de Deus em João 17, referindo-se a elas cinco vezes, nos versículos 6, 8, 14, 17 e 20. A oração de Jesus mostra que Ele quer que a Palavra seja importante para a Igreja. As palavras de Deus, não idéias ou tradições humanas, devem determinar cada aspecto da vida da igreja. João 17 apresenta cinco coisas a respeito da Palavra e da Igreja:

#### **1. A Igreja guarda a Palavra de Deus**

O versículo 6 enfatiza que a Igreja deve ‘proteger’ a Palavra. O verbo grego aqui, *tereo*, significa ‘guardar’ ou ‘manter seguro’ em vez de ‘obedecer’. Isso mostra que a Igreja tem uma responsabilidade especial de manter a Palavra de Deus em segurança e garantir que ninguém adultere, mude, adicione ou tire alguma coisa dela.

Isso não significa que sejamos fiéis a uma tradução específica da Bíblia e a uma interpretação simplista de cada versículo. Ao contrário, significa que devemos trabalhar duro para entender o

cenário histórico, cultural e religioso em que a Palavra foi apresentada, de maneira que possamos nos referir a ela de forma precisa em nossos dias.

## 2. A Igreja ouve a todas as palavras de Deus

O versículo 14 mostra que ‘a Palavra de Deus’ não está restrita às Escrituras, mas inclui também as palavras profeticamente inspiradas de Deus. Jesus não incentivou a Igreja a ser fiel apenas ao Antigo Testamento, mas também a todas as palavras de Deus que Ele mesmo, Jesus, ‘revelou’.

A Igreja deve ouvir cuidadosamente o Espírito Santo para discernir quais palavras de Deus Jesus está revelando atualmente. Elas sempre estarão em conformidade com as Escrituras, mas destacarão certos aspectos da verdade total da Palavra de Deus que sejam especialmente relevantes para a nossa situação – e esses aspectos provavelmente serão diferentes daqueles que foram importantes em um passado recente.

## 3. A Igreja é santificada pela Palavra de Deus

O versículo 17 declara que a Palavra de Deus tem uma função santificadora. O verbo grego *hagiazō* significa ‘separar’, e analisaremos isso na Parte Seis da série *Espada do Espírito*, volume *Conhecendo o Espírito*.

Na medida em que a Igreja permite ser controlada, guiada e dirigida pela Palavra de Deus, ela se torna cada vez mais separada das idéias e atitudes mundanas e cada vez mais comprometida com Deus e Suas atitudes e ações.

## 4. A Palavra é toda a verdade

Os versículos 17 e 19 mostram que a Palavra de Deus é ‘a verdade’. A palavra grega aqui é *aletheia*, que significa a realidade na base de tudo. Ela não se refere apenas a um objetivo específico, verdade ética, mas à verdade em toda sua plenitude e alcance.

Isso significa que a Palavra de Deus não é apenas ‘verdade’, mas que ela é ‘toda a verdade’. Não é apenas uma verdade entre muitas verdades; ela é a verdade além da qual não há outra.

## 5. A Palavra é fundamental para a missão da Igreja

O versículo 20 revela que a Palavra de Deus tem um papel fundamental em levar as pessoas a acreditar em Jesus. A Palavra não é só para ser guardada, estudada, honrada e utilizada no ensinamento; ela é parte da missão da Igreja.

Visto que é a Palavra de Deus que leva as pessoas a crer em Jesus, devemos tornar certo que Sua Palavra é importante para a nossa missão. Novamente, isso não significa que devemos apenas usar citações diretas de determinada tradução das Escrituras; significa ser guiado por Jesus, por intermédio do Espírito, e tomar posse das palavras que Ele concede à pessoa ou situação.

### **Cheio com a Alegria de Deus**

No versículo 13 de Sua oração, Jesus pediu que Sua alegria fosse completa em Seus discípulos. Ele não orou para que *eles* fossem alegres, ou que *sua* alegria aumentasse; em vez disso, Ele orou para que eles fossem totalmente cheios – ou completos – com *Sua* alegria.

Jesus tinha dito isso várias vezes antes – como em João 15:11 e 16:24; e João o Batista havia testificado, em João 3:29, que essa alegria estava completa porque ele havia ouvido a voz ‘do noivo’.

A palavra grega para ‘alegria’, *chara*, está intimamente relacionada à palavra grega para ‘graça’, *charis*. O deleite é o fator comum na alegria e graça; e alegria no Novo Testamento é a resposta humana natural para a graça de Deus. Podemos dizer que Deus se deleita em conceder – isto é, em conceder graça – e que nós nos deleitamos – ou ficamos felizes – quando recebemos Sua graça.

Como a Igreja existe somente e pela graça de Deus, é de se esperar que sejamos caracterizados pela alegria. Vemos que a Igreja do Novo Testamento estava cheia com a alegria de Deus, por exemplo, em Atos 8:8; 13:52; 15:3; Romanos 15:13; 2Coríntios 8:2; Filipenses 1:4,25; 1 Tessalonicenses 1:6; 3:9; 2 Timóteo 1:4; Hebreus 13:17; 1 Pedro 1:8; 1 João 1:4; 2 João 12 e 3 João 4.

Vimos que Isaías 60–66 remete à igreja, 60:5; 61:3 e 61:7 ensinam que a alegria eterna encherá os corações do povo de Deus, 60:7, 61:3 relacionam essa alegria com a glória de Deus; e 61:10 e 61:11 comprovam definitivamente que a alegria é uma consequência da graça. (Podemos considerar Isaías 61:10,11 como um dos retratos do Antigo Testamento mais claros da Igreja, apontando, assim como o faz, para a alegria, graça, salvação, santificação, a noiva, e revelação para ‘todas as nações’.)

### **Unidos no Amor de Deus**

Em João 17, versículos 11, 21 e 23, Jesus orou quatro vezes para que Seus discípulos pudessem ser perfeitamente unidos no amor de Deus. A palavra grega aqui é *hen*, que significa ‘um’. Isso mostra que Cristo está pedindo ‘unidade’ – união em vez de unidade.

Jesus ora para que nós sejamos ‘um como nós’. Isso significa que o modelo de unidade é a relação entre o Pai e o Filho que Jesus descreve em João 1:1; 8:24, 28; 10:38; 14:9-11 e 17:21-23.

Muitos líderes da Igreja enfatizam diferentes aspectos da unidade pela qual Jesus ora. Eles enfatizam, por exemplo, que:

- A unidade de Deus significa que as igrejas deveriam se unir umas às outras de todas as formas possíveis
- A diversidade da Trindade de Deus significa que nossa unidade deve permitir as diferenças denominacionais e tradicionais
- O impacto evangelístico planejado da unidade significa que nossa unidade deve ser manifestada num propósito comum em missão
- A oração de Jesus é uma solicitação a todos os crentes para que trabalhem juntos de forma harmoniosa
- João 14:11,12 quer dizer que nossa unidade deve ser manifestada em poderes miraculosos

Quando consideradas em conjunto, essas ênfases são verdadeiras e úteis. Contudo, elas apresentam uma falha, pois todas colocam a responsabilidade por unidade sobre nossos ombros

mortais. O fato de Jesus orar ao Pai deve pressupor que a unidade da Igreja se origina na ação divina e não no esforço humano. João 17:22 mostra que unidade flui do Pai, para o Filho, para os crentes.

Muitos líderes parecem crer que a unidade é uma união mística que será totalmente vista apenas após a volta de Jesus, mas isso é inaceitável. O versículo 23 diz: “eles sejam feitos perfeitos em unidade”.

O verbo grego é *teleioo*, que significa que a unidade é total, que ela é aperfeiçoada ou completada. O verbo está na forma passiva, o que significa que os crentes devem ser feitos um, em vez de terem de se fazer um. E a escala de tempo é temporal em vez de eterna. Essa unidade não é algo que está reservado para o céu; é para agora, para que nosso mundo possa ser eficazmente desafiado acerca de Jesus.

Veremos mais tarde que essa unidade orgânica é fundamental para a maioria das figuras da Igreja, por exemplo, ‘corpo’, ‘edifício’, ‘templo’, ‘noiva’ e ‘vinho’. Todavia, por hora precisamos apenas reconhecer que a Igreja deve ser caracterizada por unidade e que nossa unidade deve ser:

- Visível o bastante para desafiar o mundo a crer em Jesus
- Edificada em Deus
- Forjada por Deus

A oração de Jesus encerra Sua última ceia ensinando o tema do amor visível, sacrificial, uns pelos outros – incluso em 13:34,35 e 15:12,17. Em 13:35, o resultado é muito semelhante àquele desejado na intercessão de Jesus por unidade em 17:21-23. De qualquer forma, isso sugere uma relação entre amor sacrificial e unidade.

### **Enviada ao Mundo por Deus**

Tudo que vimos sobre a Igreja implica que ir a todas as nações do mundo é fundamental para o propósito da Igreja. Isso é enfatizado na intercessão de Jesus.

Jesus menciona ‘o mundo’ 19 vezes na oração e mostra quatro coisas sobre a Igreja.

- A Igreja é enviada ao mundo – na mesma forma física que Jesus foi enviado ao mundo pelo Pai. A Igreja foi comissionada para ir ao mundo como Jesus, para viver no mundo como Jesus e para desafiar o mundo como Jesus
- A igreja está no mundo, mas não é do mundo. A Igreja é chamada a estar profundamente envolvida no mundo e a estar integrada com o mundo, entretanto, ela é chamada a ser muito distinta do mundo e não influenciada por ele
- A igreja é odiada pelo mundo. A Igreja não será amada e aplaudida pelo mundo quando ela amar com o amor de Deus; ela será odiada e amargamente perseguida. Analisaremos essa oposição na Parte Quatro da série *Espada do Espírito*, volume *O Governo de Deus*.
- A Igreja é guardada do maligno por Deus. A mesma palavra grega ‘para guardar’, *tereo*, é usada nos versículos 6, 11, 12 e 15. Isso significa que a Igreja é guardada por Deus; nós somos protegidos quando o maligno nos ataca; não temos imunidade de todos os seus ataques.

Já vimos que Mateus 16:18 mostra que a Igreja será fundamentalmente ofensiva, e que as portas do Hades não poderão suportar o ataque da Igreja. Como essa promessa de proteção de João 17:15 é colocada no contexto de ir ao mundo com a Palavra e o amor de Deus, deveríamos ser capazes de entender que ela está expressando em diferentes palavras a mesma verdade de Mateus 16:18.

Por toda a Bíblia, a Palavra de Deus enfatiza persistentemente que a Igreja deve ir a todas as nações e encher o mundo com a glória de Deus. Em João 17, Jesus deixa claro que a Igreja realmente foi enviada ao mundo para que o mundo creia e para que a glória de Deus seja vista. Se não formos uma Igreja focada na missão, não estaremos de fato funcionando como *Sua* Igreja.

Esse princípio básico deve ser mantido continuamente em mente quando analisamos o ensinamento mais detalhado do Novo Testamento sobre doutrina, estrutura, vida e propósito da Igreja.



# O Ajuntamento

A palavra ‘igreja’ tem muitos significados populares. Em um dicionário, ela geralmente é definida como ‘um lugar público para a adoração cristã’, o ‘templo cristão’, e as pessoas mais simples pensam automaticamente em um edifício quando ouvem a palavra ‘igreja’.

Outras pessoas confundem a palavra ‘igreja’ com reuniões cristãs. Elas perguntam: “Você vai à igreja amanhã?”, quando na realidade querem dizer: “você vai à reunião ou ao culto?”

Alguns crentes associam ‘igreja’ a uma denominação específica. Eles perguntam: “A qual igreja você pertence?” “Anglicana, Batista, Pentecostal, Católica...?” E algumas pessoas pensam em ‘igreja’ como o ministério profissional ‘ordenado’ e falam sobre alguém ‘indo à igreja’.

Na língua inglesa, a palavra ‘church’ (igreja) vem da palavra bizantina *kurike*, que significa ‘pertencente ao Senhor’; mas a palavra grega *ekklesia* é a palavra do Novo Testamento para igreja, e significa literalmente ‘chamados para fora’.

*Ekklesia* deriva de duas palavras gregas: *ek* ‘fora de’, e *klesis*, ‘um chamado’. Isso deveria nos fazer pensar no nome de Jesus para o Espírito Santo. Cinco vezes em João 13–17 Jesus se refere ao Espírito como o *Parakletos*, que significa ‘aquele que anda ao lado’.

De alguma forma o sentido do ‘chamado de Deus’ é fundamental tanto para o Espírito quanto para a Igreja – e também para a nossa vida no Espírito e nossa vida na Igreja. Analisaremos posteriormente a relação entre o Espírito e a Igreja.

## ***Ekklesia***

A palavra grega *ekklēsia* é usada no Novo Testamento mais de cem vezes, e é mais comumente identificada como ‘a Igreja de Cristo’. Vemos isso no livro de Atos 20:28; 1Coríntios 1:2; 11:22; 15:9; 2Coríntios 1:1; Gálatas 1:13; 1Tessalonicenses 2:14 e 1Timóteo 3:15. Isso mostra que a Igreja tem sido chamada por Deus, que pertence a Ele, que é Sua Igreja.

## **O Panorama Grego**

Quando Jesus falou sobre ‘edificar Sua *ekklēsia*’, em Mateus 16.18, Ele não inventou uma nova palavra que não tinha sentido para Seus discípulos. Ele usou uma palavra do dia-a-dia que eles entendiam plenamente, e reivindicou essa palavra para Si mesmo. Se quisermos compreender corretamente o ensinamento do Novo Testamento sobre a Igreja, devemos primeiro entender o que a palavra *ekklēsia* significava naquela época.

Na Grécia, a *ekklēsia* era o eleitorado de uma cidade. O arauto, ou *kerux*, convocava todos os homens livres da cidade para o conselho onde discutiriam e votariam. Esse ajuntamento era ‘a assembléia’ ou *ekklēsia*. No Novo Testamento, pregar o evangelho significa ‘proclamar como um ‘arauto’ que vem do verbo *kerusso*, e o conteúdo da mensagem é o *kerugma*.

Vimos que *ekklēsia* significa literalmente ‘chamados para fora’, e isso se refere ao chamado dos cidadãos pelo arauto. Naquela época, contudo, *ekklēsia* tinha o significado de ‘o ajuntamento’ ou ‘assembléia’, que era o resultado das convocações do arauto.

Atualmente, nos aproximamos mais do significado original de *ekklēsia* quando pensamos na Igreja como ‘o ajuntamento de Deus’. Fomos chamados para fora do mundo para sermos reunidos em um relacionamento com Cristo.

Na Grécia, toda *ekklēsia* cidadina tinha poderes ilimitados. Ela elegia e demitia magistrados, generais e outros líderes militares. Era responsável pela condução de todas as operações militares. Levantava e alocava fundos para apoiar suas campanhas. Declarava guerra e fazia a paz. Nomeava tropas para diferentes tarefas e as enviava para lutar em nome da cidade.

Com esse pano de fundo contemporâneo, Mateus 16:18 se torna ainda mais claro. Fica claro que a *ekklesia* de Jesus se comportará como todas as outras: será essencialmente militante no caráter. Se não percebermos esse princípio básico, entenderemos mal grande parte do ensinamento do Novo Testamento acerca da Igreja.

De maneira interessante, cada reunião da *ekklesia* grega começava com oração e sacrifício, e todos os cidadãos livres tinham direitos iguais e deveres iguais. Nenhum membro era considerado mais importante que outro. Sem nos alongarmos demais nesse retrato da democracia grega, encontramos aqui algumas idéias muito importantes por trás do uso da palavra *ekklesia* no Novo Testamento. Portanto, podemos pressupor que encontraremos princípios semelhantes no ajuntamento de Jesus, a Igreja que é governada por Deus.

### **Panorama do Antigo Testamento**

As idéias do Novo Testamento sobre *ekklesia* foram muito mais influenciadas pelas Escrituras hebraicas do que pela sociedade helenista. Na versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, *ekklesia* era usada como a palavra para ‘a congregação’ de Israel. *Ekklesia* era usada para traduzir a palavra hebraica *qahal* – que deriva do verbo ‘convocar’. *Qahal* significa literalmente ‘uma assembléia convocada’.

Israel era o povo remido de Deus que fora libertado da escravidão e convocado do Egito para ser governado por Deus na terra da promessa. Sua redenção foi a base de seu ajuntamento.

Infelizmente, a maioria das traduções inglesas da Bíblia verte ambas, *qahal* e outra palavra hebraica, *edah*, como ‘congregação’. *Qahal*, contudo, se refere às ‘pessoas’ que foram reunidas, ao passo que *edah* se refere ‘ao acontecimento’.

*Qahal* aparece quase 130 vezes no Antigo Testamento e geralmente é traduzida para o inglês em uma das três formas diferentes:

- Congregação – por exemplo, Levítico 16:17,33; Números 10:7; 20:10; 1Reis 8:14; 1Crônicas 29:20; 2Crônicas 6:3;

Esdras 2:64; Salmos 22:22 e Joel 2:16

- Assembléia – Gênesis 49:6; Êxodo 12:6; Números 14:5; Deuteronômio 5:22; Juízes 20:2 e Jeremias 50:9
- Companhia – Gênesis 35:11; Números 22:4; Jeremias 31:8

Isso revela muito a respeito da compreensão dos tradutores ingleses sobre a Igreja, de forma que não verteriam a palavra *qahal* de uma única maneira. Em vez disso, traduziram-na pelo contexto: se o cenário era de adoração, eles a traduziam como ‘congregação’; se era administrativo, eles a chamavam de ‘assembléia’; e se era militar, a chamavam de ‘companhia’.

Entretanto, é a mesma palavra e o mesmo povo de Deus. Eles haviam sido reunidos para Deus para adorarem, para se organizarem e para lutarem. Precisamos incorporar de alguma forma todos os sentidos bíblicos de *ekklesia* e *qahal* em nosso entendimento básico da Igreja.

Atos 7:38 se refere a Israel como ‘a igreja no deserto’, e podemos perceber agora que não se tratava de linguagem figurada, mas uma descrição exata do povo reunido de Deus. Falaremos sobre as relações entre Israel e a Igreja na Parte Seis, mas, por enquanto, podemos aprender quatro verdades sobre a Igreja de Deus a partir da ‘igreja’ do Antigo Testamento.

## I. Recolhidos do mundo

Oséias 11:1-12 descreve notoriamente Israel como amado e chamado do Egito. Deus chamou o povo de Israel e o recolheu do Egito, trazendo-o para a Terra Prometida.

- O povo foi redimido da escravidão no Egito.
- Ele passou pelas águas do mar Vermelho.
- Ele sofreu provas e tentações no deserto.
- Ele derrotou seus inimigos.
- Ele entrou em Canã.

Tudo isso indicou o recolhimento espiritual da Igreja da escravidão do pecado – por meio da redenção, batismo, fortalecimento e batalha espiritual – para a nossa herança prometida e destino glorioso.

Sabemos que a ‘salvação’ de Israel se deveu completamente à soberana intervenção de Deus: foi Sua obra de graça. Eles não podiam libertar a si mesmos da escravidão, eles não podiam atravessar o mar Vermelho ou derrotar os exércitos de Faraó pelas próprias forças; eles não podiam sobreviver no deserto sem a direção e a provisão de Deus – e assim por diante.

Isso é exatamente igual para a Igreja. Somos o ajuntamento de Deus. Ele nos ama e nos chama do mundo. Ele nos reuniu para Si por uma imensa obra de graça. Sem Seu amor, Sua intervenção soberana, Sua salvação, Sua força, Sua orientação e Sua provisão, não haveria Igreja.

Isso significa que podemos pressupor que o ensino do Novo Testamento sobre a Igreja enfatize essas idéias de chamado, graça e dependência total de Deus.

## 2. Reunidos

Israel foi chamado por Deus para ser uma comunidade, uma nação. Os filhos e filhas de Abraão foram reunidos e sua experiência de Deus foi essencialmente coletiva.

- Eles deixaram o Egito juntos.
- Eles atravessaram o mar Vermelho juntos.
- Eles comeram e beberam juntos.
- Eles atravessaram o deserto juntos.
- Eles enfrentaram seus inimigos juntos.
- Eles experimentaram Deus juntos.
- Eles entraram em Canaã juntos.

É o mesmo com a Igreja. O chamado de Deus não é apenas uma questão particular, e a salvação não é apenas um interesse pessoal. Somos irmãos e irmãs em Cristo. Somos uma nova nação, um corpo, um edifício, e assim por diante. As cartas do Novo Testamento foram escritas para grupos de pessoas que haviam sido reunidas em locais específicos. Sem essa forte dinâmica comunitária, a igreja reunida não tem sentido.

Isso significa que podemos prever que o ensinamento do Novo Testamento sobre a Igreja enfatizará as relações de amor, unidade, cuidado prático, perdão e aceitação mútua.

### 3. Reunidos para um relacionamento

O povo de Israel não foi reunido sem objetivo. Ele foi reunido para que pudesse desfrutar um relacionamento com Deus. Ele foi chamado para ser *Seu* filho, *Seu* povo, *Sua* nação.

As alianças de Deus com Abraão e Moisés em Gênesis 17 e Êxodo 6 foram a base para esse relacionamento. Nessas duas passagens, Deus prometeu tomar Israel como Seu povo e ser Seu Deus. Deus prometeu habitar entre Seu povo, e vemos isso na coluna de fogo, no tabernáculo e no Templo.

É o mesmo com a Igreja. Jesus é Emanuel, 'Deus conosco'. O Espírito Santo foi chamado para nosso lado, para estar conosco. Nosso relacionamento pessoal e coletivo com Deus é a base de tudo.

Quando Jesus 'chamou' pela primeira vez os doze discípulos, o texto de Marcos 3:13 mostra que foi para que pudessem 'estar com Ele'. Foram chamados juntos para um relacionamento com Jesus, e seu 'envio' para lidar com o inimigo resultou esse relacionamento.

Isso significa que podemos pressupor que o ensino do Novo Testamento sobre a Igreja enfatize a prioridade de nosso relacionamento com Deus, destaque interesses como se reunir para oração, adoração, louvor e comunhão.

### 4. Reunidos para um destino

O chamado de Abraão em Gênesis 17:1-8 incluiu uma promessa, um propósito, uma herança e um destino. Isso é demonstrado em Hebreus 11:8. O povo de Deus foi chamado para fazer uma viagem a um destino claramente definido – a terra prometida de Canaã.

É o mesmo com a Igreja. Fomos recolhidos de nosso 'Egito' para uma jornada em direção à nossa herança prometida – há um vislumbre disso em 1Timóteo 6:12. Somos herdeiros de Deus, co-herdeiros com Cristo, e recebemos o Espírito Santo como a garantia de nosso destino eterno.

Sabemos que a Igreja foi reunida para um propósito 'glorioso'. E devemos começar a nos enxergar como estando verdadeira-

mente reunidos no curso do plano eterno de Deus. Deus está chamando para Si um povo, vindo de toda nação, cujo destino é a glória. E somos parte disso.

De uma forma maravilhosa que não entendemos nem percebemos, estamos unidos por meio da cruz a um número incontável de crentes em cada país e continente do mundo. E estamos unidos à grande multidão de irmãos e irmãs que estão reunidos em torno do trono do Cordeiro de Deus, com os crentes que já estão habitando em Sua glória, em Seu reino celestial.

Estamos sendo implacavelmente atraídos por Deus para um destino final maravilhoso que é mostrado em Efésios 4:13. Assim como os filhos de Israel sabiam que iam alcançar a Terra Prometida, do mesmo modo também a Igreja chegará à unidade da fé. Nós *chegaremos ao* conhecimento do Filho de Deus. Nós *formaremos o homem perfeito*. Nós *seremos* totalmente maduros com a plenitude de Cristo. *Seremos* cheios com a plenitude de Deus. *Seremos* unidos a todas as coisas no céu e na terra sob uma cabeça, Jesus Cristo.

### **Expressões de Ekklesia**

Vimos que, na época do Novo Testamento, *ekklesia* era um termo familiar para povo de Deus. Estimulava a idéia de que Deus estava preparando um povo que Lhe traria glória e por meio do qual Ele poderia mostrar Seu amor, graça e poder a todas as nações.

O Novo Testamento, contudo, não utiliza o termo *ekklesia* para descrever a Igreja de uma única forma. Em vez disso, *ekklesia* é utilizado para apresentar a Igreja de três formas diferentes, porém complementares.

Pelo termo *ekklesia*, somos introduzidos aos conceitos de:

- A Igreja universal
- Igrejas locais
- Igrejas nas casas

Cada uma dessas formas de manifestar *ekklesia* é válida em si mesma.

Um entendimento mais completo da Igreja, entretanto, só pode ser alcançado compreendendo-se todas as três expressões.

## A Igreja Universal

Essa Igreja é formada por todos os cristãos autênticos em todo lugar – na terra e no céu. É todo o grupo de crentes, tanto vivos quanto mortos, quase sempre citado respectivamente como a ‘igreja militante’ e a ‘igreja triunfante’.

Isso significa que nenhum ajuntamento de igreja ou agrupamento denominacional na terra pode ser corretamente considerado a Igreja universal.

Ela é invisível e não tem manifestação própria. Em vez disso, ela se manifesta na terra por meio de *todas* as igrejas locais e *todas* as igrejas nas casas.

A Igreja universal é mencionada, por exemplo, em Efésios 1:22; 3:10,21; 5:23-27,32; 1Coríntios 10:32; 12:28; Filipenses 3:6; Colossenses 1:18,24 e 1Timóteo 3:15.

## Igrejas Locais

Embora o termo ‘igreja local’ nunca ocorra no Novo Testamento, os crentes eram identificados como parte da *ekklesia* em uma área ou cidade específica – a igreja em Éfeso, Corinto etc. Algumas dessas ‘igrejas metropolitanas’ eram enormes e provavelmente formadas por muitas igrejas diferentes da ‘comunidade’ ou ‘da casa’. Observamos isso, por exemplo, em Atos 13.1; Romanos 16:1; 1Coríntios 1:2; 16:19; Gálatas 1:2; 1 Tessalonicenses 1:1; Colossenses 4:16 e Apocalipse 2:1–3:22.

É importante reconhecermos que uma ‘igreja local’ do Novo Testamento não corresponde ao que normalmente se chama de ‘igreja local’ atualmente. As igrejas locais modernas geralmente são unidades de *ekklesia* menores do que uma igreja de uma região urbana ou rural. Infelizmente, elas quase sempre funcionam independentemente da maioria das outras igrejas em sua vizinhança. Não era assim no Novo Testamento quando todas as igrejas em uma cidade ou região se uniam e cooperavam juntas como a igreja naquela área.

Por exemplo, quando Paulo escreveu à igreja em Corinto, não era uma pequena assembléia da comunidade que ficava escondida em uma travessa atendendo a uma área insignificante. Ele

escreveu para uma igreja metropolitana que tinha muitas congregações e reuniões por toda a cidade. A igreja local em Corinto era a igreja por toda a cidade.

### **Igrejas nas Casas**

As residências eram maiores na época do Novo Testamento e eram vistas como comunidades por direito nato, então as igrejas naturalmente se desenvolveram dentro dessas estruturas sociais. Não havia edifícios específicos para igrejas na época, então as residências eram o lugar comum para os crentes se reunirem.

Podemos proveitosamente chamar essas expressões familiares de *ekklesia* de 'igrejas nas casas', e as encontramos mencionadas em Romanos 16:5; 1Coríntios 16:19; Colossenses 4:15 e Filemom 1:2.

Essas poucas referências à 'igreja nas casas' são um testemunho importante do Espírito quanto ao desejo de Jesus de ver a igreja manifestada nas menores comunidades, penetrando cada parte da sociedade com expressões plausíveis de comunidade cristã. Essas 'igrejas comunitárias' faziam tudo que sugeria a palavra *ekklesia*; elas tinham liderança, e faziam tudo que as igrejas deveriam fazer. Eram unidades de *ekklesia* bem treinadas, mas não 'igrejas' independentes ou isoladas. Eram mais partes independentes de um todo maior; isto é, parte da igreja da cidade grande, ou de outra área. É bem possível que a liderança da igreja em uma área específica fosse extraída dos líderes da igreja em casa.

Então, o que chamamos atualmente de 'igrejas locais', no geral, se aproxima mais de 'igrejas em casa' do Novo Testamento do que 'igrejas metropolitanas' ou igrejas identificadas com uma área específica no Novo Testamento.

É importante que entendamos essas distinções para que não tentemos aplicar os princípios e exemplos das igrejas das grandes cidades do Novo Testamento às igrejas locais modernas. Por exemplo, o texto de 1Coríntios foi escrito para toda a igreja em Corinto, para todos os crentes de Corinto, isto é, para um grupo interdependente de igrejas em casa. Entretanto, seu ensinamen-

to geralmente é aplicado às igrejas locais de hoje, que diferentemente das ‘igrejas locais’ do Novo Testamento, são quase sempre congregações individuais, isoladas e independentes.

Isso significa que uma passagem como 1Coríntios 11:18 é usada por líderes para lidar com divisões dentro de suas congregações em vez de curar a desunião entre elas. E passagens como 1Coríntios 12:1-30 geralmente são aplicadas de forma congregacional em vez de coletiva.

É claro que cada passagem a respeito da Igreja universal ou cidadina é relevante para as igrejas da comunidade. Entretanto, a diferença entre as aplicações mencionadas deve ser considerada.

Tudo isso enfatiza que não há uma manifestação única completa da Igreja universal na terra. Em vez disso, há muitas expressões terrenas da Igreja. Essas não ousam ser exclusivas, separadas ou independentes – pois são unidas a Cristo e, por meio Dele, são unidas umas às outras.

### **Igrejas Denominacionais**

É de conhecimento comum que nos tempos do Novo Testamento não havia igrejas denominacionais como as que conhecemos atualmente. Essas foram um desdobramento da história posterior da Igreja. Isso não significa que não há espaço para denominações, mas significa que deveríamos cuidar para que essas estruturas estejam em conformidade com os princípios de *ekklesia* do Novo Testamento e que elas enfatizem e não depreciem a manifestação de *ekklesia* do Novo Testamento no mundo atual.

Temos visto que *ekklesia* é usada de três maneiras principais no Novo Testamento: a Igreja universal, a igreja local e a igreja em casa. É importante reconhecer que *ekklesia* nunca se refere aos cristãos em uma ampla área geográfica ou toda uma nação. Não há essa coisa de ‘igreja nacional’ no Novo Testamento. Expressões que usamos atualmente como ‘A Igreja da Inglaterra’, ou ‘A Igreja Batista’ ou ‘A Igreja Pentecostal’ não encontram correlação no Novo Testamento.

A referência mais próxima a uma igreja em uma ampla área geográfica no Novo Testamento é Atos 9:31, que em alguns tex-

tos diz: “A igreja em toda Judéia, Galiléia e Samaria tinha paz e era edificada”. Outros textos se referem às igrejas. Seja qual for a interpretação que adotemos, esse versículo não ensina que *ekklesia* possa ser usada para uma grande área geográfica, visto que Atos 9:31 se refere à igreja em Jerusalém que havia sido dispersada pelas redondezas após a perseguição de Saulo, conforme registro em Atos 8:1.

Como deveríamos, então, reagir às denominações e estruturas de ‘igreja nacional’ atualmente? É claro que há alguns benefícios a desfrutar e alguns perigos a evitar. Uma estrutura nacional de igrejas pode ser uma testemunha importante do fato de que *ekklesia* é mais amplo do que qualquer manifestação local desse termo.

No fim das contas, há somente uma *ekklesia*, uma Igreja da qual Jesus é o cabeça. Jesus vai voltar por uma noiva, não por um harém! Sua Igreja é formada por todos os crentes de todos os lugares, e redes ou denominações nacionais são testemunhas importantes dessa universalidade do corpo de Cristo. Contudo, é fundamental que as denominações não se vejam como manifestações independentes, exclusivas ou superiores da Igreja, mas organizações e estruturas humildes que facilitam a manifestação da *ekklesia* em todos os níveis, e compartilham respeito mútuo e interdependência com outras estruturas semelhantes, em termos locais, nacionais e até mesmo internacionais. Qualquer coisa menos que isso é cismática e divide o corpo de Cristo.

Mesmo com o Novo Testamento podemos rastrear diferentes ‘correntes’ ou ‘famílias’ de igrejas. Diferentes líderes apostólicos plantaram igrejas com ênfases e estilos inegavelmente refletidos, de acordo com suas origens, caracterização congregacional e localização geográfica. As igrejas paulinas podem ter sido distintas, em alguns aspectos, das igrejas de Pedro, ou daquelas influenciadas pelo apóstolo João, ou por Apolo e assim por diante. Entretanto, não se pode enfatizar que não havia nada cismático sobre essas ‘correntes’, visto que faziam parte do único rio, o único fluxo do poder e personalidade de Cristo como o cabeça da Igreja. É por isso que o ensinamento de Paulo em 1Coríntios 3:1-

4 é fundamental para a nossa *idéia* sobre o que significa fazer e ser *ekklesia* atualmente.

Acima de tudo, as estruturas denominacionais devem manifestar e promover a unidade de toda a Igreja de Cristo e se concentrar em facilitar a manifestação de *ekklesia* em termos do local e da comunidade.

### **Princípios de *Ekklesia***

No Novo Testamento, a igreja era simplesmente um ajuntamento informal de cristãos. Embora o relacionamento esteja no coração da *ekklesia*, a igreja do Novo Testamento era muito mais que comunhão informal em uma grande reunião ou uma pequena casa.

Parece haver quatro princípios bíblicos básicos que devem funcionar antes que um grupo de crentes possa ser considerado uma igreja.

### **Liderança**

Embora a igualdade de *status* e valor seja fundamental para a *idéia* de *ekklesia*, isso não significa que também deve haver igualdade de função. As assembleias metropolitanas gregas nomeavam pessoas diferentes para serem magistrados e gerais, sem ter a intenção de que um fosse mais importante que o outro. Eles tinham funções diferentes, porém *status* e valor iguais. Deve ser o mesmo na Igreja.

A liderança é vital para a *ekklesia*. Cada corpo deve ter forma e função, e a liderança deve estar presente na vida da igreja. Cristo é 'o líder', e Ele delega a sublídere humanos a responsabilidade pelo cuidado espiritual e bem-estar de seus membros. Contudo, isso não significa que os líderes tenham um *status* mais elevado e maior valor do que os outros membros. Eles simplesmente têm uma função distinta. Examinaremos isso na Parte Oito.

### **Diaconia**

Para ser uma manifestação autêntica de *ekklesia*, o grupo deve aceitar todo o encargo que Cristo, o cabeça, deu à Igreja, Seu corpo. Grupos que se reúnem por um ou dois propósitos – como

evangelismo, cura ou comunhão – não são exatamente uma igreja. Igreja significa fazer tudo que estudaremos na Parte Nove.

### **Filiação**

Não pode haver uma igreja identificável sem membros identificados. As assembléias cidadinas gregas tinham listas completas dos homens livres da cidade, e todos tinham direitos específicos, responsabilidades e tarefas. Para a idéia de *ekklesia* é totalmente fundamental que cada um saiba quem é e quem não é um membro do ajuntamento. Os líderes são chamados a treinar membros para o ministério; isso é impossível sem alguma forma de filiação visível e ativa.

Contudo, os crentes do Novo Testamento eram membros de uma igreja em casa e de uma igreja local e da Igreja universal; e nós precisamos trabalhar duro para desenvolver e encorajar uma abordagem tripartite semelhante para a filiação da igreja.

### **Parceria**

Nenhuma manifestação da Igreja é um grupo isolado cortado do restante do corpo. Há apenas ‘Uma Igreja’, e cada manifestação da *ekklesia* deve estar em parceria com todas as outras partes. Unidade e cooperação são vitais para qualquer manifestação convincente da *ekklesia*.

### **O Desafio da *Ekklesia***

Esses quatro princípios, e o panorama histórico grego e do Novo Testamento para *ekklesia*, desafiam muitas atitudes e práticas distintas que são comuns nas igrejas atuais. Precisamos, em especial, trabalhar cuidadosamente as três questões básicas a seguir, se quisermos ter um entendimento bíblico verdadeiro da Igreja.

### **Edifícios**

Apesar de a maioria dos crentes modernos saber que ‘a igreja’ não é um edifício, muitos ainda se comportam como se o edifi-

cio fosse o coração da igreja. Geralmente o que ocorre no edifício está lá, é para a igreja deles. A idéia presa ao edifício restringe a igreja, pois o tamanho, forma e estrutura de um edifício podem limitar e impedir atividades. Qualquer igreja cuja visão é governada por seu edifício dificilmente é uma igreja bíblica.

É óbvio que precisamos de edifícios em nosso clima e cultura ocidental, mas eles são ferramentas que não se deveria permitir venerar nem substituir a identidade real da Igreja. Não devemos esquecer jamais que a Igreja primitiva não tinha quaisquer edifícios construídos com propósito, e muitas das igrejas de crescimento rápido na África, América Latina e Ásia não possuem edifícios imponentes ou extravagantes.

### Reuniões

Alguns crentes modernos confundem 'igreja' com 'reuniões' da mesma forma que algumas traduções da Bíblia confundem *qahal* com *edah*. É quase como se elas pensassem que cumprem o propósito da Igreja tendo cada vez mais reuniões.

Entretanto, se 'igreja' se limitar a reuniões, a igreja deixa de existir quando a reunião acaba. É assim exatamente que muitos crentes se comportam. Quando deixam a reunião (ou o edifício), sentem que deixaram a igreja até a próxima visita ou reunião.

Não somos *ekklesia*, contudo, porque nos reunimos; reunimo-nos porque somos *ekklesia*. Igreja é tanto um relacionamento eterno quanto uma série de responsabilidades terrenas, e a maioria das igrejas parece perder poder e vitalidade quando sua vida e missão são formalizadas principalmente em reuniões.

### Organizações

A Igreja é um organismo vivo que deve sua vida a Deus e não à organização humana. Ela é a Igreja de Deus, e ela existe somente por Sua graça, poder e iniciativa soberana. Como edifícios e reuniões, a organização deve ter o papel de planejar a *ekklesia*, mas não deve dominar.

Organização excessiva leva a métodos inúteis, uma confusão de objetivos e estruturas enfadonhas. Objetivos institucionais po-

dem substituir alvos espirituais. Motivos comerciais e práticas seculares se infiltram. A ambição substitui o serviço. Estruturas hierárquicas de liderança são emprestadas da vida empresarial. A disciplina da igreja é confundida com disciplina organizacional. E excesso de organização tira devagarzinho a vida e a flexibilidade da Igreja.

Ao longo da História, Deus continuou soprando vida nova em Sua Igreja por meio de Seu Espírito. Os crentes sempre apreciaram o renovo espiritual; mas depois eles o organizaram; e finalmente o arregimentaram. O plano de Deus para a Igreja é renovo contínuo em uma jornada constante ao destino glorioso. Devemos sempre estar nos movendo com Deus, mas repetidas vezes isso é frustrado por nosso amor humano por organização, conservação e preservação.

Da menor igreja em casa até a maior igreja metropolitana, toda manifestação de *ekklesia* deve ser liderada por Cristo. A *ekklesia* – o maior exemplo da vontade e propósito de Deus na terra, o corpo dentro do qual Ele escolheu revelar Sua glória a todas as nações – deve ser servida e facilitada pela organização, não dominada, manipulada ou impedida por ela.

Por definição, uma igreja reunida e que reúne deve sempre estar ativa. Deve estar sempre procurando maneiras relevantes de libertar cativos, revelar glória e se relacionar em amor uma com a outra. Devemos estar sempre avançando em direção à herança prometida de glória que Deus apresenta diante de nós.



## Parte Quatro

# A Comunhão

Enquanto *ekklesia* é a principal palavra grega que o Novo Testamento usa para identificar ‘a Igreja’, há um segundo grupo importante de palavras gregas que a Bíblia também utiliza para descrever a Igreja.

*Koinos* é a palavra grega que significa ‘comum’, e uma família de palavras baseadas nesse radical é usada em relação à Igreja.

*Koinonia* significa ‘participar junto tendo um propósito comum claro’, e é traduzida em vários lugares como ‘comunhão’, ‘companheirismo’, ‘comunicação’, ‘contribuição’ e ‘distribuição’. Vemos isso, por exemplo, em Filemom 1:6; 2Coríntios 6:14; Romanos 15:26; 2Coríntios 9:13 e Atos 2:42.

*Koinonos* significa ‘uma pessoa que participa com outros em um propósito comum’ e é traduzida no Novo Testamento como ‘companhia’, ‘parceiro’ e ‘participante’. Aparece em Hebreus 10:33; 1Pedro 5:1 e Lucas 5:10.

*Koinoneo* significa ‘participar junto’ e é traduzida como ‘ter comunhão’ ou ‘comunicar’. Embora ‘comunhão’ não seja um verbo, é a forma literal de traduzir essa palavra.

*Sunkoinonos* significa ‘uma pessoa que participa junto em um propósito comum claramente identificado’. É traduzida como ‘uma companhia em’ e ‘um participante em’. Aparece em Romanos 11:17; 1Coríntios 9:23; Filipenses 1:7 e Apocalipse 1:9.

*Sunkoinoneo* significa ‘participar com ou em alguma coisa’ e é traduzida como ‘ter comunhão com’, ‘compartilhar em’, ‘par-

participar de' e 'comunicar com'. Vemos isso em Efésios 5:11; Filipenses 4:14 e Apocalipse 18:4.

O grupo de palavra *koionos* mostra que, como crentes, participamos juntos nas coisas de Deus. Essa é 'a comunhão, ou companheirismo dos santos', é a razão pela qual o termo 'comunhão' descreve tão precisamente a Igreja.

Assim como *ekklesia*, *koinonia* se refere ao relacionamento que temos – pela cruz e pelo Espírito – com Deus e uns com os outros. Alguns crentes modernos consideram *koinonia* como uma das atividades da igreja: o que acontece no final dos cultos. Todavia, comunhão engloba tudo que temos, somos e fazemos como crentes. É outra palavra para 'Igreja' – e essa é a razão que alguns grupos se denominam 'A Comunhão'.

### **O Que É Comunhão?**

Assim como muitas idéias que as pessoas têm sobre 'igreja' normalmente apresentam pouca semelhança com *ekklesia*, do mesmo modo ocorre também com 'comunhão' e *koinonia*. Qualquer coisa que surja em nossas mentes quando alguém menciona a palavra comunhão pode ser bem diferente do significado de *Koinonia* no Novo Testamento.

A forma mais simples de entender comunhão bíblica é 'compartilhar com alguém de alguma coisa'. Isso significa que há dois requisitos básicos para a comunhão de acordo com a Bíblia.

- O sentido de 'estar junto' é essencial, pois é impossível ter comunhão sozinho, isolado. Assim como tudo que tem a ver com a Igreja, a comunhão é coletiva: é baseada em relacionamentos.
- Deve haver um propósito comum na origem, pois é impossível haver comunhão sem propósito. Comunhão significa 'participação em alguma coisa com outras pessoas', em vez de apenas 'associação com outras pessoas'.

Esses dois requisitos básicos devem revolucionar nosso entendimento a respeito da comunhão – e, talvez, nos fazer dar um novo nome a essas xícaras de café pós-culto!

No Novo Testamento, 'comunhão' é descrita de três formas complementares:

- Participar de algo
- Dar uma parte de algo
- Compartilhar de algo com alguém

É preciso perceber que comunhão bíblica engloba todos esses aspectos de participação, e não apenas um ou dois deles.

Compartilhar no Novo Testamento se Refere ao Seguinte:

- Sócios em uma empresa ou negócio comum – 2Coríntios 8:4,23 e Lucas 5:10.
- Compartilhar de uma experiência em comum – por exemplo, perseguição, Hebreus 10:33; Apocalipse 1:9; sofrimento, 2Coríntios 1:7; adoração, 1Coríntios 10:18; assassinato, Mateus 23:30
- Compartilhar de um privilégio em comum – Romanos 11:17 e 1Coríntios 9:23
- Compartilhar de uma realidade espiritual em comum – Filipenses 1:7; 1Pedro 5:1 e 2Pedro 1:4
- Compartilhar do pecado – Efésios 5:11; 1Timóteo 5:22; 2João 1:11 e Apocalipse 18:4.
- Compartilhar de uma atividade espiritual em comum – 1Coríntios 10:16
- Compartilhar de e com o próprio Deus – 1Coríntios 1:9; 2Coríntios 13:14; Filipenses 2:1; 3:10 e 1João 1:3.

### **Dar uma Parte**

Embora a comunhão no Novo Testamento geralmente se refira a 'compartilhar de alguma coisa com alguém', há várias passagens em que comunhão significa 'dar uma parte de algo para alguém'. Isso sugere que comunhão está intimamente ligada com generosidade e graça.

Observamos isso em Romanos 15:26; 2Coríntios 8:4 e 9:13. E provavelmente seja esse o significado por trás de Filipenses 1:5 e Filemom 1:6. Essas duas últimas passagens são mais compreensíveis quando as interpretamos como Paulo agradecendo a Deus pelo generoso apoio financeiro de Filemom e também dos filipenses ao ministro do evangelho, em vez de agradecer a Deus por estar de fato pregando o evangelho.

O contexto presente em Atos 2:44 e 4:32 também sugere que a comunhão tinha mais a ver com ‘dar’ do que ‘ter’. Muitos líderes no passado acreditavam que Atos 2.42 era a ‘ordem litúrgica do culto’ da Igreja primitiva, e que a ‘comunhão’ deles era nossa ‘oferta’.

No grego, porém, essas passagens se referem ‘à comunhão’, o que provavelmente implique uma comunhão formalmente constituída. Isso teria incluído a oferta, talvez até mesmo como a manifestação central da comunhão.

### **Compartilhando**

Há uma passagem sobre ‘comunhão’ que é menos simples, mas fácil de entender. Gálatas 2:9 se refere ‘às destros da comunhão’, e nós sabemos de fato o que isso significa exatamente. Pode ter sido um símbolo de boa vontade e bênção, ou um gesto simbólico de unidade e parceria, ou até mesmo uma doação financeira.

Algumas pessoas acreditam que o uso repetido por Paulo do termo ‘comunhão’ como uma palavra para ‘oferta generosa que sustenta o evangelho’ significa que ‘a destra’ era uma doação proveniente dos líderes de Jerusalém para subsidiar o ministério de Paulo aos gentios, e a razão de Paulo estar tão ansioso para que seus convertidos gentios enviassem uma doação significativa à igreja de Jerusalém.

Tudo que podemos dizer, com certeza, é que o uso de koinonia em Gálatas 2:9 deve se referir a uma verdadeira participação por parte dos líderes de Jerusalém no ministério de Paulo aos gentios, e por Paulo em seu ministério aos judeus.

### **A Base da Comunhão**

Comunhão não é algo que os crentes fazem ou criam por suas ações e atitudes. Comunhão é algo que recebemos de Deus. 1Co-ríntios 1:9 revela a iniciativa divina na comunhão, declarando que fomos chamados por Deus para a comunhão de Seu Filho. E 1João 1:3-7 deixa claro que a comunhão autêntica é alicerçada em Cristo. Tudo que participamos juntos como cristãos, participamos em Jesus e por meio de Jesus. Ele é aquele em quem

estamos, e Ele é aquele que temos em comum.

Romanos 11:17 usa linguagem poética para mostrar que todos os crentes gentios são ‘participantes’, ‘sócios’, ‘compartes’, da raiz santa – que é o Filho de Deus. Fomos enxertados na ‘oliveira’ do ‘verdadeiro Israel’, cuja ‘raiz’ é Cristo. Não podemos enxertar a nós mesmos; e nossa participação no e com o ‘verdadeiro Israel’ significa que a vida da ‘árvore verdadeira’ e ‘da raiz’ – do ‘verdadeiro Israel’ e ‘o Filho’ – começa a fluir por meio de nós. Analisaremos esse aspecto da comunhão com mais detalhes na Parte Seis.

Filipenses 2:1,2 mostra que a comunhão verdadeira também é realizada pelo Espírito – pois é Ele próprio o Espírito de comunhão. Por meio do Espírito nós participamos no Filho; e por meio do Espírito nos relacionamos com todos os crentes – judeu e gentio – que vivem Nele.

### **Por meio da Palavra**

Em 1João 1:2,3, comunhão começa com a revelação de Deus por meio de Seu Filho, a Palavra de vida. Os apóstolos transmitiram as boas-novas de que Jesus veio para revelar o Pai e possibilitar que tivéssemos comunhão com Ele. Participamos dessa revelação das boas-novas quando recebemos a mensagem dos apóstolos – e então nasce a *koinonia*.

1João 5:20 mostra que essa comunhão não é baseada em acordo intelectual, mas em um conhecimento – uma experiência – da verdade. Nossa comunhão com a Palavra viva, com Jesus, é tirada da Palavra escrita, a Bíblia. Esta é também o alimento da nossa comunhão uns com os outros na Igreja, na medida em que mutuamente nos motivamos e nos desafiamos por seu ensinamento.

### **Por meio da Cruz**

Sabemos que nossos pecados nos separaram de Deus e que Jesus morreu para tornar possível a comunhão com Deus. Efésios 2:13-18; 1João 1:7 e 4:10 mostram que a cruz estabelece a base para a comunhão entre Deus e a humanidade, e entre o povo na Igreja.

Esses versículos mostram que é impossível separar ‘comunhão com Deus’ de ‘comunhão uns com os outros’. A cruz promoveu duas coisas para a humanidade: uma nova relação vertical e uma nova relação horizontal.

### **Por meio do Espírito**

As bem conhecidas palavras ‘a graça’, em 2Coríntios 13:13, lembram que o Espírito Santo também produz e sustenta nossa comunhão. Ele é o Espírito de comunhão e Ele nos traz um entendimento da verdade e uma profunda garantia de nosso relacionamento com Deus.

Pelo fato de – individualmente – estarmos Nele e Ele estar em nós, o Espírito compartilha conosco a presença, o poder e a pureza de Deus. Todavia, pelo fato de todos os crentes estarem *juntos* Nele, Ele nos une como povo de Deus e nos possibilita participar juntos Nele e em nossas bênçãos em Cristo.

### **A Expressão da Comunhão**

Atos 2:42 descreve a forma que os primeiros convertidos se dedicaram à comunhão, à *koinonia*. Isso não se refere aos aspectos informais da vida da igreja – as experiências típicas que ocorrem antes e depois das reuniões. *Koinonia* é, por definição, focada e inclui tudo que somos chamados a fazer juntos como cristãos.

A verdadeira comunhão só pode ser manifestada dentro de um corpo que tenha clareza a respeito de sua identidade, propósito e função. Os crentes que não são totalmente parte de uma manifestação local da Igreja se descuidam seriamente de seu relacionamento com Cristo. Assim também, quaisquer congregações que não estejam em comunhão com outras manifestações locais do corpo se tornam igualmente negligentes em seu relacionamento com o cabeça da Igreja.

A comunhão pode ser manifesta de maneiras óbvias como oração, adoração, atividades sociais e trabalho prático; mas o Novo Testamento destaca cinco formas básicas em que a Igreja deve manifestar a comunhão que Deus nos dá em Cristo.

## **A Ceia do Senhor**

A Ceia do Senhor é uma manifestação tão vital de nossa comunhão que veio a ser conhecida em muitas partes da Igreja como ‘comunhão santa’. Agora sabemos que ‘comunhão’ é uma tradução de *koinonia*, então talvez fosse útil, às vezes, chamarmos a Ceia do Senhor de ‘a refeição da comunhão’.

Examinaremos a Ceia do Senhor na Parte Dez, mas por hora devemos observar que 1Coríntios 10:16,17 apresenta a maneira especialmente ordenada de Deus de confirmar ou continuar a comunhão com Cristo em Seu sangue e nossa contínua comunhão uns com os outros em Seu corpo.

É também importante que, em 1Coríntios 11:17–14:40, o ensinamento prático de Paulo sobre dons espirituais, adoração, corpo e amor é firmado no contexto da Ceia do Senhor. Na Igreja do Novo Testamento, a refeição comum da *koinonia* manifestava visivelmente todos esses aspectos da comunhão.

## **Dando ao Necessitado**

Temos visto que comunhão verdadeira envolve ‘dar uma parte’. Pelo fato de participarmos juntos espiritualmente em Cristo, também deveríamos querer participar juntos materialmente.

A *koinonia* autêntica em Cristo naturalmente leva à provisão física para aqueles que estão em necessidade – tanto como manifestação quanto como evidência da comunhão. Passagens como Atos 2:40-47; Romanos 15:26; 1Timóteo 6:18; Hebreus 13:1 e 1João 3:17 demonstram que essa generosidade é exatamente o que Deus exige e espera. Qualquer coisa menos que generosidade aos cristãos necessitados é negação da comunhão e rejeição da *koinonia*.

## **Apoiando Ministérios Cristãos**

Repetidas vezes Paulo descreveu a parceria especial que desfrutava com a igreja da cidade de Filipo na região da Macedônia. Os crentes filipenses manifestaram muitas vezes sua comunhão apoiando o ministério itinerante de Paulo com oração e recurso financeiro – observamos isso em 2Coríntios 8:3,4; Filipenses 1:4,5 e 4:15-19.

Apoiar ministérios dessa forma é uma manifestação importante de comunhão. Pela nossa oferta nos tornamos ‘parceiros’ ou ‘compartes’ no evangelho com aqueles que pregam – e 2Coríntios 9:1-15 mostra o quanto Deus nos abençoa em troca!

### **Suportando o Sofrimento**

Não devemos esquecer jamais que, como cristãos, às vezes, somos chamados a sofrer por Cristo. Sempre que fazemos isso juntos, ou nos identificamos com aqueles que estão sofrendo e os apoiamos, manifestamos nossa comunhão em Cristo. Vemos isso em 2Coríntios 1:7; Filipenses 3:10; 4:14; Filemom 1:7; Hebreus 10:33 e Apocalipse 1:9.

Passagens como 1Pedro 4:13 e 1Coríntios 12:26 explicam que nossa união com Cristo e Seu corpo significa que somos afetados por qualquer coisa que aconteça a nossos irmãos e irmãs. A comunhão autêntica manifesta essa realidade seja em alegria com o que foi abençoado, seja em lágrima com aqueles que sofrem.

### **Difundindo o Evangelho**

À luz do material que examinamos, é difícil imaginar qualquer ensinamento sobre a Igreja que não enfatize a importância de se revelar glória e difundir o evangelho a todas as nações.

Em 1Pedro 5:1, o autor descreve a si mesmo como ‘um participante’ – um companheiro ou parte – da glória que será revelada. Mais uma vez a promessa de glória nos é apresentada. E 2Pedro 1:4 alega que já somos participantes da natureza divina – que é a glória.

Quase todo o ensinamento de Paulo sobre comunhão está firmado no contexto de compartilhar o evangelho – mesmo que seu ensino claro sobre ‘comunhão no evangelho’ provavelmente signifique suporte financeiro mais do que pregação. Mesmo assim, 1Coríntios 9:23; Gálatas 2:9; Filipenses 1:5,7 e Filemom 1:6 mostram que a comunhão era manifestada de forma que o evangelho podia ser difundido com mais eficácia.

O propósito comum de nossa participação não é receber uma

bênção pessoal, é compartilhar de forma dinâmica as boas-novas com as nações, de maneira que a glória de Deus seja vista por todo o mundo.



## Parte Cinco

# Retratos da Igreja

Assim como as duas palavras gregas *ekklesia* e *koinonia*, o Novo Testamento também usa 12 ‘figuras de linguagem’ (retratos) para descrever a Igreja. Nenhuma imagem ou metáfora representa integralmente a Igreja, mas elas oferecem uma visão geral útil e instrutiva quando consideradas em conjunto. São elas:

- O povo escolhido de Deus – 1Pedro 2:9
- O corpo de Cristo – Efésios 1:23
- O santuário de Deus – 1Coríntios 3:16
- A noiva de Cristo – 2Coríntios 11:2
- A lavoura de Deus – 1Coríntios 3:9
- A família de Deus – Efésios 3:15
- O rebanho de Cristo – 1Pedro 5:2
- A cidade de Deus – Apocalipse 21:2
- A videira de Cristo – João 15:1-5
- O exército de Deus – Mateus 16:18,19
- O sacerdócio real – 1Pedro 2:9
- A nação santa – 1Pedro 2:9

Deve estar claro que o sentimento de ‘ajuntamento’ e de ‘propósito comum’ – de *ekklesia* e *koinonia* – é básico para cada uma dessas metáforas. Todavia, mais três ênfases estão implícitas em cada uma dessas imagens, a saber:

- A natureza coletiva da Igreja
- O relacionamento entre Deus e Seu povo
- A função que Deus deu à Sua Igreja

Na medida em que examinamos cada imagem, devemos atentar para essas ênfases e pensar no que elas significam para nossa situação.

### **O Povo de Deus**

1 Pedro 2.9 descreve a Igreja como ‘um povo escolhido’. Somos aqueles homens e mulheres que foram cuidadosamente escolhidos entre todos os povos para pertencer a Deus. Ele realmente nos escolheu, nos chamou, e nos juntou aos outros e a Ele. Sua Palavra não pode ser quebrada. Seu amor nunca falha. Fomos chamados a um relacionamento exclusivo e íntimo com Ele.

Entretanto, essa não era uma nova revelação no Novo Testamento. A mensagem constante ao longo de toda a Bíblia é que Deus sempre desejou um povo – uma comunidade – que compartilhe Sua vida. Já vimos isso em Êxodo 6:7, e continua por todo o Antigo e Novo Testamento até Apocalipse 21:3.

### **O Povo de Deus de Israel**

No Antigo Testamento, o povo de Israel era ‘o povo de Deus’. Israel foi escolhido por Ele e trazido a um relacionamento de aliança com Ele. A vida do povo estava atada à vida de Deus por meio de Sua iniciativa soberana.

Israel não escolheu se tornar povo de Deus, Deus o escolheu. *Ele* o redimiu da escravidão; *Ele* lhe deu a Lei e a aliança; *Ele* o conduziu à Canaã e lhe deu um reino; *Ele* lhe enviou Seus profetas, o livrou do exílio, e lhe deu Seu Filho. Tudo foi a soberana graça de Deus em ação, quando Ele derramou amor sobre o Seu povo.

Em contrapartida, o povo de Israel respondeu à graça de Deus com desobediência, pecado, omissão, rebelião, queixas, traição, rejeição e apostasia. Em Seu amor, Deus o puniu, mas essa punição foi sempre aplicada com misericórdia e uma promessa de restauração. Observamos isso, por exemplo, em Oséias 11:7-11.

Na medida em que olhamos para o lidar de Deus com Seu povo no Antigo Testamento, vemos que o tema da salvação permeia todas as coisas. Observamos isso em Ezequiel 11:19-25;

14:11; Jeremias 7:23; 24:7; 30:22 e 32:37-40.

O conceito de ‘povo de Deus’ é o tema central de Oséias. Por intermédio do adultério de sua esposa, Oséias deve ter sentido algo da dor de Deus na infidelidade de Israel. Nos dois primeiros capítulos, os nomes proféticos dados por Deus às filhas de Oséias apontam para a rejeição e a salvação de Israel, e ilustram a forma misericordiosa de Deus lidar com Seu povo. Oséias 2:21-23, contudo, remete para um dia quando aqueles que na ocasião não eram povo de Deus se tornariam Seu povo. Aponta para a Igreja, e isso é aprendido em 1Pedro 2:10.

A Igreja, pela fé no Messias, foi adotada na ‘verdadeira Israel’ – que se tornou o povo real de Deus tirado de cada nação, o qual Ele havia sempre desejado. Ao lermos Atos, percebemos como o Espírito conduziu os primeiros cristãos à verdade de que o evangelho não estava limitado a eles. Volta e meia esse é um tema nas cartas de Paulo, por exemplo, Romanos 9:6-8; Gálatas 3:6-8 e 6:16.

A rejeição da nação de Israel, e a adoção da Igreja no fiel remanescente de Israel, enfatizam a soberania e a salvação de Deus. É tudo iniciativa de Deus e tudo obra de Cristo. Observamos isso em Lucas 1:16,17,68-77; 2:10 e 31,32, e examinaremos mais profundamente na Parte Seis.

### **Ser o Povo de Deus**

Deuteronômio 4:5,6 deixa claro que Israel não foi chamado a ser o povo de Deus simplesmente para que pudesse desfrutar Seu favor. Os israelitas tinham de guardar a lei de Deus na terra na qual estavam entrando ‘à vista dos povos’. Pela obediência de Israel, Deus seria glorificado aos olhos das outras nações. Como Israel, a Igreja tem sido chamada a ser a comunidade ou sociedade de Deus no mundo. Somos chamados a obedecer e servir a Deus ‘na terra, à vista dos povos’.

Todo o ensinamento prático em 1Pedro 2:11–4:19 flui do ‘ser o povo de Deus’ em 1Pedro 2:9. Isso mostra que nosso comportamento pessoal ou coletivo deve ‘proclamar os louvores daquele que nos chamou’: deve resultar em glória.

Colocando em palavras bem simples, sempre foi vontade e propósito de Deus que Seu povo O glorificasse no mundo. Fomos chamados para revelá-Lo na Igreja – por intermédio de nossa vida como Seu povo – ao mundo que não O conhece. Vemos isso em Mateus 5:14-16; 2Coríntios 6:16-18 e Tito 2:11-14.

Ser o povo de Deus atualmente significa desenvolver nossa vida coletiva em um mundo que enfatiza o pessoal e individual. Isso não é fácil, mas devemos sempre nos lembrar e reforçar que somos ‘o povo de Deus’ não os indivíduos de Deus’.

Cada metáfora da Igreja enfatiza sua natureza coletiva essencial, contudo, crentes modernos ainda falam sobre *minha fé*, *minha crença*, *minha salvação*, *minha igreja*, *meu relacionamento com Deus*, e daí por diante. Muitos líderes aplicam de forma individualista o ensinamento do Novo Testamento sobre, por exemplo, a obra e os dons do Espírito, batalha espiritual e direção, e ensinam sobre as epístolas como se elas fossem escritas para crentes individuais. Isso não é assim.

De alguma forma, a Igreja tem de redescobrir o que significa ser ‘o povo de Deus’. É tempo de entender que somos cidadãos do Seu céu; somos filhos do Seu reino; somos submissos à Sua Palavra e dirigidos por Seu Espírito. Juntos, somos do Senhor.

## **O Corpo de Cristo**

Efésios 1:23 descreve a Igreja como ‘seu corpo’. Embora muitos crentes não estejam familiarizados com a idéia da Igreja como povo de Deus, muitos estão acostumados a pensar sobre a Igreja como corpo de Cristo. Nem todos, porém, encaramos essa idéia e vivemos sob a autoridade de Cristo.

O ensino sobre o corpo de Cristo é a forma superior de eclesiologia, isto é, o entendimento do ensinamento bíblico na Igreja. Como corpo de Cristo, a Igreja está intimamente ligada a Ele. Ele é nossa cabeça, nós somos Seu corpo. Isso significa que somos dependentes Dele para a nossa vida e direção e também somos Seu agente no mundo. Da mesma forma que nossos corpos nos dão os meios para agir e operar neste mundo, assim o corpo de Cristo é o meio pelo qual Ele age no mundo. Do mesmo modo que fazemos tudo no mundo, fazemos por intermédio de nossos

corpos físicos, assim também é com Cristo. Tudo que Ele quer fazer no mundo Ele deve fazer por intermédio de Seu corpo. A Igreja, cheia de Seu espírito, é o agente-chefe de Cristo na terra e o meio pelo qual Ele age no mundo.

Trataremos mais desse tópico na Parte Quatro e abrangemos em detalhe o ministério de Cristo por intermédio de Seu corpo na série *Espada do Espírito* volume *Ministério no Espírito*. Todavia, neste ponto é preciso mencionar o quão importante é para o corpo de Cristo ser um corpo em pleno funcionamento, totalmente mobilizado na obra e ministério de Cristo. Sem isso, oferecemos a Ele um corpo imobilizado ou parcialmente paralisado por meio do qual trabalhar. Ninguém quer ter um corpo paralisado que não reaja aos impulsos ou direções do cérebro. Portanto, como corpo de Cristo, necessitamos estar prontos a responder às Suas diretivas e mobilizados para fazer a Sua obra no mundo.

Na Parte Doze, exploramos a relação entre autoridade e plenitude no corpo de Cristo. Vemos que para a presença de Cristo ser plenamente manifestada em Seu corpo, precisamos sempre manter a conexão com nossa cabeça, que é Cristo. Isso significa garantir que a Igreja está sendo plenamente controlada e dirigida por Cristo, e que Seu corpo na terra está plenamente equipado, treinado e mobilizado e, acima de tudo, *responsivo e obediente* a Ele.

A figura de corpo não é mencionada no Antigo Testamento, nos Evangelhos ou em Atos, mas é usada por Paulo em muitas de suas cartas. Naquela época, a palavra grega *soma*, 'corpo', era empregada comumente para descrever a unidade de alguma coisa que consistia de muitos membros – o Senado, por exemplo – e era uma palavra precisa para ser usada para Igreja.

No Novo Testamento, 'o corpo de Cristo' é usado de três formas:

- A morte de Jesus na cruz – Romanos 7:4 e Hebreus 10:10
- A comunhão vivenciada na Ceia do Senhor – 1Coríntios 10:16 e 11:23-29
- O corpo de crentes, cuja unidade era possibilitada por meio da cruz e é mostrado na refeição da *koinonia* – Romanos 12:4,5; Efésios 1:23 e Colossenses 1:18-24

## Unidade

Paulo nunca se refere ao corpo de cristãos ou corpo de crentes, mas sempre ao corpo de Cristo. Isso deve significar que ele se referia a uma forma de unidade orgânica a qual ele menciona em Efésios 2:15,16, e que ordenava à Igreja ser governada por Cristo como cabeça.

A figura do corpo vai além da figura do povo – o que mostra que pertencemos a Deus e uns aos outros. A figura do corpo, contudo, ensina que também nos firmamos em Cristo, encontramos nossa vida Nele e somos dirigidos por Ele. Sem Cristo, não há vida, não há esperança, não há Igreja.

Essa figura enfatiza que Jesus é nossa cabeça e nós somos o Seu corpo. Somos conectados de forma vital a Ele e mutuamente dependentes Dele com todos os outros crentes. Fazemos a obra de Cristo sob Sua direção, e cada membro tem uma parte única e indispensável a desempenhar.

Naturalmente, semelhante a Deus, Cristo existe à parte da Igreja, mas 1Coríntios 12:12 mostra o quão intimamente a Igreja está ligada ao Filho. Ele poderia existir à parte de nós, mas nós não podemos existir à parte Dele.

## Universal e Local

Em Efésios 1:23; 2:16; 4:4,12,16; 5:23,30; Colossenses 1:18; 2:17-23 e 3:15 'o corpo' se refere claramente à Igreja universal – a qual já estudamos.

Em Romanos 12:4,5; 1Coríntios 10:16,17 e 12:12-27, contudo, Paulo parece estar identificando a igreja local – a comunidade metropolitana de igrejas nas casas – como o corpo de Cristo.

Embora muitas congregações se autodenominem como 'o corpo', uma igreja em casa ou da comunidade nunca é descrita como o corpo de Cristo no Novo Testamento. Um 'corpo' local, porém, é uma *manifestação* 'local' ou 'comunitária' do corpo de Cristo.

Ao escrever à igreja em Corinto, Paulo estava buscando corrigir dissensões que havia entre as congregações da cidade, acerca dos líderes, dons, ministérios e a Ceia do Senhor. Seu ensinamento sobre o corpo os lembra que, juntos, eles são o corpo de Cristo

em Corinto, e que os diferentes grupos congregacionais precisam uns dos outros.

Temos visto que cada manifestação da Igreja não é 'a igreja', mas é uma representação plena do corpo naquele lugar. Conforme Colossenses 2:10, cada manifestação da Igreja é 'completa Nele'.

Sabemos que todo o evangelho, a plenitude de Deus, a obra concluída de Cristo, cada promessa na Bíblia, o dom completo, dons e obra do Espírito Santo, estão todos plenamente disponíveis em cada manifestação 'da Igreja'. Contudo, o ensinamento do corpo significa que nenhuma manifestação é independente, elas são todas interdependentes.

De alguma forma, cada congregação individual precisa manter essas verdades paralelas e complementares acerca da Igreja num tipo de tensão:

- Somos completos Nele
- Precisamos urgentemente de todas as outras congregações em nossa vizinhança

### **Ser o Corpo**

Unidade, crescimento, trabalho e reprodução são características implícitas da figura do corpo; 1Coríntios 12 e Efésios 4 revelam uma série de implicações em ser o corpo de Cristo está relacionado a essas características.

Ser o corpo significa ser unido em Cristo, crescendo junto para ser semelhante a Cristo, trabalhando com Cristo, e reproduzindo ou multiplicando Sua imagem. Quaisquer que sejam as diferenças entre congregações e tradições distintas, precisamos uns dos outros, pertencemos uns aos outros, e devemos desenvolver amor forte, capaz de perdoar, uns pelos outros – 1Coríntios 12:12-20 e Efésios 4:3.

Em especial, o ensinamento bíblico sobre 'corpo' mostra que todos nós devemos:

- Estar envolvidos na obra do ministério – Efésios 4:12
- Crescer no nosso conhecimento de Cristo – Efésios 4:13,14
- Falar a verdade em amor uns aos outros – Efésios 4:15 e 25
- Sermos totalmente comprometidos uns com os outros –

Efésios 4:15,16

- Valorizar os dons espirituais, visto que eles glorificam a Deus e edificam o corpo – 1Coríntios 12:3-7
- Perceber que cada dom é importante – 1Coríntios 12:21-26
- Usar os dons – Romanos 12:6
- Reconhecer a variedade de dons – 1Coríntios 12:8-10
- Desejar ansiosa e sinceramente os dons, especialmente de profecia – 1Coríntios 12:31
- Testar os dons – 1 Tessalonicenses 5:21
- Assegurar que Cristo seja a cabeça suprema de toda manifestação da Igreja – Colossenses 1:17-22 e 2:18,19

### **O Edifício de Deus**

O Novo Testamento também usa a figura de um edifício para descrever a Igreja. O tabernáculo e templos do Antigo Testamento estão claramente por trás dessa metáfora. A Igreja é o local onde Deus está, onde o povo de Deus desfruta Sua presença e Lhe oferece oração, louvor, adoração e sacrifício. Como vimos, a Igreja é onde Deus revela Sua glória.

Em especial, a Igreja é identificada como:

- Edifício de Deus – 1Coríntios 3:9
- O templo de Deus – 1Coríntios 3:16 e 2Coríntios 6:16
- A casa de Cristo – Hebreus 3:6 e 2Pedro 2:5
- Um templo santo – Efésios 2:21
- Uma habitação de Deus no Espírito – Efésios 2:22

A idéia do corpo e do edifício está relacionada pelas palavras de Jesus em João 2:19-21. Ela propõe que assim como a Igreja é o corpo de Cristo, ela deve ser também Seu templo.

### **Edifício Espiritual**

O tabernáculo e o Templo eram fundamentais para a adoração de Israel. Mas Jesus ensinou – em João 4:19-24 – que um tipo melhor de adoração estava por chegar e seria espiritual em lugar de físico.

Jesus explicou que logo as pessoas não precisariam de edifícios especiais e santos para adorar a Deus, pois elas próprias

seriam santificadas pelo Espírito Santo, e não precisariam fazer sacrifícios físicos visto que elas seriam sacrifícios vivos.

Infelizmente, muitos crentes ainda parecem pensar que o edifício de suas igrejas é um tipo de lugar especial, um novo templo. Porém atualmente é o povo de Deus, a Igreja, que é o templo, o edifício onde Deus habita.

No Antigo Testamento, Deus escolheu um tabernáculo como o símbolo de Sua presença por causa de sua mobilidade e flexibilidade natural. O povo de Deus mudava quando Deus mudava e onde Deus mudava, e eles carregavam o tabernáculo com eles.

Um edifício especial, o Templo, foi idéia de Davi, e Deus protestou acerca disso em 2Samuel 7:1-7. Naturalmente, Deus permitiu que fosse construído o edifício, assim como permitiu a Israel ter um rei, mas não era o propósito original de Deus que a adoração estivesse concentrada em um edifício fixo.

O fato de a Igreja ser o edifício espiritual de Deus deveria nos fazer pensar cuidadosamente acerca de nossas atitudes em relação aos edifícios físicos.

### **Alicerçado em Cristo**

O Novo Testamento utiliza diversas figuras para mostrar que Cristo está envolvido em cada parte do edifício.

Ele é:

- O projetista e construtor – Mateus 16:18
- O fundamento – 1Coríntios 3:11 e Colossenses 2:6,7
- A pedra angular – 1Pedro 2:4-8 e Efésios 2:20-22

Esses versículos mostram que uma igreja deixa de ser 'edifício' de Deus assim que se afasta de Cristo – algum tipo de broca espiritual se instala e o edifício começa a cair.

### **Criado pelo Espírito**

Efésios 2:22 revela que o edifício é no, e por meio do, e pelo Espírito. Sem a obra do Espírito, a Igreja não pode se tornar a habitação de Deus, o lugar onde Deus está.

Tudo que está ligado à Igreja depende do Espírito Santo. É Sua presença, poder e pureza que traz vida e vitalidade à Igreja. A

adoração, oração, pregação, serviço, entendimento – tudo deve ser ‘no Espírito’.

### **Construído de Pedras Vivas**

1Coríntios 3:9-17 deixa claro que devemos ser cuidadosos com o que colocamos no edifício, já que será testado no fogo de Deus. E 2Pedro 2:4,5 mostra que somos pedras vivas que devem ser construídas em conjunto, sobre e em Cristo, formando uma casa espiritual.

Cada pedra é igualmente importante. Cada um precisa encontrar seu lugar certo e estar ligado aos que estão em redor. Todo o edifício enfraquece se alguma pedra não estiver na posição.

### **Ainda em Construção**

É importante que entendamos que esse edifício ainda está em construção – o que significa que deve haver alguns ‘andaimes’ e ‘matérias-primas’ pelos arredores, dando uma aparência nada atraente.

O texto de 2Coríntios 5:1-5 deve ser nossa atitude e experiência, enquanto aguardamos com esperança a ‘habitação do céu’ que está diante de nós. Até lá, porém, temos o Espírito como garantia da glória diante de nós, e devemos orar e trabalhar com Deus a fim de que a Igreja se torne a casa que Ele quer: uma habitação cheia de Sua presença, Seu caráter, Sua beleza, Sua autoridade, Sua natureza, Seu amor, Seu louvor – resumindo, Sua glória.

### **A Noiva de Cristo**

A maioria dos crentes evangélicos e pentecostais sabe que a Igreja é a noiva de Cristo, mas poucos percebem que a manifestação real da ‘noiva de Cristo’ não aparece no Novo Testamento.

Apocalipse 22:17 se refere ‘à noiva’; 2Coríntios 11:2 indica que a Igreja vai se tornar a noiva de Cristo; e Efésios 5:22-33 significa que a relação entre Cristo e a Igreja é semelhante ao

relacionamento entre marido e mulher. Essa é outra figura da Igreja que tem sua raiz no Antigo Testamento, e fala de uma união excepcionalmente íntima entre Deus e Seu povo. Vemos isso, por exemplo, em Isaías 54:1-8 e 62:4,5.

### **Israel como Noiva**

Como a noiva de Deus, Israel foi chamado para um relacionamento dedicado, comprometido e exclusivo com o Senhor. A desobediência ou indiferença era considerada adultério – Jeremias 3 e Ezequiel 16. Contudo, Oséias 2:14-20 revela que Deus ainda está apaixonado por Sua parceira infiel.

A relação de ‘casamento’ entre Israel e Deus é vista mais claramente em Salmos 45 e Cântico dos Cânticos. Se Deus sente por Israel aquilo que está revelado em Cântico 4:9-11, quanto mais Ele deve sentir pela Igreja!

Jesus usa a analogia do casamento em Marcos 2:18-20 e Mateus 22:1-14 para representar a Si mesmo como ‘o noivo’ e o reino dos céus como a festa de Seu casamento.

A figura da Igreja como a noiva de Cristo é plenamente bíblica e propõe três fatos a respeito da Igreja.

- A Igreja deve ser moral e doutrinariamente pura – Efésios 5:22-33 e 1Coríntios 11:2-4
- A Igreja é apaixonadamente amada por Cristo
- A Igreja deve ser profundamente apaixonada por Cristo

Como cristãos, temos o glorioso dia do casamento nos aguardando, descrito em Apocalipse 19:6-9. Essa promessa deve nos encher de esperança e nos encorajar a nos prepararmos para aquele dia.

### **Outras Figuras**

A Lavoura de Deus

1Coríntios 3:9 descreve a Igreja como ‘a lavoura de Deus’. Versões mais antigas da Bíblia falam da ‘agricultura de Deus’. As duas versões transmitem a idéia de um campo cultivado, propondo que a Igreja seja o campo que Deus tem cultivado a fim de produzir fruto.

### A Família de Deus

Efésios 3:15 afirma que a Igreja é a ‘família de Deus’. Ele é nosso Pai, Jesus é nosso irmão mais velho, e todos os cristãos verdadeiros são nossos irmãos e irmãs. Como Pai, Deus provê todas as coisas que a Igreja necessita para a sua vida e obra. Como irmãos e irmãs, somos chamados a amar e servir uns aos outros e mostrar a figura da família para a sociedade.

### O Rebanho de Cristo

1Pedro 5:2 descreve a Igreja como um ‘rebanho’. Somos ovelhas de Deus e Jesus é o nosso ‘Bom Pastor’. Ele nos ama, nos conhece, nos guarda e cuida de nós. Precisamos permanecer perto Dele e perto uns dos outros. É a ovelha isolada que fica mais vulnerável aos lobos e ladrões.

### A Cidade de Deus

Ao longo de todo o Apocalipse, a Igreja é chamada de ‘a cidade de Deus’ – um lugar de governo, segurança, conforto, e harmonia. Sem Deus, a cidade não será estabelecida – e isso não acontecerá plenamente até que a nova cidade celestial desça do céu. Por enquanto, somos chamados a viver como a cidade de Deus na terra, influenciando a sociedade para Deus, até que a cidade definitiva chegue.

### A Videira de Cristo

Em João 15:1-5, Jesus descreve a Si mesmo como ‘a videira verdadeira’ e Seus apóstolos como os galhos. Essa figura nos ajuda a perceber nossa indispensável unidade com Cristo e uns com os outros. Ela mostra também que a produção de frutos é o resultado de se permanecer como uma parte ligada na única videira verdadeira.

### O Exército de Deus

Há várias passagens no Novo Testamento como Mateus 16:18,19; Efésios 6:10-20 e 1Pedro 5:8 que mostram que a Igreja tem uma clara função militar. Embora a Igreja nunca seja chamada especificamente de ‘um exército’ no Novo Testamento, está evidente que

Jesus espera que Seu povo esteja participando em conjunto de alguma forma de batalha espiritual. Essa figura é baseada em todas as passagens do Antigo Testamento que descrevem Israel lutando contra seus inimigos.

#### Um Sacerdício Real

1 Pedro 2:9 identifica a Igreja como um ‘sacerdício real’. Isso mostra que fomos chamados coletivamente para prestar serviço ao Rei servindo sacrificialmente o povo do Rei em todas as maneiras, mas especialmente por meio da oração e louvor.

#### Uma Nação Santa

1 Pedro 2:9 também chama a Igreja de ‘nação santa’. Isso indica que fomos separados para uma vida coletiva de dedicação e consagração. O mais importante é que revela que nossa identidade comum em Cristo supera nossa tradição, cultura e origem racial. Nossa lealdade principal é à nação de Deus muito mais que à nossa nação natural.

#### A Igreja

A Igreja não é totalmente representada por qualquer uma dessas figuras, e nenhuma delas deveria ser enfatizada em excesso. Entretanto, consideradas em conjunto e mantidas em equilíbrio, elas fornecem uma visão geral extremamente útil da Igreja.

O contexto do Antigo Testamento para as figuras nos ajuda a ver o lugar da Igreja no plano eterno de Deus. É mais importante perceber, contudo, a forma que todas as metáforas enfatizam a natureza coletiva da Igreja, acentuam a relação entre Deus e Seu povo, e apontam para as diferentes funções que Deus deu à Sua Igreja.



Parte Seis

# A Igreja, o Reino, Israel e o Estado

Analizamos o destino glorioso da Igreja e estabelecemos alguns princípios bíblicos básicos abrangentes a respeito dela. Estudamos também as palavras e figuras bíblicas aplicadas à Igreja e observamos os princípios que elas ensinam.

Antes de avançarmos para o estudo do ensinamento bíblico sobre a estrutura, liderança, vida e atividades da Igreja, precisamos nos certificar de não confundir a Igreja com outras idéias bíblicas.

## **O Que É o Reino?**

O *Governo de Deus* explica o ensinamento bíblico sobre o reino em detalhe. A palavra grega para reino, *basileia*, significa ‘soberania’, ‘poder real’, ‘autoridade majestosa’ – a atividade de governar. Não se refere ao país ou povo governado por um rei. Colocando de forma simples, o reino não é a Igreja.

Quando pensamos a respeito de ‘reino’, atualmente, quase sempre nos referimos a um país ou nação. Entretanto, *basileia* significa ‘reino de Deus’ em vez de ‘domínio de Deus’. Essa palavra descreve uma atividade de Deus, em vez de uma nação, um lugar ou um povo. ‘A idéia de reino’ tira nossa atenção de nós mesmos, da Igreja e a direciona ao Rei dos reis.

Esse uso de ‘reino’ como uma atividade de governo é visto em passagens como em Salmos 22:28; 103:19; 145:8-13 e Daniel

4:25. Ele está especialmente claro no Novo Testamento – por exemplo, em Mateus 6:10; Lucas 11:2 e 19:12.

A última referência fala de um homem nobre que partiu para uma terra longínqua a fim de tomar posse de um reino e depois voltar. Essa parábola de Jesus se refere à prática do dia em que oficiais do Império Romano foram a Roma receber um ofício de governador ou o direito de governar em determinada parte do império. Essa foi a forma que Herodes, o Grande, se tornou rei na Judéia. Essa história mostra que *basileia* significa ‘direito ou autoridade para governar’ e não ‘reino’ no sentido geográfico ou territorial.

### **O Reino Presente**

Observamos que Jesus raramente menciona ‘a Igreja’; mas ‘o reino’ domina Seu ensinamento. Ele começou Seu ministério anunciando em Marcos 1:14,15 que o tempo estava cumprido e que era chegado o Reino de Deus. Em Mateus 12:28 e Lucas 11:20, Jesus repetiu essa verdade de que o reino era chegado e provou isso expulsando demônios. Isso mostrou que o reino dos céus havia invadido o governo do mal, e que o verdadeiro Rei era mais poderoso que o usurpador.

O reino veio em e com Jesus, e era o tema principal do ministério. Como Messias, Jesus é vital para tudo que os Evangelhos anunciam a respeito do reino, e o reino é vital para tudo que Jesus ensina.

### **O Reino Futuro**

Além de ensinar que o reino tinha chegado, que ele era ‘agora’, Jesus também ensinou que o reino era ‘ainda não’. Muitos dos benefícios do reino, em Mateus 5:1-10, são aplicados no futuro. Embora o ‘abençoado’ já possua o reino, ainda há algo a vir no futuro – consolo, herança, misericórdia e aí por diante.

A oração de Jesus em Mateus 6:10 também representa o presente e o futuro. Se o reino já tivesse chegado por completo, não precisaríamos orar para que ele viesse. Em Mateus 7:21,22, Jesus se refere a um dia futuro de juízo ao falar sobre a entrada

no reino. É bem semelhante em Mateus 8:11 e Lucas 13:28,29. Durante todo o Seu ministério Jesus remeteu continuamente para um dia em que o reino alcançaria sua plenitude. Vemos isso em Mateus 13:42,43; 16:27,28; 20:21; 26:29; Marcos 9:1; 10:37; 14:25 e Lucas 2:18.

Sempre que pensamos a respeito do reino, temos de ter esses dois elementos em mente. O reino é tanto 'agora' quanto 'ainda não'. Experimentamos o governo de Deus agora, mas também ansiamos por conhecê-lo no futuro. Há muito para nós agora, mas há mais ainda por vir.

Se quisermos entender corretamente o reino – o governo pessoal de Deus – devemos perceber quatro princípios básicos.

- Ele pertence a Deus – é o Reino *de Deus*. É uma atividade soberana constante de Deus. Ele está no comando. Somente Ele reina
- É dinâmico e poderoso – o reino não é um experimento temporário. É a vinda permanente do rei todo-poderoso para governar Seu povo e derrotar Seus inimigos
- É estabelecido por Jesus – Lucas 1:32,33 apresenta Jesus como aquele que ocupará o trono de Davi e cujo reino jamais findará. Em todos os Evangelhos, o reino e o Filho do homem estão inseparavelmente ligados – por exemplo, Mateus 16:28 e Marcos 9:1
- É para salvação – a vinda do reino mostra a atividade majestosa de Deus em se aproximar para salvar e abençoar pessoas de todas as nações. A expulsão de demônios comprova o poder do Rei; as curas demonstram Sua compaixão; mas o perdão de pecados é o milagre mais importante no reino – por exemplo, Lucas 5:20,21

## **O Reino no Novo Testamento**

'O reino' é de longe o tema mais presente no ensinamento de Jesus e é mencionado muitas vezes nos Evangelhos. A frase 'o reino' não aparece com essa frequência no restante do Novo Testamento, mas o conceito do governo pessoal ativo de Deus em Cristo permeia todo o seu conteúdo. A idéia do 'senhorio de

Cristo' é usada com freqüência em vez da frase 'o reino', mas isso expressa simplesmente a mesma verdade do 'Deus que governa' em diferentes palavras.

Quando estudamos a forma que o Novo Testamento menciona 'o reino', observamos que alguns temas básicos estão presentes em todo o ensinamento: por exemplo, elementos presentes e futuros, oposição, salvação, herança, a Palavra de Deus e a graça de Deus.

O ensino do Novo Testamento sobre o reino inclui o seguinte:

- Ver e entrar no reino estão ligados com nascer de novo – João 3:1-21
- O evangelho é o evangelho do reino em que a presença do reino é anunciada – Mateus 4:23; 9:35; 24:14 e Marcos 1:14,15
- Os reinados espiritual e físico são distintos – João 18:33-38
- O reino é o conteúdo de pregação e testemunho – Atos 19:8; 20:25 e 28:23 (Atos normalmente usa 'a palavra do Senhor' para englobar pregação – como em 19:10 – e essas duas frases têm o mesmo significado)
- O reino é comparado ao 'evangelho da graça' e ao ensinamento a respeito de Jesus – Atos 20:24,25; 28:23 e 28:31
- O reino não consiste em regras e regulamentos – Romanos 14:17
- O reino não é uma questão de palavras – 1Coríntios 4:20
- Espera-se que os membros vivam vidas dignas de Deus – 1Tessalonicenses 2:12
- A herança futura do reino é base para o comportamento moral – 1Coríntios 6:9,10; Gálatas 5:21 e Efésios 5:5
- O reino não é herdado pelo esforço humano – 1Coríntios 15:50
- O reino é o objetivo da obra missionária – Colossenses 4:11
- O reino é ligado à salvação, perdão, e a uma derrota dinâmica dos poderes malignos – Colossenses 1:13,14
- O reino é presente e futuro – 1Coríntios 15:24-28 e Hebreus 12:28
- O reino sofre oposição, mas será totalmente estabelecido – Apocalipse 1:9; 11:15; 12:10. A visão gloriosa da Nova

Jerusalém é apresentada como o cumprimento de todas as promessas bíblicas sobre um reino futuro

Atos 1:3 mostra que Jesus ensinou sobre o reino entre a ressurreição e a ascensão. Era algo para os discípulos experimentarem e compreenderem o governo pessoal de Deus quando Jesus estava presente. Entretanto, como o reino, o governo de Deus funcionaria quando Jesus já não estivesse mais com eles?

Presumo que Jesus tenha dito a eles como viver e o que pregar, pois Atos 17:7 mostra que os discípulos continuaram a proclamar Jesus como Rei. O governo de Deus dominou as vidas dos primeiros cristãos e distinguiu a mensagem que eles proclamavam. Jesus era seu governante – quer eles expressassem isso como um ‘rei’ para os judeus, ou como ‘o Senhor’ (o César) para os gentios.

## **O Reino e a Igreja**

Muitos crentes pensam equivocadamente que ‘o reino’ e ‘a Igreja’ são as mesmas coisas. Esse era o ensinamento do líder da igreja do século 5, Agostinho, em seu livro *A cidade de Deus*, que influenciou fortemente cristãos por muitas gerações vindouras, tanto católicos quanto protestantes. Há claramente uma ligação entre o reino e a Igreja, mas os dois não são os mesmos. O reino não é uma forma de olhar para a Igreja ou descrevê-la. A Igreja é governada por Deus e, portanto, jamais pode *ser* o governo de Deus.

A Igreja é o ‘ajuntamento’ de todas as pessoas que pertencem a Cristo – os que estão vivos sobre a terra e os que já estão com Ele no céu. A Igreja é a comunidade do reino, ao passo que o reino é toda a atividade de Deus em Jesus no mundo.

Cristo é fundamental tanto para o reino quanto para a Igreja. ‘A Igreja’, contudo, atrai nossa atenção para os resultados da atividade de Jesus – para a noiva, o corpo, e assim por diante; enquanto ‘o reino’ nos concentra em Jesus pessoalmente e em Sua atividade.

A Igreja é a ‘comunhão’ daqueles que ouviram o chamado de Jesus e acreditaram no evangelho do reino. Somos aqueles que ‘participam’ na salvação do reino e esperam ansiosamente sua herança. Entretanto, não somos o reino.

Contudo, o reino toma sua forma visível na Igreja. Somos chamados a demonstrar o reino pelas palavras de Deus, por boas obras e por sinais e maravilhas. Somos a luz do mundo, o sal da terra, aqueles que vivem pelo governo do Rei e aprendem somente Dele. Como tal, a Igreja é uma ferramenta ou canal de influência do reino: executamos as atividades do reino vivendo sob o governo do Rei.

Em outras palavras, podemos dizer que devemos ser governados por Deus, mas não somos e nunca poderemos ser o governo de Deus. Muitos erros no pensamento e prática da igreja surgiram da confusão da Igreja com o reino.

O reino chegou. Cristo é Rei. E Ele é Rei tanto onde a igreja é fraca e insignificante quanto onde ela é forte e próspera. O reinado de Deus não depende da condição da Igreja ou da condição do mundo; o reino é Dele por direito. Ao invés disso, a Igreja conta com o reino e é chamada a ser uma testemunha do Reino ao mundo.

Isso significa que, na Igreja, somos chamados a proclamar o reino ao mundo, orar para que o reino venha em glória e sempre nos direcionar pelo reino – contudo, jamais poderemos nos *tornar* o reino.

Os primeiros crentes não pressionavam as pessoas a se unirem à Igreja, eles rogavam para que aceitassem o reino e fossem governadas pelo Rei. Pertencer à Igreja é uma consequência de herdar o reino, de se submeter ao governo de Deus; e isso ressalta que nosso foco deve estar no reino e no Rei em vez de estar na Igreja.

‘Pensar no reino’ – focar no Reino de Deus, se concentrar em *suas* atividades – é uma das formas pela qual podemos ser libertos de uma ‘pré-ocupação’ com ‘nossa congregação’, ‘nossa denominação’ ou ‘nossa tradição’. Ajuda a nos libertar da proposta das cadeias da igreja independente local, de maneira que olhamos além de nós mesmos e de nossa situação.

Na realidade, a ênfase da Igreja primitiva em redes municipais de igrejas comunitárias independentes é apenas uma possibilidade prática quando os líderes da igreja e os crentes se

preocupam muito mais com 'o Reino de Deus' do que com a igreja 'deles'.

### **A Igreja, o Reino e Israel**

Nos tempos do Antigo Testamento, Deus usava o povo de Israel para revelar Sua glória e estabelecer Seu governo na terra. Sabemos, contudo, que a maioria das pessoas em Israel rejeitou o governo de Deus quando Ele veio em pessoa. O Reino de Deus continuava em Cristo, mas era agora aberto a todos os povos de todas as nações.

Os grandes capítulos de Paulo acerca de Israel, Romanos 9–11, revelam que Deus não acabou com essa nação apenas porque ela rejeitou a Cristo, mas esclarecem que a forma de Deus expandir o governo de Seu reino na terra agora é por meio da Igreja e não por meio da nação de Israel.

Neste livro temos procurado fundamentar nosso entendimento acerca da Igreja no relacionamento de Deus com o Seu povo de Israel antes do Pentecostes. Muitos crentes modernos, porém, discordam vigorosamente acerca da exata relação entre Israel e a Igreja, e isso afeta a forma que aplicam o ensinamento do Antigo Testamento à Igreja.

Se quisermos entender as Escrituras sobre essa questão, precisamos examinar as posições que as pessoas defendem, a fim de garantirmos o uso correto da ilustração bíblica e nos certificarmos de que temos uma visão geral de ensinamento bíblico que não foque demais em alguns versículos isolados.

Os dois pontos de vista mais comuns defendidos pelos crentes sobre essa questão são:

#### 1. Eles identificam completamente Israel e a Igreja

Esse grupo defende a 'teologia da substituição' que propõe que há uma aliança abrangente que flui através da história do relacionamento de Deus com o Seu povo; e que vemos isso no Antigo Testamento em Israel, e no Novo Testamento na Igreja. Eles argumentam que todas as relações de Deus com Israel indicam exatamente Suas relações com a Igreja, e ensinam que a Igreja

do Novo Testamento substitui a nação de Israel como povo da aliança de Deus.

Conforme vimos, Israel é a figura da Igreja. Entretanto, não devemos tratar a história da nação de Israel como nada mais que uma revelação da Igreja. Há semelhanças e diferenças entre as Alianças Nova e Antiga, o que significa que não podemos jamais identificar Israel com a Igreja, nem no Antigo nem no Novo Testamento.

Observamos que Deus tratou com graça e salvação a Israel, mas também reconhecemos que existem imensos contrastes entre a Lei Mosaica e a nova era de graça em Cristo. Analisamos esse assunto com mais detalhe na série *Espada do Espírito* volume *O Governo de Deus e Ministério no Espírito*.

Essa abordagem leva os crentes a tentar aplicar todo o ensinamento acerca de Israel à Igreja atual. As pessoas desse grupo sempre presumem que as regras de Deus para Israel ainda se aplicam à Igreja. Temos visto, contudo, que isso é totalmente conflitante com o ensinamento do Novo Testamento.

## 2. Eles separam completamente Israel da Igreja

Esse grupo, conhecido como ‘dispensacionalistas’, propõe que Israel e a Igreja são entidades totalmente distintas, e que Deus tem dois propósitos diferentes para dois povos bem separados. Eles não crêem que haja qualquer continuidade ou semelhança entre as duas alianças. Como resultado, eles tendem a fazer vista grossa a lições do Antigo Testamento para a Igreja e ignoram as raízes judias da Igreja.

Os dispensacionalistas entendem de forma correta que o reino foi dado a Israel, mas crêem de maneira errônea que o reino foi inteiramente retirado de Israel e dado exclusivamente à Igreja. Eles esquecem que Israel, como nação, foi cortado da Aliança de Deus, mas que sobre essa raiz foram enxertados judeus crentes e gentios crentes. O reino não pertence mais a uma nação, mas a todas as nações na Igreja, a nova comunidade do reino. A Igreja é a ‘nação’ de Israel e, um dia, a cegueira será removida da nação judia e então o propósito de Deus para a salvação do mundo es-

tará cumprido. Pois abrangendo ambos, judeus e gentios, a Igreja é o plano central de Deus.

Isso significa que não deveríamos enfatizar Israel demais nem de menos nos propósitos de Deus para o reino. A igreja veio à existência por intermédio de Israel e a misericórdia de Deus foi estendida por meio da rejeição de Israel ao reino. E no final dos tempos, a restauração de Israel trará salvação a todas as nações. A plenitude de Israel levará à plenitude dos gentios. Esse ensinamento é encontrado em Mateus 21:43; Romanos 9–11; Efésios 1:17 e 2:11-22.

### **Israel – Nacional e Espiritual**

Na Bíblia a palavra 'Israel' sempre se refere ao povo judeu. Em Romanos 9:6, contudo, utiliza-se 'Israel' de duas formas diferentes, e muitas pessoas usam esse fato como base para a forma que interpretam a palavra 'Israel' em todo o restante das Escrituras.

A forma mais simples de compreender Romanos 9:6 é reconhecer que se refere apenas aos judeus, pois está no meio de uma passagem que trata do relacionamento de Deus com os judeus. A idéia que o versículo 6 coloca de que devemos interpretar algumas referências bíblicas de 'Israel' como 'a Igreja' não é plausível.

O que Romanos 9:6 realmente mostra, porém, é que há uma diferença entre judeus – entre judeus 'que crêem' e judeus que 'não crêem', entre Israel 'nacional' e Israel 'espiritual'. Podemos dizer que Romanos 9:6 revela que nem todos os judeus são crentes – mas não podemos dizer que esse texto mostra que todos os crentes são judeus.

Temos de ser cuidadosos ao compreender o significado da frase de Paulo 'porque nem todos que são de Israel são israelitas'. A forma mais natural de entender essas palavras nesse contexto é: 'Nem todos os judeus são judeus verdadeiros aos olhos de Deus'. Paulo está falando do remanescente dentro de Israel que é povo verdadeiro de Deus. Ele estreita o significado de Israel a fim de englobar somente o remanescente de judeus que verdadeiramente crê. Não podemos separar completamente a Igreja de Israel ou fundi-la completamente com Israel.

### **O ‘remanescente’, o ‘enxerto’ e os ‘ramos quebrados’**

Para compreender corretamente a relação entre Israel e a Igreja, devemos entender essas três idéias bíblicas – o remanescente, o enxerto, e os ramos quebrados.

O Antigo Testamento mostra que na medida em que a história de Israel se desenvolveu, os judeus crentes se tornaram um ‘remanescente’ dentro do ‘Israel nacional’: isso é mencionado em Romanos 11:5. No Pentecostes, a bênção de Deus veio sobre esse ‘remanescente’ – os crentes verdadeiros de Deus, sendo que todos eram de Israel.

É importante entendermos que a nova aliança de Deus em Cristo foi feita com o remanescente crente na nação de Israel.

Isso fora profetizado havia muito tempo: Jeremias 31 descreve a aliança de Deus com Israel, a quebra da aliança por parte de Israel, e a promessa de Deus, nos versículos 31–34, de fazer uma nova aliança com ‘a casa de Israel’.

Os versículos 17 a 24 de Romanos 11 explicam que crentes gentios foram enxertados na mesma raiz santa como judeus, de forma que pudessem participar da raiz e da seiva da árvore. Isso verdadeiramente significa que nos tornamos parte do povo crente de Deus e que nos beneficiamos de todas as promessas de Deus aos judeus, porém não significa que nos tornamos judeus ou parte da nação de Israel.

Durante os séculos, o número de judeus crentes reduziu até ser um pequeno remanescente no Pentecostes. Porém, ali foram acrescidos de uma forma maravilhosa pelo ‘enxerto’ dos crentes gentios cheios de fé. Isso sugere que seja útil pensar na Igreja como ‘judeus que crêem mais o enxerto de gentios’. Significa também que devemos rejeitar completamente a falsa idéia de que a Igreja de alguma forma tem ‘substituído’ Israel nos propósitos de Deus.

O povo que acreditava em Deus era originalmente todo judeu, e milhões de gentios têm sido enxertados em sua raiz judia a fim de se beneficiar de Suas promessas e herança espiritual. Devemos reconhecer, porém, que não fomos enxertados nos ramos da ‘Israel nacional’ que foi quebrada da árvore de Deus. O fiel

remanescente de judeus que crêem foi, por intermédio da cruz, reconciliado e feito um com os crentes gentios cheios de fé, de forma que uma ‘nova nação’, uma ‘nova habitação de Deus no Espírito’, agora existe.

Sabemos, porém, que a nação de Israel ainda existe. Devemos aceitar o ensinamento de Romanos 11 que Israel rejeitou a Cristo e agora é um ramo que foi quebrado da árvore de Deus. Todavia, a rejeição de Israel a Cristo não é total nem final. Romanos 11:25-27 promete que os judeus se voltarão para Jesus, e que – pela fé em Cristo – eles serão enxertados de volta na árvore santa de Deus.

Essa promessa não significa que devemos apoiar impensadamente todas as ações de Israel. Em vez disso, devemos interceder para que Deus mantenha a Sua promessa, e devemos nos envolver na batalha espiritual para que os obstáculos que impedem o cumprimento da promessa sejam removidos.

Um entendimento correto dessas três figuras nos ajuda a perceber que a Igreja não pode ser totalmente identificada com Israel nem totalmente separada dele. A verdade é que estamos separados dos ramos quebrados e identificados com a raiz santa. Isso ilustra o quanto devemos ser cuidadosos em nosso falar e pensar acerca da Igreja e Israel.

### **Um Povo**

No livro *Ministério do Espírito*, vemos que todas as bênçãos de Deus a Abraão, e todas as bênçãos a Israel por sua obediência, se aplicam a todos os cristãos que crêem – tanto judeus quanto gentios. Também observamos que uma das maldições judias por desobediência se aplica a nós, porque, conforme Gálatas 3:13 ensina, Cristo removeu a maldição da Lei tanto para os judeus quanto para os gentios que crêem. Realmente o evangelho é ‘boas-novas’!

Sempre houve apenas um povo crente de Deus. Em uma fase da História, o povo de Deus foi todo tirado da nação de Israel; mas depois raiou o dia de Mateus 21:43, e o povo de Deus deixou de ser totalmente identificado com aquela nação.

Os líderes judeus e sua Lei perderam a autoridade quando a era do Reino de Deus, do governo pessoal de Deus, começou. Jesus começou a construir Sua Igreja – Sua nova nação, o novo povo de Deus – sobre a raiz dos judeus que acreditavam. E, na cruz, um novo homem foi construído a partir do ‘remanescente’, o que seria o ‘enxertado’. Finalmente, um dia, judeus incrédulos, infiéis, se voltarão para Cristo e serão enxertados de volta ao povo verdadeiro de Deus – e então Jesus retornará!

Devemos entender que sempre houve apenas um povo de Deus; antes do Pentecostes nós o chamamos de ‘Israel’, e desde o Pentecostes o chamamos de ‘a Igreja’. A Igreja pode ser uma ‘nova nação’, porém não podemos esquecer jamais a raiz judia na qual fomos enxertados. Conforme vimos na Parte Um, simplesmente não podemos entender a Igreja de maneira adequada se ignorarmos o Antigo Testamento e focarmos inteiramente no Novo Testamento.

A Igreja é fundamental aos propósitos de Deus nestes dias, porém somos apenas um estágio na história que começou com Abraão, e que continuará até alcançarmos nosso destino glorioso. Para percebermos o propósito total de Deus para a Igreja, precisamos de fato de algum entendimento a respeito do amplo alcance do relacionamento de Deus com Seu povo por intermédio das gerações.

### **A Igreja e o Estado**

Muitos crentes ingleses pertencem à ‘Igreja da Inglaterra’, e a maioria luta para compreender as implicações de se pertencer a uma ‘Igreja do Estado’; muitos crentes norte-americanos oram e trabalham para que suas leis nacionais e estatais se alinhem com a compreensão que eles possuem da moralidade bíblica; e muitos crentes na África e Ásia têm de coexistir com governos que são basicamente hostis à Igreja. Na realidade, podemos dizer que dificilmente haja uma manifestação da Igreja contemporânea mundial que não tenha de trabalhar duro na questão problemática da forma que a Igreja deve se relacionar com o Estado.

Assim como a ‘Igreja e Israel’, muitos crentes *identificam* ‘a

Igreja' com o 'Estado' ou *opõem* a 'Igreja' ao 'Estado'. Antes de podermos pensar a respeito da estrutura e atividades da Igreja, precisamos ter certeza de que estamos relacionando a Igreja e o Estado de uma maneira bíblica. Neste lado do céu, nenhum de nós pode existir na Igreja sem também existir em um Estado.

Quer percebamos isso, quer não, a forma que estruturamos a igreja e organizamos nossas atividades depende amplamente da maneira que pensamos a respeito da relação entre a Igreja e o Estado.

### **O Contexto do Antigo Testamento**

As nações que circundavam Israel tinham os próprios deuses e religiões: podemos dizer que 'Estado' e 'religião' se identificavam totalmente um com o outro. O governador do Estado era também o governador religioso, e ele tinha de ser obedecido em termos de fé. Vemos isso, por exemplo, em Daniel 3. Cada um que era parte da nação tinha de pertencer à religião, e cada um que não seguia a religião era perseguido.

Não era muito diferente em Israel. Quando Acabe transformou o culto a Baal na nova religião do Estado, ele perseguiu os profetas de Deus. Em resposta, Elias anunciou o julgamento de Deus e matou os profetas de Baal. Havia espaço para uma religião apenas – tudo o mais teve de ir embora. Todas as guerras de Israel tinham um propósito religioso, o governador judeu era uma figura religiosa, e as pessoas precisavam emigrar se quisessem mudar de religião: a cidadania do Estado e o envolvimento na religião eram, portanto, inseparáveis.

Atualmente, existem alguns 'fundamentalistas judeus' que querem interpretar o Antigo Testamento dessa forma rude e autoritária. Entretanto, como mostra a história da interpretação judia, o judaísmo abandonou desde então essa identificação de religião com o Estado. Todavia, outras religiões como o islamismo, continuam a perpetuar esse erro. Um exemplo é o conceito do radical islâmico *khilafa*, que busca a islamificação do mundo e a introdução do governo de Alá por meio do *Sharia*, que tem suas raízes no *Qur'na* e *Sunnah*. Em contraste ao judaísmo moderno, o Islã por toda a História e em todas as interpretações acadêmicas reconhecidas,

ênfatisa a unidade do Estado e religião e defende a severidade dos textos de *Quran*. Porém, os cristãos precisam apenas se voltar para o ensinamento de Cristo e rejeitar essas idéias teocráticas que unificam religião e Estado.

### **A Revolução de Jesus**

A resposta de Jesus à pegadinha da pergunta sobre imposto, em Mateus 22:15-22, introduziu uma mudança revolucionária na abordagem do Antigo Testamento sobre ‘um Estado, uma religião’. Quando questionado por uma delegação de fariseus e herodianos (que geralmente eram arquiinimigos) se os judeus deveriam pagar impostos a César ou não, a resposta de Jesus foi monumental e introduziu o princípio do reino de separar a Igreja, ou religião, do Estado.

Essa resposta também lidou com a armadilha que haviam preparado para Ele. Se tivesse dito ‘Sim’, Jesus estaria sancionando a autoridade de César, e, por conseguinte, a religião de César. Se tivesse dito ‘Não’, Jesus estaria obedecendo à Lei de Moisés de Deuteronômio 17:14,15, mas teria terríveis problemas com os romanos.

O denário que Jesus usou para ilustrar Seu ensinamento era uma moeda idólatra e blasfema. Tanto o denário do reino de Augusto quanto o de Tibério imputavam glória ao imperador. Um denário na época de Tibério tinha em um dos lados uma imagem do imperador e a gravação, ‘Tibério César Augusto, Filho do divino Augusto’. E do lado oposto da moeda, a coroa, estavam gravadas as palavras ‘Pontifex Maximus’, que significa ‘Pontífice máximo’. O denário, portanto, alegava que o imperador tinha *status* religioso, até mesmo divino.

Como sempre, Jesus mostrou que Sua autoridade pessoal era superior à lei, e – pela primeira vez na história do mundo – Ele separou as *revindicações* do Estado e religião, com as palavras: ‘Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus’. Em outras palavras, Jesus estava dizendo que a Igreja deveria prestar obediência civil e respeito ao rei, mas o rei não tinha o direito de ordenar credos religiosos a seus súditos.

Em vez de falar sobre ‘um Estado, uma religião’, Jesus instruiu as pessoas a serem fiéis às autoridades distintas de César e Deus em seus reinos paralelos. Ele não estava nos pedindo para dividirmos nossas vidas em duas partes – uma ‘vida espiritual’ e uma ‘vida secular’. Em vez disso, Ele estava nos ordenando a viver uma vida santa, aprender a distinguir – e obedecer – áreas diferentes, sobrepostas, de autoridade sobre nossa ‘única’ vida.

As palavras de Jesus significam que ‘Igreja’ e ‘Estado’ devem estar bem distintos em nosso pensamento. Elas devem ter, por exemplo, diferentes:

- Rol de membros – a cidadania estatal é determinada por governos nacionais, e a maioria dos Estados tem regras um pouco diferentes; ao passo que todos os crentes verdadeiros são membros da única Igreja universal.
- Começos – a cidadania estatal é concedida no nascimento ou quando algumas regras são cumpridas; ser membro da Igreja começa com a salvação e o novo nascimento.
- Funções – o Estado está preocupado com a paz, segurança e governo; a Igreja prega e aplica o evangelho.
- Oficiais – a Igreja é liderada por presbíteros e anciãos e por diferentes tipos de ministros que não desempenham *status* ou papel no governo; o Estado é liderado por políticos e juizes que não desempenham papel ou *status* na Igreja.
- Armas – o Estado pode precisar ir à guerra, mas as armas da Igreja são exclusivamente espirituais.
- Atividades – a Igreja não deve assumir as funções do Estado e o Estado não deve interferir na vida da Igreja.

### **A Rebelião de Constantino**

No ano de 312 d.C., menos de trezentos anos de vida da Igreja, o imperador romano, Constantino, converteu-se ao cristianismo. Em 313, ele editou o edito de Milão que colocava fim à perseguição institucionalizada de cristãos e tinha o poder de legalizar o cristianismo. Esse foi um momento fundamental no estabelecimento do cristianismo como a religião predominante do império romano, e culminou com a declaração – por parte

do imperador Teodósio – de que era a religião do Estado, lá pelo final do século quarto. Isso contrariava as palavras de Jesus em Mateus 22 e foi, possivelmente, o maior retrocesso que a Igreja já experimentou.

É claro, isso não pareceu assim para muitos crentes e líderes. Após gerações de perseguição sanguinária, deve ter parecido uma boa idéia de fato. Entretanto, o evangelho se tornou uma religião ‘territorial’; o batismo infantil se tornou universal e todos eram julgados cristãos tão logo nasciam dentro de um Estado ‘cristão’; os não-cristãos eram perseguidos; as guerras se tornaram ‘cruzadas’; pastores e bispos recebiam um papel nos assuntos do Estado; o Estado exercia algum controle sobre os líderes da Igreja; e os governadores do Estado se consideravam quase sempre como a cabeça da Igreja em suas regiões.

Desde a época de Constantino, a Igreja e o Estado se relacionam em uma das três formas contratantes:

- Hostilidade – o Estado persegue a Igreja e/ou a Igreja despreza o Estado. Os líderes da Igreja se opõem vigorosamente ao Estado, ou o consideram irrelevante, como não tendo nada a ver com ele
- Integração – o Estado e a Igreja são basicamente um. A Igreja é totalmente incorporada na vida do Estado e é vista como parte da vida da nação

Em alguns Estados, os líderes religiosos são mais poderosos e em outros, os líderes políticos são mais influentes.

Embora essas duas formas sejam historicamente as mais comuns, nenhuma delas é coerente com o princípio revolucionário de Jesus. Se tivermos de pensar numa forma profundamente ‘cristã’ acerca da relação entre a Igreja e o Estado, teremos de buscar o terceiro caminho.

- Paralelismo amigável – a Igreja e o Estado são muito distintos e há liberdade de religião e pluralidade de religiões dentro de cada Estado. A separação é amigável sendo que nem a Igreja nem o Estado usurpam os papéis uns dos outros, mas ambos existem lado a lado, cada um defensor do outro

A Igreja não alega ser – ou deseja, ou tenta, ser – uma religião

estatal; e nunca fala de um 'Estado cristão'. A Igreja apóia a liberdade de consciência religiosa e a liberdade da perseguição religiosa, e quer que as pessoas venham voluntariamente à fé cristã.

Isso significa que a Igreja:

- Reconhece o Estado – Romanos 13:1,2
- Honra o Estado – Romanos 13:7
- Obedece ao Estado – Romanos 13:1
- Opõe-se ao Estado quando esse legisla de maneira a forçar as pessoas a desobedecerem à Palavra de Deus – Atos 5:18-20

A Igreja deve desejar ser 'sal' e 'luz' dentro do Estado, mas não buscar impor a moralidade cristã às pessoas pela legislação do Estado. Naturalmente, devemos buscar influenciar e esclarecer a legislação do Estado, devemos falar profeticamente ao Estado e devemos procurar mudar a opinião pública por meio de nossas palavras e vidas; mas não devemos usar métodos terrenos para impor o Reino de Deus às pessoas que rejeitam o governo de Deus.

A Igreja se alegra por seus membros participarem nas questões do Estado, mas não os valorizam mais que os outros membros: ela ora pelos políticos crentes e os apóia, mas somente da mesma forma que ela apóia encanadores, mecânicos e atendentes de loja cristãos.

Isso não é abandonar o Estado 'ao maligno', como propõem alguns líderes. Nem é propor a filosofia secular que busca privatizar a religião e tirar a Igreja de qualquer papel na vida pública, inclusive política e educação. Porém, reconhece que a Igreja está mais diretamente preocupada com o reino do que com o Estado, e que o reino não é estabelecido ou promovido pela legislação do Estado – esse foi o erro de Constantino e devemos procurar não repeti-lo.

Devemos perceber que o Estado está distinta e diretamente sob Deus, conforme Paulo esclarece em Romanos 13:1. É claro, a Igreja tem o papel profético vital no mundo de transmitir a Palavra de Deus ao Estado quando incitada pelo Espírito ou solicitada pelo próprio Estado. Entretanto, a Igreja possui apenas

armas espirituais como a oração e a Palavra, e a causa do reino não é atendida por métodos terrenos ou pressão.

Fomos chamados a 'entregar a César as coisas que são de César, e a Deus as coisas que são de Deus'. As palavras de Jesus lembram à Igreja que devemos honrar o Estado e não usurpar as suas funções legais. Suas palavras também ordenam profeticamente ao Estado a não interferir na esfera religiosa. Deve ficar claro que essa pequena frase tem implicações imensas para a vida e atividades tanto da Igreja quanto do Estado.

Essas são áreas difíceis de encarar, mas o princípio básico está claro: devemos permitir que esse 'paralelismo amigável' ou 'separação amigável' determine a forma que a Igreja e o Estado se relacionam; que uma distinção terrena norteie nossas decisões em cada uma dessas áreas.





Parte Sete

# Pertencer à Igreja

No Novo Testamento, pertencer a Cristo e pertencer à Igreja não podem ser separados.

O ensino de Jesus acerca da videira, em João 15:1-8, mostra que somos parte uns dos outros quando somos parte Dele. João 15 usa a palavra grega comum *meno*, que significa ‘viver continuamente em’ alguma coisa, e sempre é traduzida como ‘se firmar’ ou ‘permanecer’ ou ‘continuar’. É impossível para nós vivermos continuamente na videira verdadeira e não vivermos continuamente com todos os outros ramos que também estão vivendo na videira. Portanto, simplesmente não é possível para ninguém se firmar na Igreja verdadeira se não estiver se firmando em Cristo.

As várias figuras da Igreja que examinamos destacam a prioridade de nosso relacionamento coletivo com Deus. Todavia, quatro delas – corpo, noiva, edifício e videira – dão a entender que a Igreja é muito mais que uma associação de pessoas. Elas propõem que ser ligado ou pertencer à Igreja significa uma conexão vital – um relacionamento coletivo orgânico – com Cristo e uns com os outros.

Isso significa que pertencer ao rol de membros de uma igreja ou ter experimentado um ritual religioso não é o bastante. Isso tem significado apenas para aqueles que estão se firmando em Cristo e vivendo em um relacionamento contínuo vital com Ele por meio de Seu Espírito.

Atualmente, muitas pessoas afirmam crer em Deus e ser ‘cristãs’. Contudo, uma proporção razoável não frequenta um

lugar de comunhão com certa assiduidade e poucas se tornam membros ativos de uma manifestação local do corpo de Cristo. Infelizmente, mesmo algumas das que freqüentam não têm um relacionamento com Jesus. Conforme descreve o texto de 2Timóteo 3:5, elas possuem uma forma de religião, mas negam o poder doador de vida que Cristo tem.

### **Iniciação Cristã**

O nominalismo – ser cristão apenas de nome – é um dos maiores problemas da Igreja por todo o mundo. É o fruto da rebelião de Constantino e, portanto, é muito sério, especialmente na Europa – onde há mais cristãos nominais do que todo o restante do mundo. Essa é uma razão por que devemos pregar o evangelho em toda a sua plenitude.

Sabemos que Jesus oferece de fato a completa salvação a toda humanidade, mas Ele também exige arrependimento pessoal e individual. Ele realmente oferece perdão total a todo homem, mulher e criança, por Sua graça, mas esse perdão só é recebido por intermédio da fé pessoal.

No Novo Testamento, arrependimento e fé andavam juntos e ambos tinham de ser evidenciados antes que uma pessoa fosse recebida na vida da igreja. Unir-se à Igreja, contudo, inclui mais que arrependimento e fé. No Novo Testamento ocorriam dois eventos quando os crentes começavam sua nova vida em Cristo. Eles eram batizados na água e eram cheios com o Espírito Santo.

Dessa forma, os crentes começavam suas novas vidas sobre um fundamento sólido e estavam prontos para seguir a Cristo. Por meio desses quatro elementos, eles ficavam totalmente equipados para ter uma vida de comunhão, discipulado e testemunho. Então, precisamos garantir que hoje em dia os novos crentes façam a iniciação do Novo Testamento para a sua vida cristã.

Devemos encorajar as pessoas a ter um início bíblico para suas vidas cristãs e eclesiais, dando os quatro passos básicos de iniciação cristã.

## Arrependimento

Passagens como Lucas 3:8; 13:3; Atos 17:30,31 e 26:20 ilustram a importância do ‘arrependimento’. Entretanto, muitos crentes modernos não têm certeza do que essa palavra significa de fato, equiparando-a principalmente a uma mudança de comportamento. Precisamos entender exatamente o que Jesus esperava que as pessoas fizessem quando dizia a elas que se arrependessem.

A palavra grega *metanoia* geralmente é traduzida como ‘arrependimento’, e isso significa literalmente ‘uma mudança de mente’ ou ‘uma mudança de pensamento’. É formada pela junção das palavras gregas *meta* e *noeo*. *Meta* significa ‘após’ e indica uma mudança (como em metamorfose); e *noeo* significa ‘pensar’ ou ‘entender’.

Isso dá a entender que arrependimento consiste em ‘uma mudança de entendimento interior’ em vez de simplesmente ‘uma mudança no comportamento exterior’.

O arrependimento bíblico significa abraçar os pensamentos de Deus e uma nova maneira de pensamento religioso – que viabiliza andar nos caminhos Dele. Arrependimento significa uma mudança radical nos valores, atitudes, e visão. Inclui uma mudança de mente e coração que leva a uma mudança radical de vida. *Metanoia* significa revolução total.

Em nossos dias, entende-se melhor a chamada ao arrependimento no Novo Testamento como um chamado a ‘mudar seu entendimento acerca de Deus’ ou ‘mudar a forma que você pensa a respeito de Deus’. Podemos perceber que esse é o núcleo da pregação de Paulo em Atos 17:22-30, que tem seu apogeu em um chamado a arrepender-se.

Uma vida mudada é o fruto desse arrependimento – é a consequência natural de compreender quem Deus realmente é, o que Ele fez em Cristo, e Seus imutáveis valores divinos.

Isso significa que o primeiro passo de um crente na iniciação cristã é parar de pensar sobre Deus como pensava negativamente outrora. Ao invés disso, começam a entender e a se relacionar com Deus como um Pai que é cheio de perdão, graça, misericórdia, amor e aceitação.

Por escrever a crentes firmados, Paulo raramente menciona o arrependimento. O texto de Romanos 12:2, contudo, declara que nosso comportamento deve ser moldado por uma mente renovada. Nosso comportamento pode ser moldado pelos padrões, valores e objetivos da sociedade contemporânea, ou pode ser transformado por uma mente renovada.

Romanos 12:2 mostra que é essa ‘renovação de mente’ que nos capacita discernir e aprovar a vontade de Deus. Quando começamos a pensar como Deus, logo ficamos ‘pré-ocupados’ com Sua vontade e não com as formas do mundo.

Observe que tratamos do chamado bíblico ao arrependimento de forma mais completa na Parte Dois de *O Governo de Deus*. Aqui discutimos as três palavras do Novo Testamento que se aplicam ao contexto de arrependimento: *metanoeo* que – como já vimos – descreve o aspecto mental do arrependimento; *metamelomai* que descreve o lado emocional e *epistrepho* que descreve o lado direcional de deixar de lado o pecado e desenvolver um novo estilo de vida baseado na obediência ao Senhor.

Arrependimento real, é claro, envolve todos os três aspectos. Contudo, é o primeiro aspecto – a mudança de mente – que é totalmente necessário à salvação, pois nos arrependemos uma única vez – isto é, experimentamos uma revolução mental total de maneira que podemos começar a pensar de forma diferente acerca de Jesus – podemos verdadeiramente aceitá-Lo. Isso nos leva ao próximo passo na iniciação cristã.

## **Fé**

Fé – ou crença – é o segundo passo fundamental da iniciação cristã. A fé bíblica é uma progressão natural do arrependimento bíblico, pois fé significa crer – ou aceitar – a verdade sobre Jesus: é agir em nosso novo entendimento a respeito de Deus. Estudamos isso plenamente no livro *Espada do Espírito*, volume *Fé Viva*.

Tornar-se um cristão é começar um relacionamento com Jesus Cristo. Fé inclui acreditar na verdade de passagens como Romanos 10:8-10, que mostram que Jesus é o Filho de Deus e que Ele está vivo hoje porque Deus o Pai O levantou dos mortos.

Crença bíblica – fé – significa muito além de aprovação intelectual. A palavra grega para fé, *pistis*, é derivada do verbo *peitho*, que significa ‘persuadir’. *Pistis*, portanto, significa basicamente ‘ser firmemente persuadido’; é ‘uma forte convicção baseada na ação de ouvir’ – que é a razão por que Romanos 10:17 insiste que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus.

Entretanto, a fé cristã sempre se refere a uma crença sobre a qual se age. A crença em Cristo significa confiar completamente Nele, aceitá-Lo totalmente por quem Ele é, obedecê-Lo inteiramente e pensar e agir nos Seus caminhos.

Em termos de iniciação cristã, fé significa:

- Estar totalmente persuadido de que não há nada que possamos fazer para salvar a nós mesmos – não há nem mesmo uma ínfima contribuição que possamos fazer
- Estar completamente convencido de que Cristo fez tudo que era necessário para nos salvar
- Recebê-Lo de boa vontade e se tornar um filho de Deus
- Começar a andar com Ele em Seus caminhos

João 6:35; 20:30,31; Romanos 8:32 e Efésios 1:3 descrevem o quanto um relacionamento vivo com Jesus traz toda a provisão de salvação que Deus disponibilizou em Jesus.

Fé ou crença não gera perdão, salvação ou bênção. É Deus que os disponibiliza por graça. Se crermos que Deus e Sua Palavra são verdadeiros, podemos aceitar e aplicar Seus dons – isto é, contar plenamente com a graça de Deus.

Muitos crentes pensam que é a *nossa* fé que nos salva. Porém, somos salvos por *Sua* graça – é tudo Deus, tudo Sua obra. Nossa parte é simplesmente acreditar que Deus fez tudo em Jesus, aceitar que não há nada que possamos fazer e começar a viver em dependência da confiança em Cristo. Observamos isso em Romanos 4:5 e Efésios 2:8-10. Isso mostra que fé não é um simples ato de conversão; é uma vida contínua na medida em que prosseguimos confiando em Deus para tudo.

Embora crença ou fé seja o segundo passo na iniciação cristã, é – como o arrependimento – o início de um processo contínuo, para toda a vida. Da mesma maneira que nosso entendimento

de Deus e Seus caminhos se desenvolvem no decorrer de nossa vida, assim também somos chamados a continuar desenvolvendo nossa confiança e segurança em Jesus.

## **Batismo**

O batismo na água é o terceiro passo de iniciação, e ele sela ou ratifica o compromisso do novo crente para com Cristo. É um sinal formal ou evidência de fé e, portanto, deve seguir a fé e não precedê-la.

A ordem bíblica é ‘crer’, e depois ‘ser batizado’. Isso daria a entender que crianças pequenas não deveriam ser batizadas, pois elas não podem se arrepender ou crer, ou responder em sã consciência para se tornar discípulo de Jesus Cristo. Todavia, isso não deve impedir que os pais tomem a decisão de dedicar seus filhos ao Senhor, como Ana fez com seu bebê Samuel no livro de 1 Samuel 1:28 e como é praticado em muitas igrejas que batizam somente adultos, ou aqueles que têm idade suficiente para decidir por si mesmo seguir ao Senhor.

É óbvio que o batismo – diferentemente do arrependimento e fé – não é necessário para a salvação. Ao invés disso, é uma promessa de seguir a Cristo, um juramento de fidelidade àquele em quem agora confiamos plenamente. Analisaremos esse assunto mais detalhadamente na Parte Dez.

Por agora, porém, devemos reconhecer que batismo não é simplesmente algo que o novo crente faz para demonstrar sua fé e arrependimento. O Novo Testamento deixa claro que o próprio Deus também age no batismo de forma decisiva e clara. A água é o sinal e *selo* de diversas ações espirituais distintas que Deus realiza. Por exemplo:

- O Espírito está associado com o batismo: Ele está presente no batismo; Ele realiza a obra de Deus pelo batismo; e Ele é o dom prometido do batismo – João 3:5; Atos 2:38; 9:17,18; 10:47; 1Coríntios 12:13; 2Coríntios 1:22; Efésios 1:13 e Tito 3:5
- Nossa ‘filiação’ é selada no batismo – Gálatas 3:24-27
- O perdão e a lavagem dos pecados estão ligados ao batismo – Atos 2:38; 22:16; Tito 3:5 e Hebreus 10:22

- O novo nascimento e a entrada no reino estão associados ao batismo – João 3:3-5 e Tito 3:5
- No batismo, Deus sela nossa união com o Filho, nosso envolvimento na morte e sepultamento de Cristo, e nossa integração nesse corpo – Mateus 28:19; Atos 8:16; 19:5; Romanos 6:1-11; 1Coríntios 12:13 e Gálatas 3:27

Essas bênçãos não provêm do batismo; elas são confirmadas por Deus pelo batismo. Embora sejam prometidas por Ele no batismo, elas somente são desfrutadas pela nossa fé obediente *após* o batismo. Romanos 6:1-11 esclarece isso.

As bênçãos do batismo – o terceiro passo da iniciação – não funcionam automaticamente. Ao invés disso, o batismo é a promessa de Deus que Ele garantiu essas bênçãos para o novo crente. O batismo olha para trás para a obra de Deus na cruz e para a frente para uma nova vida de fé.

### **Recebendo o Espírito**

O quarto e último passo da iniciação equipa o crente para a nova vida de fé na Igreja. O Novo Testamento utiliza diversas frases distintas para descrever o recebimento do Espírito – cheio com o Espírito, batizado no Espírito, ungido com o Espírito e selado com o Espírito.

Seja qual for a expressão utilizada, o Novo Testamento mostra que o Espírito Santo é o selo de coroação de Deus – ou conclusão – do processo de conversão. Ele vem para fazer ‘grande morada’ na vida do crente e para nos equipar para o serviço eficaz em parceria com Ele mesmo.

O Espírito estava na obra como no Antigo Testamento estava nas vidas dos profetas: Ele habitava neles e os capacitava. Joel 2:28,29 e Ezequiel 36:25-27 profetizaram que chegaria o tempo em que o Espírito estaria livremente disponível para habitar e capacitar a *todos* os crentes.

Em João 14:16-23, Jesus ensinou que o Espírito seria enviado para ajudar todos os crentes quando Ele voltasse ao céu. E 2Coríntios 3:17,18 mostra que a obra principal do Espírito é trazer ‘a presença’ e ‘a atividade’ de Cristo à vida de todo crente.

Obviamente, Romanos 8:9 explica claramente que cada cristão tem o Espírito trabalhando nele a partir do momento do novo nascimento. Entretanto, a unção com o Espírito, ou batismo no Espírito, é o momento especial quando Deus estampa Sua marca de propriedade nos crentes, selando-os com o Espírito.

Pertencer a Cristo também significa ser equipado pelo Espírito para o serviço eficaz. Essa preparação não é automática, e é adicional à chegada do Espírito no novo nascimento. Lucas 24:49; Atos 1:8; 10:44,45; 11:15-17 e 19:2-6 demonstram que receber o Espírito é uma experiência definitiva, consciente que é acompanhada por prodígios espirituais.

Atos 8:14-17; 9:17 e 19:2 declaram que a igreja do Novo Testamento assegurava que todo crente tinha recebido completamente o Espírito de maneira que poderia ser testemunha eficaz para Cristo. Esse ato definitivo de receber o Espírito é para um propósito – para que o Espírito Santo fosse uma *realidade experimentada* constantemente na vida dos crentes. É uma experiência eterna da presença capacitadora de Deus para nos equipar, liberar e sustentar em nossa vida de testemunho para Cristo.

Cinco princípios bíblicos estão associados a essa preparação.

- O propósito de receber o Espírito é capacitar para o serviço – Lucas 24:49; João 16:7-15 e Atos 1:8. O Espírito não é dado para fins egoístas ou de diversão, mas para possibilitar que a Igreja alcance o perdido e cumpra a tarefa a ela dada por Deus
- A capacitação e preparação são para todos e não apenas alguns cristãos especiais. São para cada membro da Igreja – Atos 2:38,39 São para ‘tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar’, então não estão restritas à época do Novo Testamento
- A preparação segue a fé. Em cada exemplo bíblico, aqueles que eram cheios com o Espírito *já* tinham crido. Isso mostra que a preparação não é dada automaticamente no novo nascimento. Podemos perceber que os líderes da Igreja primitiva se certificavam que todo novo crente buscasse o Espírito, e oravam para que recebessem o Espírito – Atos 8:14-17; 9:17; 19:2-6 e Efésios 1:13
- A preparação é um dom gratuito. O Espírito foi derramado

no Pentecostes e agora está livremente disponível para a Igreja. O Espírito é um dom de Deus para todo crente, não um prêmio para aqueles que são extremamente santos ou talentosos – Gálatas 3:2 e 13,14

- A preparação é evidenciada pelo discurso profético – especialmente pelo falar em línguas. Como 1 Samuel 10:10,11; 19:20-24 e Números 11:16-30 mostram que as pessoas profetizavam no Antigo Testamento quando o Espírito vinha sobre elas, não deveria nos surpreender o fato de que pessoas falassem profeticamente quando eram capacitadas pelo Espírito no Novo Testamento – Lucas 1:41-45,67; Atos 2:4; 10:44-47 e 19:5,6

As línguas são uma forma nova de discurso profético para a nova era do Espírito Santo, mas todas as formas de discurso profético no Novo Testamento são para louvar a Deus ou para testemunho poderoso do Senhor ressuscitado.

Algumas pessoas querem saber se irão para o céu se não forem batizadas, ou não forem capacitadas com o Espírito. A Bíblia deixa claro que somos salvos pela graça, pela fé somente. O batismo e recebimento do Espírito Santo não são condições para entrar no céu de Deus, mas são pré-requisitos para desfrutar as promessas e benefícios da vida eterna nesta vida.

Unir-se a Cristo não é simplesmente obter uma ‘passagem para o céu’. Significa ser equipado para viver com Jesus e por Jesus na terra, ser Seu corpo, fazer Sua obra com eficácia, revelar Sua glória às nações, combater Seus inimigos e todas as outras coisas que já vimos. Deus quer que recebamos tudo que Ele tem para nós e que não nos contentemos com o mínimo.

### **Compromisso com a Igreja**

Vimos que nos tornamos membros da Igreja crendo em Jesus. Todo crente verdadeiro é automaticamente um membro da Igreja universal. Entretanto, sabemos também que a participação na Igreja universal deve ser manifestada pela participação em uma igreja local, no lar. O compromisso com a igreja local é um requisito básico para todo cristão.

É óbvio que não pode haver vida verdadeira na Igreja sem compromisso – o corpo não pode funcionar sem membros comprometidos e claramente reconhecidos. Os membros da igreja são força de trabalho. Em Efésios 4:11,12, os líderes da igreja são chamados a entrosarem os membros e equipá-los para a obra do ministério. Isso só é possível quando fica claro quem é comprometido com cada manifestação local da Igreja.

A frase grega no Novo Testamento para participação na igreja parece *epi to auto*. Ela surge primeiro em Atos 1:15, ‘o número de crentes ali reunidos – *epi to auto* – era...’ e indica um corpo formalmente constituído. Está registrada também em Atos 2:1; 2:44 e 2:47.

Alguns líderes propõem que as igrejas no Novo Testamento não tinham estrutura, e que o Santo Espírito abençoa somente onde não há organização para restringi-lo. Todavia, as pessoas sabiam quando estavam se unindo a uma igreja do Novo Testamento e sabiam quando a estavam deixando – como em 1Coríntios 5:2. Elas faziam certas coisas quando se juntavam na igreja; eram comprometidas umas com as outras; e juntas realizavam certas tarefas.

Cada comunhão formalmente se manifestava e se estruturava – não eram grupos soltos de indivíduos. Seus membros eram parte de um corpo e eram mantidos unidos pelos laços espirituais em um relacionamento forjado na cruz. Cada comunhão no lar era parte do único corpo, relacionando-se em amor e compromisso com as outras manifestações locais do único corpo.

O ensinamento sobre o ‘corpo’ em Efésios 4:15,16 e Colossenses 2:18,19 mostra que o compromisso cristão é idêntico ao compromisso da igreja. Pertencer a Cristo significa estar em união com – estar unido a – um único corpo. Reter a cabeça significa estar empenhado em um relacionamento funcional, interdependente com todos os outros membros do corpo na igreja local.

Se não nos ‘sujeitarmos’ a uma comunhão local, corremos risco de definir espiritualmente. E se alguma comunhão local não estiver comprometida com suas congregações vizinhas, ela também está em risco de danificar o único corpo. Nenhum indivíduo e ne-

nhuma congregação podem viver a vida cristã isoladamente: deve haver compromisso genuíno com o único corpo em todos os níveis.

Vemos, tanto na vida de Jesus quanto na vida da Igreja primitiva, que os crentes primitivos desempenhavam seu compromisso de cinco maneiras complementares. Até recentemente, contudo, a maioria dos líderes cristãos tem focado estes dois:

- Uma resposta individual a Cristo
- O agrupamento da congregação

A expectativa tem sido de que os crentes sejam comprometidos pessoalmente com Cristo e também sejam parte de uma congregação local que geralmente existe virtual e independentemente de outras congregações locais. Devemos perceber que os crentes na Igreja primitiva manifestavam seu compromisso numa grande variedade de formas.

### **Companheiro**

Sabemos por meio do texto de João 19:26 e 21:20 que o apóstolo João era particularmente próximo de Jesus. Ele era 'o discípulo amado'. Embora Jesus tivesse Seu relacionamento pessoal com Seu Pai, e tivesse relacionamentos com os doze e com o grupo maior de discípulos, Ele tinha ainda um companheiro especial em João. Ele também era sempre encontrado com Seus três discípulos mais chegados: Pedro, Tiago e João.

Em Mateus 18:20, Jesus parece nos dar o mínimo irreduzível do que deve ser a Igreja. Ele mesmo está presente onde dois ou três se reunirem em Seu nome nos mostrando a unidade mais básica de *ekklesia* no Novo Testamento.

Mateus 10:1-5 descreve Jesus designando os apóstolos para o ministério, e os relaciona em pares. Quando partiram para o ministério, não foram sozinhos. Cada um deles tinha um companheiro específico.

Lucas 10:1 registra que Jesus também enviou um grupo maior de setenta discípulos em pares, e Atos 12:25 e 16:25 ilustra como Paulo tinha uma série de companheiros íntimos. Até mesmo em Apocalipse 11 há duas testemunhas em vez de uma ou um número maior.

O princípio de companheirismo está fundamentado nos relacionamentos que existem eternamente dentro da Trindade que é uma unidade composta de três: Pai, Filho e Espírito. Observamos em toda a Escritura várias referências para ‘o Pai, Filho e Espírito’, agindo juntos e referências freqüentes para ‘o Pai e o Filho’ e ‘a Palavra e o Espírito’. A participação, não o individualismo, está no centro de nossa fé.

Gênesis 1:26,27 aponta para a natureza coletiva básica da humanidade, e deixa claro que isso é a imagem de Deus. E Gênesis 2:18 mostra a importância que Deus dá ao companheirismo humano. Naturalmente, o casamento é a maneira mais óbvia de expressar esse princípio, mas não devemos restringir ao lar o companheirismo dentro da igreja.

Podemos perceber a dimensão de companhia da vida da igreja no Antigo Testamento, em pares como Moisés e Arão, Davi e Jônatas, Elias e Eliseu, Rute e Noemi, Ageu e Zorobabel, Josué e Zacarias, Esdras e Neemias. Muitas dessas pessoas também eram casadas, mas seu companheirismo em Deus ia além de suas mulheres.

Com exceção de Elias e Eliseu, que eram profetas, os outros companheiros do Antigo Testamento incluíam pessoas com diferentes chamados por parte de Deus. Seus respectivos ministérios eram tremendamente realçados por seus companheiros, e nós temos muito a aprender com seus relacionamentos.

Essa dimensão tem sido amplamente desprezada na vida da igreja. Tem havido poucos homens que ministram de forma consistente a um companheiro particularmente íntimo; mas muitos que o fazem – como Carlos e João Wesley, Nikolaus Zinzendorf e August Spangenberg, e Dwight Moody e Ira Sankey – foram tremendamente abençoados por Deus.

O princípio de companheirismo norteou o incrível movimento missionário moraviano, que teve como pioneiro Zinzendorf e Spangenberg: entre 1732 e 1757, eles enviaram da pequena aldeia de Herrnhut, na Saxônia, mais de cinqüenta pares de missionários por todo o mundo.

João Wesley foi muito influenciado pelos Moravianos, e ele assegurava que seus convertidos fossem vinculados a um com-

panheiro espiritual que pudesse guiar seu discipulado. Outros pregadores de sua época, como Whitfield, podem ter visto mais convertidos do que Wesley, mas o princípio de companheirismo assegurou que o legado de Wesley à Igreja fosse mais forte e duradouro.

Se quisermos de fato entender a Igreja de uma forma bíblica, encontraremos maneiras de desenvolver e encorajar o verdadeiro companheirismo dentro da igreja – mas não excluindo outros compromissos. Como veremos na Parte Onze, o modelo de igreja em célula desenvolve uma estrutura que se desenvolve com base nesse princípio. No núcleo do modelo de célula está o princípio dos dois ou três reunidos em Seu nome.

### **Célula**

É instrutivo o fato de Jesus ter escolhido cuidadosamente um pequeno grupo de doze discípulos ao qual Ele ensinou de forma especialmente íntima. Vemos também, em Atos, que Paulo geralmente atraía para si uma pequena equipe que aprendia e ministrava com ele. Não havia número fixo para esse grupo, mas parece que variava entre três e doze.

Há dinâmicas diferentes num grupo desse porte. As pessoas podem se conhecer bem, ter cuidado prático umas com as outras, e saber que pertencem e possuem um papel especial. Os grupos desse porte parecem ter sido o padrão de liderança do Novo Testamento para treinamento, visto que cada um pode desenvolver sua parte no ministério de Cristo de forma segura.

Grande parte do ensino das Escrituras sobre a Igreja diz ‘faça isso ou aquilo uns aos outros’. Todas essas variadas exortações podem ser melhor trabalhadas num grupo pequeno desse porte.

Pequenos grupos de célula sempre foram recurso da Igreja em tempos de grande crescimento e bênção. Por exemplo, essa dimensão da vida da igreja foi fundamental para os antigos monges pregadores que foram os primeiros a converter a Europa.

E Zinzendorf, que acreditava que ‘não pode haver cristianismo sem comunidade’, se certificou de que seus companheiros se reunissem em grupos pequenos para orar juntos, para cuidar

uns dos outros, e aprender uns dos outros. Essas células estavam no núcleo das missões moravianas e plantação de igrejas. Então Wesley transformou as células moravianas em 'sistemas de aulas', que permitiram a adoração e discipulado de seus convertidos em grupos pequenos, não superiores a cerca de doze crentes.

Muitas igrejas modernas têm adotado grupos de células nos últimos anos. Entretanto, muitos deles são bem maiores que doze e se voltam mais à 'reunião'. Com poucos grupos de célula contemporâneos com os quais aprender, os líderes da igreja das décadas de setenta e oitenta tenderam a desenvolver minicultos no meio da semana – pequenas congregações – em vez de grupos de ação, treinamento, evangelismo e cuidado que expressam *ekklesia* e *koinonia* em uma área e que eram parte da Igreja no passado.

O modelo de igreja em célula busca corrigir isso e o analisaremos em detalhe na Parte Onze.

## **Congregação**

Se o grupo for maior que doze, fica difícil para cada um se conhecer igualmente bem. Em grupos que possuem entre doze e cerca de 200 pessoas, ainda permanece um nível de intimidade e cada um pode saber o nome do outro e participar de alguma forma. Grupos desse porte podem ser vistos em Lucas 10:1-20 e Atos 1:15, e a maioria das igrejas do Novo Testamento teria começado nesse nível.

Pode-se fazer mais com grupos do tamanho de congregação. Eles têm tamanho suficiente para ser uma presença visível na comunidade local, porém são pequenos para que os indivíduos contribuam na adoração semelhante a 1Coríntios 14:26.

Desde a Reforma, a maioria dos líderes protestantes tem se concentrado quase que exclusivamente na dimensão congregacional. Esse foco restrito tende a ser uma barreira para o crescimento da igreja, treinamento e liberação de crentes no ministério, e discipulado de novos convertidos. Como vimos na Parte Três, a igreja atualmente é considerada quase que exclusivamente em

termos de reuniões do ‘tipo congregacional’, e muitas pessoas pensam que esta é a manifestação absoluta de *ekklesia*. Talvez essa seja uma das coisas mais importantes a ser mudada se quisermos recuperar a cristandade vibrante do Novo Testamento.

### **Celebração**

As reuniões se tornam inevitavelmente voltadas ao espectador quando os grupos são superiores a 200, mas o Novo Testamento contém diversos exemplos de grupos muito grandes de pessoas que se reuniam para ouvir a Palavra de Deus – essas são celebrações comunitárias.

Grandes ajuntamentos – de 200 até alguns milhares – têm uma dinâmica especial que estabelece forte identidade coletiva – mesmo que pouquíssimos crentes possam tomar parte publicamente. Exemplos dessa manifestação de *ekklesia* podem ser encontrados na igreja de Jerusalém, conforme visto em Atos 2:41 e Atos 4:4. Grandes ajuntamentos eram comuns na medida em que a igreja continuava a prática de Jesus, e se reunia na coluna de Salomão situada nas cortes do Templo em Jerusalém. Aqui os recém-convertidos se juntavam a outros crentes e eram ensinados e encorajados em sua fé. Esses ajuntamentos eram também oportunidades para evangelismo. À medida que muitos judeus iam ao Templo para as orações diárias, eram atraídos pela nova e vibrante comunidade cristã.

As ‘celebrações’ eram importantes porque encorajavam os crentes a se sentirem parte de um todo maior e manifestar sua fé. Elas eram também testemunho para toda a cidade de que a Igreja estava por ali e de que a Igreja estava viva. Todo crente atualmente deve ter a oportunidade de se reunir nesses ajuntamentos do ‘tipo celebração’, mas devemos nos lembrar que ‘igreja’ é muito mais que celebração.

### **Convocação**

Como crentes em Jesus Cristo, somos chamados a ser companheiros espirituais uns dos outros, a ser irmãos e irmãs em Cristo. Entretanto, também somos chamados como uma comu-

nidade espiritual de pessoas de Deus. A Igreja precisa mostrar a glória de Deus nos dois níveis: microcosmo e macrocosmo: reunindo-se em dois ou três, mas também manifestando uma nação espiritual pela convocação, conforme diz Levítico 23:21.

A convocação anuncia a igreja como a 'nação de Deus' e afirma nosso propósito nacional, identidade e a plenitude de Jesus conforme indica Efésios 4:13-16. As convocações de Israel do Antigo Testamento esboçam os princípios e dinâmicas desses ajuntamentos nacionais:

- Festa das Trombetas, arrependimento nacional – Levítico 23:23-25
- Dia da Expição, redenção nacional – Levítico 23:26-32
- Festa dos Tabernáculos, regozijo nacional – Levítico 23:33-44

As festas eram fundamentais para a vida da nação de Israel. Elas davam o sentido de nação ao povo trazendo à sua memória que sua identidade repousa em Deus e no que Ele lhe tem feito.

Passagens do Novo Testamento, como Hebreus 10:24,25, confirmam que os mesmos princípios se aplicam a nós, embora não façamos festas ritualísticas. Ao contrário dos ajuntamentos da célula comum, congregação ou celebração, as convocações são ajuntamentos onde podemos expressar plenamente nossa herança espiritual como nação de Deus, conforme 1Pedro 2:9,10 descreve. Portanto, esses ajuntamentos são menos freqüentes.

Jesus – nosso exemplo em todas as coisas – era comprometido com o companheirismo íntimo com Pedro, Tiago e João, com Seus doze, com o grupo maior de discípulos dos quais setenta foram escolhidos, e com as multidões que queriam ouvi-Lo falar. Jesus tinha fácil mobilidade entre todos esses grupos, e percebemos que a Igreja primitiva seguiu o Seu exemplo.

Há uma tensão dinâmica em manter juntos esses compromissos complementares – cada crente se sente mais à vontade em um grupo e menos à vontade em outro. Todavia, precisamos verdadeiramente corrigir algumas de nossas desigualdades atuais a fim de desenvolvermos plena experiência e prática da igreja.

Se quisermos caminhar em direção a uma igreja bíblica, é importante que descubramos essas quatro camadas de compromisso – tanto como indivíduos quanto como congregações. Sem esse compromisso forte, a igreja continuará fraca e dividida e o mundo continuará não alcançado e não convencido.



Parte Oito

# Liderança na Igreja

Vimos que o Novo Testamento considera a Igreja como um organismo e não uma organização. De acordo com o *Dicionário Oxford*, um organismo é 'um corpo organizado formado de partes mutuamente conectadas e dependentes, constituídas para compartilhar uma vida comum'.

Isso significa que a Igreja só pode funcionar com eficácia quando cada manifestação da Igreja universal (todos os companheiros, células, congregações, celebrações e convocações; todas as igrejas no lar e locais) for interdependente e co-dependente em Cristo.

Isso também significa que a Igreja pode funcionar com eficácia somente quando tiver algum tipo de estrutura e liderança. No Antigo Testamento, a glória de Deus geralmente vinha onde havia uma estrutura como o Templo e o Tabernáculo. Ainda, toda figura de igreja no Novo Testamento envolve uma estrutura, e quase conota algum grau de liderança e governo.

Toda figura da Igreja também é coletiva e demanda algum tipo de organização. Os tijolos precisam estar unidos uns aos outros; a carne precisa estar ligada ao músculo e osso; as nações precisam de bom governo; os edifícios precisam de um projeto cuidadoso e estruturas sólidas; exércitos precisam ter uma liderança talentosa – ou estão destinados ao fracasso.

Antes de examinarmos essas coisas, precisamos nos lembrar de três princípios bíblicos importantes:

- Cada membro do corpo de Cristo é ordenado por Deus – 1Coríntios 12:18

- Cada membro do corpo é mutuamente conectado, dependente, ligado e bem ajustado – Efésios 4:16
- Cada membro do corpo compartilha a vida comum de Cristo, a cabeça – João 15:1-8

Precisamos nos lembrar dos três princípios das assembléias cidadinas gregas que estão por trás da figura de *ekklesia*:

- Cada *ekklesia* tinha poderes ilimitados: elegia e demitia líderes, dirigia operações militares, levantava e alocava fundos, e designava pessoas para diferentes tarefas
- Cada *ekklesia* começava com oração e sacrifício
- Cada *ekklesia* tratava todos os seus cidadãos como iguais: Todos os cidadãos livres tinham direitos e deveres iguais – nenhum membro era mais importante que outro

### **Estrutura da Igreja**

Nenhuma manifestação da Igreja pode operar sem uma estrutura. Se começássemos uma igreja comunitária hoje, precisaríamos marcar reuniões e tomar decisões. Teríamos de aprender nas Escrituras e pelo Espírito como manifestar nossa vida de igreja.

O Novo Testamento não nos fornece um projeto para uma estrutura perfeita de igreja e uma organização ideal. Contudo, ele oferece diversos princípios importantes. Esses princípios precisam ser aplicados em qualquer igreja que tenha realmente o desejo de caminhar em direção a um padrão mais bíblico.

### **Unida Ainda Que Diferente**

A metáfora do ‘corpo’ enfatiza que há muitos membros diferentes dentro da Igreja e cada um tem uma função bem distinta. Cada e toda estrutura de igreja deve buscar manifestar tanto a unidade de propósito do corpo quanto sua diversidade de função.

É um princípio básico da Igreja o fato de que ‘há somente uma Igreja, mas há muitos dons’. Isso deve ser entendido praticamente em toda igreja que esteja tentando seguir princípios bíblicos. De alguma forma, as igrejas devem estar coordenadas e organizadas ao mesmo tempo em que garantem a existência de

um amplo espaço para uma extensa variedade de manifestações do ministério de Cristo.

### **Igual Ainda Que Distinta**

O princípio de igualdade que é intrínseco à idéia grega de *ekklesia* também é enfatizado no Novo Testamento. 1Coríntios 12:22-26 e Tiago 2:1-4 deixam claro que *status* não tem lugar na Igreja.

Exatamente como aquelas partes do corpo que não são atraentes recebem maior honra, assim também no corpo da Igreja aqueles membros que parecem menos importantes devem ser honrados, valorizados e estimados.

Somos todos iguais aos olhos de Deus, e todos iguais em seu corpo, por isso não devemos adotar estruturas que classificam algumas pessoas como mais importantes que outras. Aqueles a quem se confiaram dons de liderança devem ser mais excelentes e ter maiores responsabilidades, mas eles não são superiores ou mais importantes do que o restante do corpo. Obviamente, devemos ser tão bem administrados quanto as melhores empresas, mas nosso princípio deve ser de dignidade igual e valor igual.

Deve haver também distinção de função dentro da igualdade. Uma *ekklesia* grega indicava alguns membros para serem generais, outros para magistrados e enviava alguns cidadãos para fora da cidade para tarefas especiais. E Efésios 4:11-13 e 1Coríntios 12:4-11 mostram que há um Espírito, porém muitos dons – que Ele distribui quando e da forma que quer.

Há sempre a tentação de atribuir importância demasiada a um dom, ou considerar que uma função seja mais importante. 1Coríntios 12:28-31 mostra que profecia é um dom superior, mas sempre devemos aplicar o princípio de 1Coríntios 13:13.

### **Envolvimento Total dos Membros**

Muitas igrejas modernas são lideradas por uma elite profissional. Seus membros acham que devem apoiar um ministro onicompetente, que tem a obrigação de fazer tudo a favor deles. Nos últimos anos, contudo, o Espírito tem conduzido a Igreja à verdade bíblica de que o ministério pertence a todos os santos.

Eféios 4:11,12 explica que líderes devem equipar os santos para a obra do ministério: Eles não devem fazer tudo por eles. O crescimento e saúde do corpo dependem do funcionamento de cada parte para alcançar a capacidade. As igrejas precisam de estruturas que encorajem essa verdade vital porque somente um corpo totalmente mobilizado pode fazer a obra de Cristo e completar o mandato que Ele tem nos dado.

### **Totalmente Flexível**

Por si só fica evidente que corpos mortos não crescem e mudam. Organismos vivos estão sempre ativos. Em Lucas 5:37-39, Jesus ensinou que vinho novo necessita de odres novos. Naqueles dias, o vinho não fermentado era colocado em sacos feitos de peles de animais. O vinho se expandia conforme fermentava e as peles eram flexíveis o bastante para acomodá-lo. Quando o vinho era usado, a pele velha não podia ser reutilizada porque perdia sua maleabilidade – a menos que fosse totalmente molhada para restaurar a elasticidade.

Do mesmo modo, as estruturas da igreja não podem conter a nova vida e crescimento do Espírito quando são rígidas e inflexíveis. A única maneira de as estruturas da igreja poderem funcionar eficazmente é sendo flexível o bastante para permitir constante renovação por parte do Espírito.

O importante aqui é não ‘canonizar’ as estruturas de nossas igrejas ou lhes dar ênfase indevida. Precisamos reconhecer que as estruturas de nossas igrejas são como o andaime externo que possibilita a construção do edifício, mas elas não são o edifício. São como a estrutura de madeira, sem vida, sobre a qual a videira cresce, e não devem ser confundidas com a própria videira. Somente a videira pode produzir fruto – não a infra-estrutura sobre a qual ela está apoiada.

Quando enxergarmos isso, teremos o cuidado de apenas e sempre construir o tipo certo de estruturas de igreja que facilitem a verdadeira obra de construir Igreja. Não nos prenderemos aos ídolos das estruturas tradicionais de igreja que desde há muito tempo já deixaram de ser eficazes ou relevantes. Ao invés disso, sempre es-

teremos prontos a adaptar, mudar ou abandonar nossas estruturas e tradições ineficazes ou ultrapassadas e substituí-las por novas em uma atitude de flexibilidade autêntica, conduzida pelo Espírito.

### **Governo da Igreja**

Nenhuma 'nação', 'exército', 'cidade', 'família' ou igreja pode operar sem governo. Em toda a História, a Igreja jamais estabeleceu um sistema de governo, visto que o Novo Testamento não impõe regras rígidas. Ao invés disso, as Escrituras oferecem diretrizes para aplicarmos com o auxílio do Espírito.

Sabemos que Cristo é a cabeça da Igreja, então toda manifestação de *ekklesia* está sob Seu governo. Nenhum mero sistema humano pode reproduzir perfeitamente o governo de Cristo. Ele pode manifestar Seu governo por intermédio de um indivíduo, alguns indivíduos, ou todo Seu povo. Deus em Sua soberania é livre para manifestar Sua vontade da forma que escolher. Simplesmente depende de nós ouvirmos a Deus com o máximo cuidado que pudermos.

A Igreja tem usado tradicionalmente um dos quatro sistemas principais de governo de igreja.

### **Episcopal**

Na Igreja da Inglaterra, cada paróquia tem uma igreja, sobre cada igreja está um ministro, e sobre cada ministro está um bispo. Esse é um sistema hierárquico, mas pode funcionar bem quando os bispos e ministros são cheios do amor e paixão de Deus. No mínimo, ele garante que todos os pastores sejam pastoreados da forma correta.

### **Presbiteriano**

Esse é governado por um pequeno grupo de presbíteros escolhido ou eleito por algum sistema. Funciona bem quando os presbíteros estão em acordo e ouviram conjuntamente a vontade de Deus. Sua grande vantagem é ser claro a todo aquele que governa a igreja local e o princípio de pluralidade no presbitério é uma proteção bem-vinda.

## **Congregacional**

Esse é um governo democrático pela maioria da congregação. Funciona bem quando toda a congregação é tocada pelo poder de Deus e há um consenso claro a respeito de Sua vontade. Excelentemente, esse sistema age da mesma forma que a importante verdade que Cristo está no corpo todo e não em um grupo de elite. Contudo, o problema é que a maioria nem sempre está certa – como vimos em Números 13:1–14.10.

## **Apostólico**

Esse é o governo por um apóstolo que chama pessoas a segui-lo e fazer a obra de Deus. Mais uma vez, esse governo funciona bem quando o líder for inspirado e ungido por Deus. Seu ponto forte é que sempre há uma visão clara a seguir. Liderança apostólica e profética real fornece a base na vida da igreja, define a direção de acordo com o plano mestre de Deus, coloca estrutura na igreja, e libera o corpo de Cristo no ministério de Cristo. Entretanto algumas perguntas persistem. O que acontece quando o líder apostólico exagera em sua posição e o autoritarismo começa? Como a liderança apostólica se relaciona com outras expressões de autoridade na igreja? Quem pastoreia o líder? E quem assume quando o líder muda para outra função?

O sistema papal católico romano pode ser considerado uma forma de governo apostólico de igreja. Na Igreja Católica, o clero forma uma hierarquia que governa a igreja tendo o papa como a autoridade suprema. O papa, que é considerado como o bispo de Roma, toma decisões autoritárias por toda a igreja. Crê-se que a autoridade e cargo papal sejam passados de papa para papa, originando-se na declaração de Cristo sobre Pedro como o primeiro papa, de acordo com a interpretação católica de Mateus 16:18. Contudo, como discutimos na Parte Dois, Jesus não estava se referindo a Pedro como ‘a pedra’ em Mateus 16:18 – ao invés disso, Ele estava chamando a atenção para a declaração de fé de Pedro – o fundamento de pedra – de que Jesus é o Cristo.

Evidentemente, nenhum sistema de governo de igreja é per-

feito, e a História mostra que Deus usará qualquer um deles. Devemos simplesmente tentar reconhecer Sua voz – quer na congregação, um ministério externo, um indivíduo quer um grupo de presbíteros. É preciso ter em mente sete princípios bíblicos básicos sempre que se pensar em governo de igreja.

- Cristo é a única e exclusiva cabeça. Ele é o líder supremo da Igreja
- Há uma variedade de dons de liderança que não está habilitada em um indivíduo onipotente
- Cristo está presente em todos os membros – cada membro pode ouvir Deus por si mesmo por meio do Espírito
- Deus estabeleceu apóstolos e profetas na Igreja para governar e dirigir de acordo com a visão que lhes tem dado
- Jesus veio não para ser servido, mas para servir, e Ele deixou um exemplo ao lavar os pés dos discípulos para seus sublíderes seguirem. Padrões de governo autoritário ou coercivo não devem existir
- Cada manifestação da Igreja tem integridade e é uma unidade válida
- Cada manifestação da Igreja deve ser interdependente e co-dependente com todas as outras manifestações locais – e deve se relacionar com manifestações maiores do corpo em âmbito mundial

### **Liderança da Igreja**

Nenhuma igreja pode funcionar sem líderes e liderança, e Jesus é o líder de Sua Igreja. Ele governa e dirige a Igreja por meio de Sua Palavra e Seu Espírito. Seja qual for nosso governo na Igreja, temos de nos sujeitar à autoridade de Cristo.

Quando nos sujeitamos a Cristo, estamos nos sujeitando uns aos outros, visto que todos estão igualmente unidos a Cristo. Efésios 5:21 ensina que estamos todos sujeitos uns aos outros – porque reconhecemos Cristo uns nos outros. Isso significa que liderança não é alguns governando muitos, mas todos servindo uns aos outros em uma diversidade de formas – das quais a liderança é apenas uma.

## 1. Liderança Local

A igreja do Novo Testamento parece que teve um duplo padrão de liderança que envolvia presbíteros e diáconos.

### Presbíteros e Bispos

O Novo Testamento se refere tanto a *episkopos* quanto a *presbuteros*. *Episkopos* vem de *epi*, ‘por cima’, e *skopea*, ‘olhar’, e significa literalmente um ‘supervisor’. Sempre traduzido como ‘bispo’, e é usado em Atos 20:28; Filipenses 1:1; 1Timóteo 3:2; Tito 1:7 e 1Pedro 2:25.

*Presbuteros* significa ‘presbíteros’ e é outra palavra para a mesma pessoa como ‘supervisor’ ou ‘bispo’. Vemos essa palavra em Atos 20:17-28, onde Paulo reúne os *presbuteros* da igreja em Éfeso e os chama de *episkopos*.

O termo ‘presbítero’ indica a experiência madura e espiritual e o entendimento dos líderes específicos, e as palavras ‘supervisor’ ou ‘bispo’ apontam para seu papel ou posição na igreja: são os ‘presbíteros’ que ‘supervisionam’ ou ‘fazem o papel de bispo’ aos santos – vemos isso em 1Pedro 5:1-4. Essa passagem das Escrituras também mostra que o trabalho dos supervisores ou presbíteros era ‘apascentar’ ou ‘pastorear’ o povo de Deus e é confirmada em Atos 20:28.

Atos 14:23; 20:17; Filipenses 1:1; Tito 1:5 e Tiago 5:14 mostram que um pequeno grupo de supervisores ou presbíteros deveria ser indicado em cada igreja. A única passagem que se refere a um único bispo indica Cristo – 1Pedro 2:25 – ou descreve como cada *episkopos* deve ser, individualmente, como em 1Timóteo 3:1.

1Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9 relacionam as qualidades que cada presbítero ou bispo deve possuir. E Atos 11:30; 15:4-6,23; 16:4; 1Timóteo 4:14; 5:17; Tiago 5:14 e 1Pedro 5:2 mostram que presbíteros, supervisores e bispos estavam envolvidos em:

- Visitar e curar o enfermo
- Ensinar a Palavra de Deus e a doutrina cristã
- Receber dons a favor da comunidade
- Reconhecer e impor as mãos sobre membros com dons

- Governar e supervisionar a congregação local
- Participar de conselhos gerais da igreja

A maioria dos presbíteros parece ter sido da mesma classe e ter agido coletivamente, como em 1Timóteo 4:14 onde o corpo de presbíteros ordenou a Timóteo. Atos 15:5-21, contudo, indica que Tiago era o presbítero superior em Jerusalém – um ‘primeiro entre iguais’ com o papel de presidir.

É razoável esperar que em qualquer manifestação autêntica da Igreja, pelo menos no nível da igreja local do Novo Testamento, haja aqueles que tenham sido presenteados com um ou mais de cada um dos cinco ministérios de Cristo. Parece que, em termos locais, os cinco ministérios ou dons de liderança mencionados em Efésios 4:11 funcionavam como parte da equipe de presbitério: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres.

Ministérios translocais se encaixariam nesse modelo de liderança e não usurariam a liderança da igreja local. Entretanto, devo dizer novamente que a ‘igreja local’ do Novo Testamento não corresponde ao que se chama normalmente de ‘igreja local’ em nossos dias. Como vimos na Parte Três, as igrejas locais atualmente estão mais parecidas com as igrejas ‘em casar’ ou ‘comunidades’ do Novo Testamento. Portanto, o modelo de presbitério do Novo Testamento não pode ser usado como justificativa para o isolamento que vemos em muitas congregações atualmente.

1Timóteo 5:17 mostra que havia presbíteros que governavam a igreja, e aqueles que também participavam no ministério público de pregação e ensino. A liderança governamental não estava necessariamente ligada à capacidade de pregar.

Para concluir, podemos dizer que os presbíteros são chamados para ‘proteger, guiar e pastorear’. Isso significa proteger o rebanho contra o inimigo, guiar o povo pelos caminhos de Deus, e pastorear os membros ensinando e pregando. Conforme seus papéis e posições, eles eram ‘supervisores’, sua qualificação espiritual era a maturidade espiritual, por conseguinte eles eram chamados ‘presbíteros’ e sua função era apascentar o rebanho de Deus, portanto eram chamados de ‘pastores’.

## **Diáconos**

Os diáconos eram chamados e equipados para auxiliar os presbíteros em todos os detalhes práticos e de serviço, de forma que os presbíteros podiam se dedicar totalmente à obra de supervisão espiritual.

A palavra grega *diakonos* significa 'servo' e é usada sempre no Novo Testamento para servir as mesas – por exemplo, Marcos 1:31 e Lucas 10:40. É interessante que Jesus se apresenta como Quem Serve (o Diácono), em Lucas 22:26 no contexto de servir as mesas.

*Diakonos* também é usado em relação geral ao ministério prático em Romanos 15:25 e 2Coríntios 8:4, e em relação àqueles que ajudam Paulo na prática em Atos 19:22; Filemom 13; Colossenses 4:7 e Efésios 6:21. Examinamos essa palavra na Parte Um de *Ministério no Espírito*.

Em Romanos 12:7 e 1Pedro 4:11, 'servir', *diakonia*, recebe o nome de um dom especial de Deus. É equivalente a profecia e governo, e deve ser exercitado por aqueles que receberam esse dom de Deus.

Normalmente se deduz que os homens cheios do Espírito de Atos 6 foram os primeiros diáconos – embora não sejam chamados assim. Eles tinham a responsabilidade de administrar o recurso das viúvas e liberar os apóstolos para o ministério da Palavra.

1Timóteo 3:8-11 descreve o caráter dos diáconos e 1Timóteo 3:11 parece mencionar diáconos do sexo feminino (ou diaconisas): certamente Febe é chamada de diaconisa em Romanos 16:1.

Devemos nos lembrar que títulos não são importantes, o que importa é que as funções bíblicas de liderança sejam cumpridas. As igrejas locais não precisam chamar seus líderes de 'presbíteros' e 'diáconos', contanto que haja uma liderança coletiva identificável realizando esses trabalhos.

## **2. Liderança Translocal**

Cada igreja local do Novo Testamento tinha a própria liderança e respondia diretamente à cabeça da igreja, a Jesus.

Em Apocalipse, há uma mensagem diferente proveniente da

cabeça para cada igreja da Ásia Menor. Cristo tinha uma palavra específica para cada igreja, mas essas mensagens deviam ser ouvidas por todas as outras igrejas; e é por isso que Jesus diz: 'ouça o que o Espírito diz às *igrejas*' em Apocalipse 2:7,11,17,29; 3:6,13 e 22. Isso reforça o fato de que cada igreja local é apenas uma manifestação do corpo. Não podemos nos desvincular uns dos outros; deve haver relacionamento entre as igrejas.

Uma das melhores formas de manter esses relacionamentos é reconhecer os ministérios em um nível translocal. Isso significa receber ministérios que são dom de Deus para todo o corpo ainda que eles sejam baseados em uma manifestação distinta da Igreja – ainda que seja outro país. É exatamente isso que vimos em Apocalipse, onde cada igreja da Ásia tinha a própria liderança, mas reconhecia e se beneficiava do ministério maior de João.

Obviamente, todos os ministérios relacionados em Efésios 4:11 devem ter suas raízes em igrejas locais onde deveriam trabalhar com os presbíteros, como em Atos 15:6 e 22,23. Contudo, os ministérios apresentados em Efésios 4:11 também parecem ter uma função translocal.

Igrejas locais bíblicas deveriam ser supervisionadas, ou 'chefiadas', por presbíteros – sendo que alguns deles provavelmente também seriam apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Seu presbitério é um ministério puramente local. Alguns líderes insistem que os apóstolos só podiam operar translocalmente porque sempre eram 'enviados' por uma igreja. Entretanto, parece que o chamado de um apóstolo tem de fato uma função válida dentro da igreja local do Novo Testamento, porque o ministério apostólico é necessário para se dar forma e visão. Mais uma vez, devemos nos lembrar que a igreja local do Novo Testamento é um conceito muito distante das igrejas locais de nossos dias.

Dentro da Igreja aqueles que possuem os dons apresentados em Efésios 4:11 podem manifestar seu ministério tanto por meio de sua igreja local quanto além dela – em outras igrejas locais onde sejam bem-vindos pelos diáconos e, como Paulo em Atos 21:17-25, se submetam a seus respectivos presbíteros.

## Apóstolos

A palavra grega apóstolos, '*apóstolo*', é derivada de *apo*, 'de', e *stello*, 'enviar'. Significa literalmente 'o que é enviado adiante', portanto, apóstolos são aqueles que são enviados ou comissionados. Afinal, quem comissiona apóstolos na Igreja é o próprio Cristo.

No Novo Testamento há pelo menos três tipos de apóstolos:

- Jesus Cristo, que foi enviado de Deus – Hebreus 3:1 e João 17:3
- Apóstolos da fundação, que foram enviados de Jesus – Lucas 6:13 e 9:10
- Apóstolos gerais, que foram enviados da cabeça da Igreja por meio de seus sublíderes – Atos 14:4; Romanos 16:7 e 1 Tessalonicenses 2:6

Os apóstolos da fundação foram escolhidos por Jesus como testemunhas oculares especiais que estiveram com Ele desde o início. Possuíam qualificações únicas e exclusivas. Tinham autoridade especial para testemunhar e transmitir o ensinamento de Cristo. Obviamente, eles pertenceram apenas à primeira geração de crentes.

Alguns líderes ensinam que os apóstolos da fundação foram os únicos apóstolos. Entretanto, o Novo Testamento nomeia também a Barnabé, Andrônico e Júnias (provavelmente uma mulher) como apóstolos. E Efésios 4:11 indica que todos os dons são para desenvolver a Igreja *até* que esteja plenamente madura. É claro que isso não será alcançado até Jesus retornar.

Portanto, podemos dizer que os apóstolos são necessários para desenvolver e equipar os santos em toda época e lugar até o fim dos tempos. O primeiro apóstolo foi enviado adiante de Jesus a lugares que Ele estaria visitando, e os apóstolos sempre são pioneiros que são enviados adiante para liderar a obra do evangelho.

As Escrituras mostram que os apóstolos possuem diversas características inconfundíveis:

## **1. Paternidade**

1Coríntios 4:15 declara que a paternidade espiritual está no núcleo do ministério apostólico. Isso fala de liderança sábia, que doa vida, de alimentação e proteção, e do dom de fazer as coisas começarem. 1Coríntios 3:10 mostra que apóstolos estabelecem a obra de Deus e desenvolvem a Igreja. Eles inspiram e motivam outros com a visão de Deus.

## **2. Autoridade**

2Coríntios 10:8 declara que os apóstolos possuem autoridade no Espírito para ver a visão de Deus cumprida, mas devemos observar que não se trata de autoridade sobre igrejas. Paulo apoiava e encorajava igrejas, ele confrontava seus pecados e erros, porém nunca as comandou ou dirigiu – essa é a tarefa dos presbíteros locais.

## **3. Sinais e Maravilhas**

2Coríntios 12:12 declara que o ministério dos milagres é uma característica vital dos apóstolos, porém conforme mostra 1Coríntios 9:2, a ‘prova’ máxima do apostolado, assim como em todos os ministérios, é o fruto. O fruto do apostolado é estabelecer, desenvolver e tornar as igrejas fortes.

## **4. Formar Líderes e Liberar Dons**

Paulo sempre viajava e ministrava em equipes, e era profundamente envolvido no treinamento e envio de ministros. Vemos isso em 2Timóteo 2:2 e Romanos 1:11,12.

## **5. Estruturar e Fortalecer a Vida da Igreja**

Os textos de Atos 14:23 e 15:41 descrevem os apóstolos indicando líderes locais em igrejas recém-constituídas e visitando igrejas a fim de fortalecê-las.

## **6. Chamado Específico**

2 Coríntios 10:13 mostra que Paulo foi chamado para uma área específica. Os apóstolos não são simplesmente ‘enviados’; são enviados a locais específicos ou grupos de pessoas.

## Profetas

A palavra grega *prophetes*, ‘profeta’, vem de *pro*, ‘adiante’, e *phemi*, ‘falar’. Significa literalmente ‘o que fala adiante’ e descreve alguém que fala as palavras de Deus e revela Seus pensamentos.

Os profetas são chamados a viver em comunhão íntima com Deus. Eles entram na presença de Deus para ouvir Seus pensamentos, e aparecem para pregar, encorajar e explicar o que Deus está fazendo, ou para desafiar os padrões e comportamento da Igreja e do mundo. De preferência, os profetas transmitem somente o que Deus está pensando e fazendo, e não contaminam a mensagem com suas opiniões e valores culturais.

No Novo Testamento, parece existir dois tipos de profetas:

- Aqueles que operavam apenas dentro de uma igreja local – onde todas as pessoas eram sempre encorajadas a buscar a Deus por profecia, 1Coríntios 12:10,28; 13:1,8,9; 14:1-6 e 29-39
- Aqueles que eram mais amplamente reconhecidos e operavam translocalmente, Atos 11:27-30 e 21:10,11: esses são os profetas mencionados em Efésios 4:11

O ministério de profeta do Novo Testamento incluía sete princípios.

- Era reconhecido oficialmente. Homens ou mulheres que a igreja local reconhecia por um período, os quais recebiam e transmitiam profecias regularmente foram identificados como profetas. Eles não eram indicados para um cargo; eram reconhecidos quando provavam que tinham participação no ministério profético de Cristo
- Seu ministério envolvia revelação factual – Atos 11:27-30 e 13:1-3
- Falavam pela inspiração do Espírito Santo – Atos 11:27
- Não eram infalíveis em cada detalhe de seu modo de falar.

A profecia de Ágabo em Atos 21:10,11 foi bem precisa, mas alguns detalhes não ocorreram exatamente como ele havia profetizado. Isso não anula o poder de sua mensagem – que era verdadeira. Mesmo assim, Paulo não agiu baseado na mensagem; ao invés disso, ele a usou para se preparar para a tribulação que se aproximava.

Isso mostra que temos a séria obrigação de ‘julgar’ a profecia, como em 1Coríntios 14:29-32. A palavra grega *diakrisis*, ‘julgar’ ou ‘discernir’ significa ‘separar’ e mostra que os ‘outros’ (a palavra grega *allos* se refere aos outros profetas) não aceitam ou rejeitam a mensagem toda, ao invés disso eles afastam a escória humana e se concentram na essência divina.

- Eles previam o futuro – Atos 11:27-30
- Eles davam direção para o ministério que confirmava o que as pessoas já sabiam – Atos 13:11-13; 1Timóteo 1:18, 4:14 e 2Timóteo 1:6
- Eles falavam do que Deus estava fazendo, como em Atos 11:27-30. Ágabo não exigiu uma resposta humana; ele simplesmente alertou sobre uma fome futura e deixou para as pessoas responderem de acordo com sua liderança. O profeta translocal transmitiu a Palavra de Deus, e os líderes locais decidiram a forma que se deveria responder à profecia. Observe o propósito prático dessa profecia. Ela é a legitimidade de toda a verdade de todos os profetas bíblicos, verdadeiros. Seu ministério é servir o corpo de Cristo e falar nas situações da igreja de maneira que os resultados práticos sejam o crescimento e desenvolvimento da Igreja. Os crentes agiram com base na profecia de Ágabo e se envolveram na obra de assistência aos crentes empobrecidos durante a fome judia

Os profetas também são chamados a falar em situações pessoais, como a prisão de Paulo em Roma, e em situações nacionais e internacionais como voz profética de Deus ao mundo.

## **Evangelistas**

A palavra grega *euangelistes*, ‘evangelista’, vem de eu, ‘bem’ e *angelos*, ‘mensageiro’ e significa ‘o que traz boas novas’.

O verbo *euangelizo*, que significa ‘anunciar as boas-novas’, é muito comum no Novo Testamento, mas o título *euangelistes* aparece apenas três vezes:

- Timóteo é conclamado a fazer a obra de um evangelista – 2Timóteo 4:5
- Filipe é descrito como ‘o evangelista’ – Atos 21:8

- O ofício é relacionado como um dom especial para a Igreja – Efésios 4:11

Embora todos os cristãos sejam chamados ‘a anunciar as boas-novas’, há aqueles com um dom especial para evangelismo. Os únicos evangelistas mencionados no Novo Testamento, Filipe e Timóteo, tiveram ministérios translocais. O livro de Atos descreve as viagens de Filipe em Samaria antes de se fixar em Cesaréia. E Timóteo viajou com Paulo antes de se fixar em Éfeso.

## Pastores

A palavra grega *poimen* significa literalmente ‘um pastor’, e descreve alguém que cuida de animais e os alimenta. É usada metaforicamente para ‘pastores’ cristãos para identificar aqueles que cuidam do rebanho de Deus. Jesus é o bom Pastor, e Ele continua a cuidar de Sua ovelha por intermédio de ‘subpastores’ – por intermédio dos pastores que deu à Sua Igreja.

Por todas as Escrituras, a liderança ‘pastoral’ é revelada constantemente como o amor de Deus por Seu povo. Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 48:15; 49:24; Salmos 23:1; 28:9; 78:70-72; Isaías 40:11; Ezequiel 34:23,24; Mateus 2:6; 9:36; João 10:11; 21:16,17; Atos 20:28-31 e 1Pedro 5:1-4.

Os pastores têm grande responsabilidade por seu rebanho:

- Ajuntamento – eles conhecem as ovelhas, as reúnem e as mantêm juntas como um rebanho
- Proteção – eles continuam protegendo o rebanho de Deus dando o direcionamento a suas vidas – eles conduzem as ovelhas do perigo para os bons pastos
- Pastoreio – certificam-se de que a ovelha esteja bem alimentada
- Oração – ficam alertas e em oração por todos os santos
- Atenção – dão atenção individual à ovelha; levam a sério Tiago 1:19, e aprendem a ouvir e compreender os outros
- Admoestação – eles corrigem e admoestam, falando a verdade em amor, de forma que cada pessoa possa ser apresentada perfeita em Cristo
- Cuidado – aplicam 1João 3:16-18 e Tiago 2:15-18 e cuidam de forma prática de cada ovelha necessitada

- Cura – curam sua ovelha doente e se certificam de que a cura seja parte integral da vida do rebanho
- Aconselhamento – carregam as cargas de suas ovelhas dando-lhes as palavras de Deus de maneira sensível, criativa e amorosa
- Apoio – aceitam a responsabilidade espiritual pela ovelha e buscam apoiá-la, encorajá-la e fortalecê-la

## Mestres

Eféios 4:11 também declara que Cristo concede ‘mestres’ para a Igreja. A palavra grega *didaskalos*, ‘mestre’, significa ‘dar instrução’ ou ‘instruir’.

Deus presenteia determinadas pessoas com a capacidade de entender verdades bíblicas e comunicar esse entendimento – de forma prática, regular e sistemática – a todos os santos. O texto de 2Timóteo 3:16,17 declara que os mestres devem usar as Escrituras para:

- Ensinar-nos o que Deus requer
- Admoestar-nos quando não correspondermos
- Corrigir-nos e nos mostrar como acertar novamente
- Treinar-nos para permanecermos no caminho certo

São os mestres que edificam os crentes instruindo-os nos caminhos e atitudes de Deus. E são os mestres que são usados pelo Espírito para moldar as vidas de cristãos à imagem de Cristo.

Observamos o importante papel do ensino na Igreja em Mateus 28:20; Atos 2:42; 1Timóteo 5:17; Atos 20:28 e Romanos 12:7.

Pastores e mestres realizam uma função indispensável. Usam como base os fundamentos estabelecidos pelos apóstolos, profetas e evangelistas. Muitos deles permanecem em um mesmo lugar, geralmente por muitos anos, cuidando da igreja. Eles a estabelecem sobre fundamentos bíblicos, e enfatizam sua unidade essencial com todos os crentes dos séculos passados, por intermédio de tradições, e por todo o mundo.

Pastores e mestres também possuem uma função translocal. Aqueles com um dom especial em ensino sempre são chamados a viajar muito – especialmente para ensinar outros mestres. E

aqueles com um dom pastoral especial podem oferecer ajuda pastoral àqueles pastores e líderes que não estão sendo pastoreados por causa da estrutura de governo de suas igrejas.

Efésios 4:12 mostra que todos esses ministérios foram dados por Jesus para preparar toda a Igreja para o serviço. E a palavra grega que ele usa, *diakonia*, significa serviço prático, servir, de lavar os pés, servir a mesa. Cada crente, especificamente, deve servir a Deus, a outros discípulos e ao mundo. Todavia, as diferentes categorias de líderes devem assegurar que a Igreja como um todo seja caracterizada por esse tipo de serviço humilde.

Entretanto, o mais importante de tudo, a obra do corpo de Cristo, é a obra ou ministério do próprio Cristo. Os dons e ministérios de liderança não são um substituto para a obra do corpo. Ao invés disso, esses ministérios de Efésios 4:11, como toda a gama de dons de liderança, são dados à Igreja para que ela seja equipada para ministrar ao mundo assim como Cristo ministrou. Essa é a única forma da ordem de Cristo em Mateus 28:18-20 ser cumprida. Nenhum dom de liderança é um fim em si mesmo, mas é para o propósito claro de equipar os santos para a obra do ministério.





Parte Nove

# A Igreja Eficiente

Vimos em Efésios 3 que Cristo deu à Sua Igreja a responsabilidade básica de revelar a glória de Deus (Sua natureza, sabedoria, beleza, autoridade e presença) a todas as nações do mundo terreno e aos principados e potestades nos lugares celestiais.

Observamos as palavras de Jesus em Mateus 16:18, e definimos que a Igreja que Ele constrói será caracterizada por uma natureza ofensiva, como de guerra. E examinamos a oração de Cristo em João 17, e entendemos que Sua Igreja deve ser guiada por Sua Palavra, cheia com Sua alegria, unida em Seu amor e ser enviada ao mundo para que as pessoas creiam.

Examinamos a idéia de *qahal* no Antigo Testamento, e percebemos que ela indica que a *ekklesia* de Cristo também foi reunida para louvar a Deus, combater Seus inimigos e revelar Sua glória 'à vista do mundo' pela forma como vive e ama.

Estudamos *ekklesia* e *koinonia*, e reconhecemos que fomos reunidos para participar de um propósito comum, para estabelecer um relacionamento íntimo com Deus e uns com os outros, e para alcançar o glorioso destino que Deus apresenta diante de nós.

Analisamos as figuras bíblicas da Igreja e vimos que elas ensinam sobre nossa natureza coletiva, nosso relacionamento com Deus e nosso propósito. E reconhecemos que a Igreja não deve ser identificada com 'o reino', 'Israel nacional' ou 'o Estado'.

Isso tudo nos ajudou a estabelecer uma visão geral da vida e ministério da Igreja e a perceber que não devemos guardar a Lei judia ou duplicar as funções do Estado.

Um ensinamento mais detalhado do Novo Testamento aplica esses princípios e propõe que a Igreja de Deus tem sido ‘reunida’ para operar em cinco áreas de destaque. Essas áreas se inter-relacionam, sobrepõem e influenciam grandemente umas as outras, mas todas as cinco funções precisam ser cumpridas com eficácia se a Igreja quiser ser completa e equilibrada como Deus quer que Ela seja.

### **Adoração**

O chamado supremo, global, da única Igreja é adorar a Deus. Antes de tudo o mais, somos chamados a ser uma comunidade que adora.

### **O que É Adoração?**

A palavra ‘adorar’ significa ‘atribuir valor a algo ou alguém’. Significa ‘transferir-valor’ – dar a alguém a honra ou o valor que merece. Sempre que nos reunimos, deveríamos adorar o Pai, e reconhecê-Lo pelo que Ele é – o Criador e redentor de todo o mundo. Devemos adorar a Jesus por quem Ele é – o eterno Filho e Salvador de toda a humanidade. E devemos adorar o Espírito Santo – nosso capacitador e motivador.

A adoração cristã tem suas raízes no Antigo Testamento, especialmente em Salmos: passagens como os salmos 96.4,8; 99.9 e 148:13 são tão relevantes hoje como quando foram escritas milhares de anos atrás.

Há duas palavras hebraicas mais importantes para a adoração. *Histahawah* significa literalmente ‘prostrar-se’, e indica que adoração é se prostrar diante de Deus como sinal de respeito. *Histahawah* era a forma natural dos pecadores se aproximarem de seu Deus santo – vemos isso, por exemplo, no Salmo 95:6-11; 2Reis 17:36 e 2Crônicas 20:18.

O elo entre ‘se prostrar’ ou ‘se dobrar’ e ‘adorar ao Senhor’ é repetido no Novo Testamento – por exemplo, Mateus 2:11; 4:9; Atos 10:25; 1Coríntios 14:24,25; Apocalipse 4:10; 5:14; 7:11,12; 11:16; 19:5,10 e 22:8.

A principal palavra grega para adoração no Novo Testamento

é *proskuneo*, que literalmente significa ‘beijar’. Pensamos nisso como ‘fazer reverência’, ‘reverenciar’ ou ‘prestar homenagem’: *proskuneo* indica que toda nossa adoração deve ser inspirada por um amor adorador.

Quando nos reunimos – porém, antes de começar a orar e agradecer a Deus – deveríamos passar alguns instantes reconhecendo humildemente a grandeza, santidade e o imenso amor desse nosso maravilhoso Deus.

A segunda palavra hebraica mais importante para adoração é *abodah*, que significa ‘serviço’. Isso significa que falar sobre um culto de adoração é provavelmente uma redundância. A verdadeira adoração inclui louvar a Deus com nossas bocas e servi-Lo com nossas vidas – observamos isso no salmo 116:16-19.

## **A Resposta**

A adoração é nossa resposta a Deus, o que quer dizer que ela é iniciada por Deus. Ele inspirou Israel a adorar, Ele os reuniu para adorar, e Ele lhes deu instruções precisas quanto à adoração que Ele buscava.

Em Êxodo 10:26, Moisés disse ao Faraó que eles não saberiam qual adoração ofereceriam a Deus até que chegassem ao lugar para onde Ele os estava conduzindo. Eles sabiam que sua adoração tinha de ser inspirada por Deus e dirigida por Ele.

A adoração descrita em Atos 2:11 e Romanos 8:15,16 é uma resposta à obra do Espírito. Quando o Espírito vem verdadeiramente sobre nós, nossa resposta natural deve ser gritar em louvor e adoração ao Pai. E Efésios 5:18-20 mostra que a adoração congregacional é baseada em nossa experiência de ser cheio do Espírito.

João 4:23,24 declara que o Pai quer que o adoremos ‘em espírito e em verdade’. Ele não está muito preocupado com nossas preferências musicais, mas Ele anseia que nossos corações e mentes sejam retos diante Dele, nossas vidas estejam sempre ‘no Espírito’, e nossas mentes estejam inundadas na ‘verdade’.

Claro que devemos nos certificar de ter uma adoração significativa, valorosa, qualificada e culturalmente relevante em nossa

igreja, pois Deus não quer que nossa adoração seja chata, repetitiva ou cansativa. Ele quer que O adoremos de maneira criativa, de um jeito novo, animado, que reflita Sua natureza criativa.

## Um Sacrifício

Vimos na Parte Um que glória e sacrifício estão ligados nas Escrituras. A glória de Deus é revelada mais claramente no auto-sacrifício – que é a razão pela qual a cruz, não o túmulo vazio ou a pomba – é o maior símbolo da Igreja.

Por toda a Bíblia, cada faceta da adoração humana está ligada com sacrifício: é por isso que atualmente a glória de Deus é quase sempre vivenciada nas horas de adoração.

O princípio de 2Samuel 24:24 norteia toda a idéia bíblica de adoração. No Antigo Testamento, as pessoas ofereciam em sacrifício a Deus o melhor que tinham. Embora a época de sacrifícios de sangue tenha acabado com a morte completa e suficiente de Cristo na cruz, ainda somos chamados a oferecer sacrifícios a Deus no Novo Testamento.

De forma especial, a Igreja é chamada a adorar a Deus com:

- Sacrifício de nossos corpos – Romanos 12:1; 15:16; Filipenses 1:20; 2:17 e 2Timóteo 4:6
- Sacrifício de nosso dinheiro e posses – Hebreus 13:16; Mateus 6:24; 1Timóteo 6:10; Lucas 6:38 e 2Coríntios 9:11-13
- Sacrifício de nossos louvores – Hebreus 13:16; Salmos 66:1-4; Mateus 26:30; Atos 16:25; 1Coríntios 14:26; Efésios 5:19; Colossenses 3:16 e Tiago 5:13

## Princípios Bíblicos

A função básica da Igreja é adorar a Deus. Se isso não for essencial a toda manifestação da Igreja, todas as outras atividades estarão desalinhadas.

Examinamos a adoração com mais detalhe no volume *Adoração em Espírito e em Verdade* da série *Espada do Espírito*, mas devemos reconhecer três princípios básicos de adoração para a igreja.

- A adoração depende da presença do Espírito Santo – Filipenses 3.3 declara que ‘adoramos pelo Espírito de Deus’, e toda

nossa adoração depende Dele. Sem Ele, não podemos falar com o Pai. Ele inspira o nosso louvor e orações, nos conduz à verdade, nos convence do pecado e nos concede os dons maravilhosos para nos ajudar a adorar e servir a Deus

- A adoração deve ser direcionada exclusivamente a Deus – O chamado do salmo 34:3 é o chamado eterno a adorar a Deus. Quando a adoração da igreja se degenera para uma exibição ou cântico de corinhos da comunidade, ela deixa de ser adoração
- A adoração deve fortalecer o corpo de Cristo – os excelentes capítulos de Paulo sobre adoração, 1Coríntios 11–14, são dominados pelo verbo *oikodomeo*, que significa literalmente ‘construir uma casa’, mas geralmente é traduzido como uma palavra sem significado: ‘edificar’. 1Coríntios 14:26 mostra que cada aspecto da nossa adoração deve ‘edificar em conjunto e fortalecer’ a Igreja de Deus

## Palavra

Vimos na Parte Dois que a Igreja deve ser a ‘mantenedora’ ou ‘guardiã’ da verdade eterna, absoluta – a Palavra escrita de Deus. Atualmente, há no mundo todo muitas afirmações contrárias à verdade; e na Europa, vivemos em uma cultura pós-moderna que nega até mesmo o conceito de verdade absoluta. Isso significa que precisamos ensinar e pregar a verdade com o maior cuidado e clareza possíveis.

É de extrema importância que mantenhamos nossa devoção à Palavra de Deus. As prioridades e modas podem nos desviar das Escrituras, mas a Palavra de Deus deve continuar sendo a mais importante.

Cada aspecto da vida da igreja deve estar fundamentado nas Escrituras. Cada ministério deve estar baseado nos princípios bíblicos. Cada crente necessita de encorajamento constante para sujeitar seu pensamento à Palavra de Deus. Os novos crentes têm cada vez menos instrução bíblica e uma grande massa de idéias humanas, então há urgência de ensinar-lhes rapidamente os princípios eternos de graça e fé.

Vemos em Atos 2:11, que a igreja começou na adoração, mas

em Atos 2:14-40 ela logo mudou para a pregação da Palavra de Deus. O Espírito era derramado, os discípulos adoravam, mas as pessoas só eram ‘compungidas no coração’ quando ouviam a Palavra proclamada no poder do Espírito. É o mesmo em Atos 3: um homem foi curado pelo poder do Espírito, ele louvou a Deus, mas Atos 4:4 relata que foi a pregação da Palavra que fez as pessoas crerem.

A Bíblia mostra que a Igreja primitiva aproveitava cada oportunidade para pregar a Palavra de Deus – observamos isso em Atos 4:8-12; 8:4 e 19:8-20. E o texto de Atos 19:8-20 nos fornece um exemplo importante da devoção de Paulo à Palavra, e uma das formas que Deus honrava sua devoção.

O livro de Atos utilizou pelo menos quinze palavras gregas diferentes para descrever a grande variedade de formas em que os crentes primitivos ‘guardavam’ e utilizavam a Palavra de Deus. Por exemplo, eles:

- *Euangelizo*, ‘anunciavam’ – Atos 8:4
- *Sugcheo*, ‘confundiam’ – Atos 9:22
- *Anaggello*, ‘declaravam’ – Atos 20:20
- *Parakaleo*, ‘exortavam’ – Atos 2:40
- *Ektithemi*, ‘explicavam’ – Atos 28:23
- *Kerusso*, ‘proclamavam’ – Atos 10:37
- *Peitho*, ‘persuadiam’ – Atos 13:43
- *Kataggello*, ‘pregavam’ – Atos 17:13
- *Sumbibazo*, ‘provavam’ – Atos 9:22
- *Diaphero*, ‘publicavam’ – Atos 13:49
- *Dialegomai*, ‘discutiam’ – Atos 17:2
- *Laleo*, ‘falavam’ – Atos 13:42
- *Parrhesiazomai*, ‘falavam ousadamente’ – Atos 9:27-29
- *Didasko*, ‘ensinavam’ – Atos 18:11
- *Diamarturomai*, ‘testificavam’ – Atos 8:25

Em todos os outros lugares no Novo Testamento lemos que a Igreja também usava a Palavra de Deus para argumentar, debater, expor, admoestar, confessar, cobrar, reprovar, corrigir e instruir.

Somente o texto de 2Timóteo 3:15-17 já deveria ser o suficiente para nos convencer da importância vital da Palavra na vida

da Igreja. Ele nos lembra que as Escrituras:

- Fazem-nos sábios para a salvação
- São inspiradas por Deus
- São proveitosas para instruir em justiça
- Fazem-nos completos
- Preparam-nos perfeitamente para toda boa obra

Por todo o Novo Testamento, somos exortados a ‘guardar’ a Palavra e manejá-la cuidadosamente. Diversos princípios surgem a respeito da Igreja e da Palavra. Devemos:

- Lembrar que é a Palavra de Deus, oráculos de Deus, mistérios de Deus – 1Pedro 4:11; 1Coríntios 4:1 e 1Tessalonicenses 2:13
- Não nos prendermos a tradições humanas ou seremos enganados por idéias humanas – Marcos 7.8-13; Colossenses 2:8 e 2Pedro 3:16
- Guardá-la – mas só podemos fazê-lo pelo Espírito Santo – 2Timóteo 1:13,14
- Manejá-la de forma simples e direta, sem distorcê-la – a palavra para ‘dividir’ em 2Timóteo 2:15, *orthotomounta*, é tirada de ‘construção de estrada’ e significa ‘cortar reto’
- Estudá-la até ficarmos completamente repletos das Escrituras – Colossenses 3:16 e Mateus 13:52
- Percebermos que ela é incrivelmente poderosa – Isaías 55:10,11; Jeremias 23:29 e Hebreus 4:12

Quando qualquer igreja se afasta da autoridade elementar da Palavra de Deus, como se observa nas Escrituras, ela começa a ficar incompleta, a ficar mal preparada para as boas obras, a ser imprudente na salvação.

Se negligenciarmos ‘manter’ a Palavra de Deus como o mais importante, não experimentaremos a glória de Deus e começaremos a murchar e morrer.

## Testemunha

Temos visto repetidas vezes que a Igreja é chamada a revelar a glória de Deus a todas as nações. Isso significa que a obra da Igreja é testemunhar.

João 15:26,27 e Atos 1:8 relatam o chamado da Igreja a ser

testemunha de Jesus – em palavras, atos e estilo de vida – até os confins da terra. E a Igreja sempre explodiu em crescimento toda vez que crentes comuns foram preparados e enviados como testemunhas. As igrejas que não ardem de paixão por testemunhar estão perdendo o foco de seu chamado – ir e fazer discípulos de Jesus em todas as nações.

A palavra grega para *martureo*, ‘testemunhar’ significa ‘falar do que tem sido visto ou ouvido’. No Novo Testamento é usada principalmente para descrever o testemunho de Jesus:

- Pelo Pai – João 5:32; 8:18 e 1João 5:9,10
- Pelo próprio Jesus – João 3:11; 4:44 e 5:31
- Pelo Espírito Santo – João 15:26 e Hebreus 10:15
- Pelas Escrituras – João 5:39; Hebreus 7:8 e 17
- Pelas obras de Jesus – João 5:36 e 10:25
- Profetas e apóstolos – Atos 10:43; 23:11 e 1Coríntios 15:15

Isso assinala que nossas palavras e atividades devem apontar as pessoas a Ele: somos testemunhas de Jesus, não de nós mesmos ou de nossa manifestação de Igreja.

As palavras de João em João 1:27 e 3:28-30 são muito relevantes atualmente. Nosso objetivo deve ser testificar de Jesus, atrair pessoas para Ele, encorajá-las a segui-Lo, ajudá-las a amá-Lo e assim por diante.

Devemos nos lembrar que não podemos testemunhar a Jesus com eficácia por nossa própria força e capacidade. Precisamos da ajuda do Espírito. João 15:25-27 nos lembra de que o Espírito é a ‘A Testemunha’, e nós só podemos nos tornar testemunhas na medida em que permitimos que Ele trabalhe em nossas vidas.

Em Atos 1:8, os discípulos foram informados de que tinham de esperar o poder do Espírito vir sobre eles antes de serem testemunhas, e isso ainda é verdade para a Igreja atualmente.

Testemunhar não é uma atividade especializada que a igreja executa ocasionalmente – ela engloba tudo que dizemos e fazemos. A verdade é que nós estamos sempre testemunhando a

respeito de Jesus; infelizmente, muito do que dizemos e fazemos não Lhe traz muita glória nem atrai muitas pessoas a Ele.

Examinamos a questão do testemunhar com mais detalhes no volume *Alcançando o Perdido* da série *Espada do Espírito*, mas devemos reconhecer que, entre outras coisas, ela inclui:

- Pregação
- Preocupação social
- Evangelismo pessoal
- Diálogo e debate
- Cura
- Livramento
- Celebração
- Sinais e maravilhas
- Literatura
- As artes

A igreja precisa desesperadamente da direção do Espírito para encontrar formas corretas de testemunhar que alcançarão nossa geração e cultura. No entanto, fundamentalmente, as testemunhas mais eficazes são sempre crentes que vivem a vida comum e dedicada de Jesus, e transmitem as boas-novas na linguagem que as pessoas à sua volta entendem.

## **Assistência**

Algumas igrejas são tão evangelísticas que ignoram o cuidado pastoral enquanto outras fazem o contrário. Precisamos encontrar o equilíbrio santo e garantir que as pessoas em nossas igrejas sejam pastoreadas corretamente.

Em João 21:15-17, Pedro foi encarregado de: ‘apascentar meus cordeiros’, depois de ‘pastorear minhas ovelhas’, e finalmente de ‘apascentar minhas ovelhas’. Os versículos 15 e 17 usam o verbo grego *bosko*, que significa ‘alimentar’, ao passo que o versículo 16 usa *poimaino*, que significa ‘cuidar’ ou ‘agir como um pastor’.

Isso mostra que o apascentamento do rebanho de Deus a partir de Sua Palavra é um requisito constante e normal: é a prioridade.

Cuidar do rebanho – agir como um dos subpastores de Cristo – envolve disciplina, autoridade, restauração e ajuda prática, mas essas coisas são secundárias em comparação com o apascentar.

Isso não significa que a assistência da igreja deve se limitar a visitar quando alguém está doente ou desolado. Ao contrário, assistência significa o tipo de cuidado prático descrito em João 13:2-14; Atos 4:34-37; 6:1-7 e 11:27-30; e significa obedecer a ordem de Jesus dada em João 13:31-35.

O texto de João 13:31-35 entrelaça três aspectos: revelar a glória, testemunhar com eficácia e a assistência prática. Conforme observamos, as cinco funções da igreja se sobrepõem e se inter-relacionam, mas todas precisam ser cumpridas eficazmente se quisermos que a Igreja seja completa e equilibrada como Deus pretende que seja.

O texto de Atos 2:40-47 e 4:31-37 declara que o cuidado prático da Igreja primitiva era um fator importante em seu carisma dinâmico. De fato, é quase impossível separar ‘adoração’, ‘assistência’, ‘palavra’ e ‘testemunha’ nessas passagens; elas são exemplos magníficos de uma igreja que está funcionando eficazmente no Espírito – trazendo glória a Deus e aproximando-se do povo em redor.

Obviamente, também somos chamados a zelar pelo bem-estar da comunidade a nossa volta. Nenhuma igreja deve negligenciar o cuidado da comunidade, visto que Jesus nos chama a servir *com* Ele, mas devemos ter o cuidado de não duplicar ou usurpar as funções inerentes ao Estado. O cuidado da comunidade deve se tornar uma prioridade ainda maior da igreja quando a sociedade se desintegra, as necessidades sociais aumentam, e os governos abdicam de suas responsabilidades para com os idosos, os sem-teto, os doentes mentais, e outros grupos socialmente em desvantagem.

É válido lembrar que Deus enviou regularmente o avivamento às igrejas que se envolveram profundamente em programas controversos de assistência à da comunidade. Por exemplo, na década de 1860 as igrejas da América do Norte que experimen-

taram o avivamento foram, na maioria, aquelas que estavam se opondo à escravidão e cuidando na prática de ex-escravos ou fugitivos.

E, alguns anos mais tarde, o ‘despertamento evangélico’ britânico ocorreu essencialmente entre as igrejas que estavam muito preocupadas com a reforma industrial, educacional, penal e de saúde, e que cuidavam na prática de crianças abusadas, destituídas e analfabetas.

### **Guerra Espiritual**

Percebemos que Mateus 16:18 denota que a Igreja estaria envolvida com a guerra (batalha) espiritual. Sabemos que o povo de Deus no Antigo Testamento teve de lutar cada centímetro do caminho a fim de possuir a Terra Prometida. Temos aprendido que cada assembléia cidadina grega tinha uma função militar importante. E temos visto que a Igreja é chamada a revelar a glória de Deus não somente às nações da terra, mas também para todos os principados e potestades nas regiões celestiais.

Isso significa que devemos perceber que a Igreja não é capaz de realizar a obra de Jesus sem lutar contra as forças espirituais que se opõem ao Reino de Deus. Examinamos a Guerra na Parte Sete de *Oração Eficaz* e observamos que essa Guerra envolve o todo da vida da Igreja.

Efésios 6:10-18 descreve a Igreja em Guerra e oferece um retrato do exército de Deus permanecendo lado a lado e lutando o combate de mãos dadas. O ponto central da passagem é oração. Vestimos a armadura de Deus de forma que podemos estar prontos para combater o inimigo quando oramos.

Um princípio importante da batalha espiritual, embora muito negligenciado, encontra-se em 2Coríntios 10:5,6. Paulo aborda o falso ensinamento dos falsos apóstolos que ele menciona em 2Coríntios 11:13, os quais haviam infiltrado na igreja de Corinto. Ele explica que esse ensinamento havia resultado em ‘refúgios’ da mente e cativo de argumentos auto-exaltantes que eram contra o conhecimento de Cristo. Essa é uma parte característica da estratégia do diabo, visto que ele é arquienganador e

mentiroso, mesmo desde a época de Eva, o que Paulo menciona em 1Coríntios 11:3. Paulo se opôs a esses argumentos por meio de seu ensinamento apostólico e estava pronto a fundamentar suas palavras com uma amostra de poder apostólico para trazer a juízo os falsos mestres e os poderes demoníacos que os estavam manipulando.

Três passagens importantes do Antigo Testamento nos ensinam princípios importantes sobre a guerra.

Daniel 10:12-21 mostra que:

- Seres demoníacos existem e tentam se opor à obra de Deus
- Eles estão associados às áreas temporais e territoriais
- Há um elo entre a atividade celestial e terrena
- Daniel alcançou uma vitória espiritual por meio de suas orações

Êxodo 17:8-16 ensina que a vitória espiritual depende:

- De seguir as instruções de Deus
- Do uso correto da autoridade de Deus
- Do povo de Deus trabalhar junto em união
- Da oração persistente

E 1Crônicas 14:8-17 declara que devemos:

- Estar em nosso refúgio, no Senhor
- Ser conduzido e guiado pelo Senhor
- Trabalhar em parceria com o Senhor
- Pressupor que o inimigo persista em seus ataques
- Esperar Deus agir a nosso favor

Eféios 6:10-18 mostra que devemos nos preparar para a guerra com a armadura pessoal de Deus mencionada em Isaías 59:15-19. Isso representa verdades acerca de nosso estilo de vida, e a palavra grega usada significa que nós a vestimos apenas uma vez – embora devamos andar com ela todos os dias.

A Igreja realmente precisa confrontar os poderes demoníacos pela oração, jejum e louvor, mas precisamos fazer isso cautelosamente, sob a direção do Espírito – não impulsivamente, cinco vezes na mesma reunião! A oração de guerra está na pauta de Deus, mas devemos ser claramente dirigidos pelo Espírito em tudo que fazemos.

Entretanto, guerra inclui mais que isso. Lucas 10:19 declara que nos foi dada a autoridade de Cristo para pisar todo o poder do inimigo, e isso envolve questões como:

- Avisar sobre os perigos do oculto
- Expulsar demônios
- Destruir as fortalezas da mente e argumentos contrários
- Libertar aqueles que estão oprimidos pelo maligno
- Estabelecer o governo de Deus na sociedade agindo como 'sal' e 'luz'
- Resistir à tentação
- Pregar o evangelho
- Proferir as palavras proféticas de Deus
- Rejeitar Mamom

A Igreja tem um inimigo cruel, e 1Pedro 5:8,9 nos lembra que ele busca pessoas para devorar e também que nós podemos resisti-lo – se estivermos firmes na fé. A promessa de Jesus em Mateus 16:18 é completa, mas é insignificante a menos que a Igreja esteja atacando o reino do inimigo ativamente, resistindo às suas forças e libertando os cativos.



# Os Sacramentos da Igreja

Alguns setores da Igreja se referem aos sacramentos como ‘as ordenanças’ de Cristo, mas utilizam a expressão da mesma forma que muitos mestres da Bíblia têm usado a palavra ‘sacramento’ ao longo de toda a História. Essa palavra deriva do latim *sacramentum*, que significa literalmente ‘um voto solene’. *Sacramentum* era usado na antiga literatura cristã para traduzir a palavra grega *musterion*, que é utilizada com freqüência no Novo Testamento – por exemplo, em Mateus 13:11; Marcos 4:11; Lucas 8:10; Romanos 16:25; 1Coríntios 4:1; Efésios 3:9; Colossenses 1:27; 1Timóteo 3:9 e Apocalipse 10:7.

*Musterion* sempre foi traduzida como ‘mistério’, mas ‘sacramento’ foi incorporado como uma palavra técnica para um ‘sinal da graça de Deus’. Atualmente, usamos a palavra ‘sacramento’ para identificar um ato que é considerado como um ‘um sinal exterior e visível da graça interior e espiritual’.

A igreja medieval identificava sete atos como sacramentos: batismo, confirmação, a Ceia do Senhor, penitência, unção do moribundo com óleo, ordenação e casamento. As igrejas ortodoxas ocidentais e as católicas romanas ainda crêem que esses atos são sacramentos, mas as igrejas protestantes defendem que Cristo ordenou apenas dois: o batismo e a Ceia do Senhor.

Os católicos sustentam que esses sacramentos são meios de graça, ou canais pelos quais Deus concede bênção espiritual.

Os protestantes – que às vezes preferem usar a palavra ‘ordenanças’ ao invés de ‘sacramentos’ – insistem que essas ordenanças não são formas da graça, mas sim símbolos da graça.

O batismo e a Ceia do Senhor são ‘sacramentos’ ou ‘mistérios’ porque são ‘sinais exteriores, visíveis’ da bênção do evangelho. Eles foram dados à Igreja pela graça de Deus como demonstrações poderosas de Sua vida no corpo. Nós os recebemos pela fé, e são essenciais à vida da maioria das igrejas. Na realidade, não pode haver manifestação verdadeira de uma igreja bíblica sem eles.

### **Sinais de Graça**

É essencial que entendamos que o batismo e a Ceia do Senhor – ‘ceia [ou comunhão]’ – são sinais da graça de Deus e não simplesmente sinais de atividade humana. Primeiramente eles são sinais da boa vontade de Deus em relação a nós. Apenas secundariamente, no reino da fé, é que são sinais de nossa crença.

Se o batismo e a ceia fossem simplesmente ações que expressassem crença, não seriam ‘mistérios’ e, portanto, não seriam ‘sacramentos’. O fato de serem ‘mistérios’ é evidenciado por nossa própria experiência. Embora possamos lutar para explicar o que acontece exatamente na ceia e no batismo, reconhecemos instintivamente que Deus está neles de uma maneira especial. Sempre ‘sentimos’ que Deus está presente de forma poderosa nos cultos de ceia e batismo.

A natureza ‘misteriosa’ dos sacramentos também é evidenciada pela controvérsia e divisão na Igreja acerca deles – tanto no decorrer dos séculos quanto dentro das tradições de nossos dias.

Infelizmente, muitos líderes cheios do Espírito que estão unidos no compromisso com o evangelho, que ministram nos dons do Espírito e que têm ministérios frutíferos, ungidos, ainda estão divididos por suas opiniões quanto ao batismo e a ceia.

### **Focado na Cruz**

Embora os líderes da igreja tenham sempre opiniões diferentes acerca do batismo e da ceia, eles estão unidos no reconhecimento de sua importância. Isso porque os dois sacramentos foram claramente instituídos por Cristo.

Jesus disse a Seus seguidores para fazer ‘discípulos de todas

as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo'; e 'fazei isto em memória de mim' (Mt 28:19; Lc 22:19).

Contudo, os dois sacramentos também são importantes porque apontam diretamente para o sacrifício de Jesus – para a cruz, o sinal mais potente da graça. De forma ampla, o batismo é um restabelecimento da morte e ressurreição de Cristo no qual o crente participa pela fé; e a ceia é um lembrete dramático de que todos nós temos de continuar participando – pela fé – de Seu corpo partido e Seu sangue vertido.

Temos visto que Deus revela Sua glória mais claramente no sacrifício e no lugar do auto-sacrifício, então é surpreendente que 'sintamos' Sua 'gloriosa' presença de maneira mais intensa nas horas de batismo e ceia.

### **Dons para a Igreja**

É importante também que não caiamos na armadilha de considerar os sacramentos como instituições *da* Igreja, como atividades que acontecem *dentro da* Igreja. O batismo e a ceia foram instituídos por Cristo *para a* Sua Igreja – são dois dons especiais para a Igreja.

Nós os compreenderemos melhor quando percebermos que, num sentido diferente, porém igualmente verdadeiro, a própria Igreja é o 'sacramento' máximo, pois o corpo de Cristo é certamente o mais óbvio sinal 'exterior e visível da graça interior e espiritual'.

Por exemplo, sabemos que a Igreja é um 'mistério' pois nenhum de nós compreende as verdades de passagens como Efésios 2:14,15.

E deveríamos conseguir compreender que a Igreja é 'o' sacramento da presença, ação e graça de Cristo no mundo.

Nós também consideramos melhor os sacramentos quando pensamos acerca deles como 'dons da graça' e 'instrumentos do Espírito'. Quer consideremos salvação, ministérios cristãos ou os dons do Espírito, o princípio básico é sempre o mesmo: a iniciativa é de Deus, Seus dons concedidos livremente expressam Sua graça; temos de recebê-los com fé.

Deus não trabalha independentemente de nossa vontade, Ele não força a salvação, as línguas, ou o serviço em nós. Da mesma forma, nós não podemos criá-los nós mesmos ou ‘fazer’ alguma coisa acontecer: não podemos salvar a nós mesmos, curar alguém ou interpretar as línguas. Ao invés disso, os recebemos como dons provenientes de Deus pela fé.

Deus aproveita cada oportunidade possível para priorizar o fato de que Ele quer um relacionamento conosco – uma parceria no e com o Espírito. Nossa mão de fé deve segurar Sua mão de graça, e devemos caminhar com Ele, sendo conduzidos por Ele em todos os tempos.

É bem parecido com o batismo e a ceia. Eles são dons de Deus que têm propósitos distintos, mas precisam ser ‘desembruilhados’ e recebidos pela fé. Por exemplo, sabemos que os dons do Espírito foram dados para ‘edificar’ a Igreja – para nos fortalecer e nos edificar juntos de forma que possamos servir a Deus de modo mais eficaz.

Alguns ficam imaginando por que precisamos de sacramentos se o Espírito já traz a presença de Deus e coloca Seu selo em nossas vidas. Talvez seja por isso que igrejas avivadas nem sempre priorizam muito o batismo e a ceia, ensinando que são apenas atos simbólicos que não carregam poder espiritual verdadeiro.

Entretanto, não precisamos entender ‘a forma que’ os dons de Deus edificam a Igreja; simplesmente precisamos saber que eles o fazem, e que – sem a nossa fé – eles não conseguem fazê-lo. Começamos a entender o batismo e a ceia mais inteiramente quando passamos a pensar sobre eles de uma maneira semelhante.

## **Batismo**

O verbo grego *baptizo*, ‘batizar’ é uma forma de *bapto*, ‘molhar’ e pode significar ‘mergulhar’, ‘afundar’, ‘submergir’, ‘ensopar’, ‘afogar’, ‘imersão’ ou ‘saturar’. Como temos atualmente um entendimento ‘religioso’ do batismo, é importante que percebamos que esta era uma palavra comum do cotidiano nos tempos do Novo Testamento.

Na época do Novo Testamento, *baptizo* era usado de duas formas. Era a palavra comum para:

- Tingir uma peça de roupa ‘ensopando-a’ em um recipiente com tinta
- Recolher líquido ‘mergulhando’ uma xícara ou jarra em uma tigela ou barril

O primeiro uso sugere que o batismo cristão consiste em ser mergulhado em alguma coisa que promove uma mudança tão completa quanto um tingimento. Pressupõe-se que assimilamos algo da cor e natureza daquilo em que fomos imersos, seja lá o que for. O segundo uso indica que no batismo devemos ficar cheios daquilo em que somos imersos, seja lá o que for.

### **Contexto Judeu**

*Baptizo* tem um histórico judeu que nos ajuda a entender o que esperar do batismo. *Tabal*, a palavra hebraica equivalente, é usada no Antigo Testamento para descrever:

- O ato sacerdotal de embeber em sangue sacrificial como parte da Páscoa e oferta pelos pecados – Êxodo 12:22; Levítico 4:6 e 17
- O ato sacerdotal de molhar o dedo no azeite para purificar os leprosos e permitir que retornassem à sociedade – Levítico 14:16
- O ato sacerdotal de molhar no sangue para a purificação – Levítico 14:6 e 51
- O ato de tingir a túnica de José no sangue – Gênesis 37:31
- O ato de Naamã mergulhar no Jordão para cura – 2Reis 5:14

Esse contexto revela que é possível pressupor que o batismo cristão tenha algo a ver com ser mergulhado no sangue sacrificial da Páscoa para a purificação do pecado, e com o ser molhado com óleo para cura e integração no povo de Deus.

Embora não esteja registrado nas Escrituras, sabemos que os gentios que queriam se converter ao judaísmo tinham de se batizar – imergir na água como Naamã – na presença de testemunhas. Primeiro, os homens eram circuncidados; depois, homens,

mulheres e crianças se batizavam para lavar suas impurezas gentias; e por fim, apresentavam as ofertas de sacrifício. Aí, então, eram considerados israelitas.

Essa parte do contexto judeu indica que é possível pressupor que o batismo cristão tem um lugar no processo de conversão – é um aspecto do ‘tornar-se um membro da família de Deus’.

### **Batismo no Novo Testamento**

O batismo no Novo Testamento difere de seu precursor judeu de duas formas importantes:

- Ninguém batizava a si mesmo – era sempre algo feito por outra pessoa, visto que o batismo é basicamente um sinal do que Deus tem feito por nós
- O substantivo *baptisma*, ‘batismo’ apareceu de repente – não era usado antes na linguagem grega, o que sugere que o batismo cristão é algo novo

O ‘batismo de arrependimento’ de João é o primeiro registro de batismo no Novo Testamento – Lucas 3:3. Era um batismo ‘para, eis (com o objetivo de), o perdão dos pecados’. João não afirma que seu batismo perdoou pecados, mas que ajudou as pessoas a se arrepender e dar as costas aos pecados: podemos dizer que foi um batismo de arrependimento. Em contrapartida, o batismo cristão é essencialmente um batismo de fé.

Embora Jesus não precisasse se arrepender e abandonar o pecado, Ele cumpriu Isaías 53:12 identificando-se com os pecadores que estavam sendo batizados. Ele também se caracterizou por esse requisito justo de Deus, e se preparou para a Sua unção com o Espírito e Seu posterior ministério. Em Seu batismo, Marcos 1:10 relata que o Espírito veio sobre Ele, e dali em diante Jesus é descrito como sendo cheio do Espírito.

João 3:22 e João 4:1,2 mostram que o batismo estava associado com tornar-se um dos discípulos de Jesus, e Mateus 28.19 relata que fomos ordenados a batizar crentes como parte de torná-los discípulos.

Diz-se no Novo Testamento que o batismo inclui os seguintes elementos:

- Perdão de pecados – Atos 2:38
- Purificação de pecados – Atos 22:16 e 1Coríntios 6:1
- União com Cristo – Gálatas 3:27
- União com Cristo em Sua morte e ressurreição – Romanos 6:3,4 e Colossenses 2:11,12
- Participação na filiação de Cristo – Gálatas 3:26,27
- Consagração a Deus – 1Coríntios 6:11
- Participação do corpo de Cristo – Atos 2:41-47 e Gálatas 3:27-29
- Possessão do Espírito – Atos 2:38; 1Coríntios 6:11 e 12:13
- Nova vida no Espírito – Tito 3:5,6 e João 3:5
- Graça para viver a vida de Deus de acordo com Sua vontade – Romanos 6:1-14 e Colossenses 2:12–3:17
- A herança do reino de Deus – João 3:5

Essa relação dos elementos do batismo é uma descrição geral da graça salvadora de Deus, e muitas pessoas lutam para entender o que um ato exterior como o batismo pode ter a ver com essas transformações espirituais interiores.

Em todas as épocas, os líderes da igreja normalmente consideraram uma das três abordagens diferentes e opostas:

- O sinal do batismo sempre comunica o dom

Quando alguém é batizado, todos os elementos prometidos são automaticamente aplicados em sua vida

Entretanto, Jesus nos advertiu, em Mateus 7:21-23, a respeito dos perigos de fazer as coisas corretas e não conhecê-Lo pessoalmente; Romanos 2:29 mostra que os sinais externos precisam ser evidenciados pelas realidades espirituais; e a justificação é sempre pela graça por meio da fé somente, e nunca por meio de qualquer forma de ato intermediário como o batismo. Vemos isso bem claro em 1Pedro 3:18-22.

- O sinal não conquista absolutamente nada

É simplesmente um símbolo da crença humana. Nada acontece espiritualmente quando alguém é batizado. É simplesmente um ‘amem’ humano pelo que Deus já fez e um ato de testemunho para outras pessoas.

Mas essa idéia tem mais a ver com uma reação histórica à

primeira visão e com as dificuldades intelectuais humanas em relação à idéia de um sacramento. É muito difícil justificar essa visão a partir do Novo Testamento – que nunca descreve de fato o batismo como um ato de testemunho simplesmente. Temos apenas de aceitar que o Novo Testamento de fato liga intimamente o batismo com a bênção do evangelho.

Em um nível bem simples, podemos observar que um beijo não é apenas um sinal de amor, ele também aumenta o amor; e um abraço não é apenas um sinal de amizade, ele valoriza o relacionamento. Isso também é verdade para o batismo e a ceia.

- O sinal sela, promete ou confirma o dom

É um *sacramentum*, um ‘voto solene’ divino. Considerado dessa forma, o batismo é mais um tipo de documento de propriedade. Algumas condições ainda precisam ser satisfeitas, o novo proprietário ainda precisa ‘experimental’ ou possuir a propriedade pessoalmente – não basta apenas ter o documento de propriedade. Contudo, não podemos fazer de conta que o documento de propriedade não seja relevante.

Sabemos que fé, na Bíblia, significa crer em uma promessa de Deus, reivindicá-la para nós mesmos, e então acreditar em sua verdade mesmo antes de ela funcionar na prática.

Quando pensamos nisso dessa forma, o batismo é o ‘voto solene’ ou o acordo das promessas de salvação de Deus. Tão logo tenha sido batizada na fé, uma pessoa pode aguardar com fé o cumprimento dessas promessas na prática.

## **Batismo e Graça**

Cada passagem sobre o batismo, exceto Hebreus 10:22, frisa que é o nome de Cristo, a ressurreição de Cristo, o Espírito Santo, a Palavra de Deus ou Cristo que traz os elementos do batismo. E até mesmo Hebreus 10 relaciona o batismo com a obra de Cristo.

Isso significa que o próprio Deus está trabalhando nos crentes que estão sendo batizados. Romanos 6 e Colossenses 2:12 usam a forma passiva para enfatizar a ação afável de Deus no batismo. Essas passagens indicam que, do mesmo modo que Deus trabalhou em Jesus na ressurreição, assim Ele trabalha de forma

semelhante nos crentes que são batizados. Isso significa que batismo é uma ocasião quando Deus trata afavelmente conosco. Ele age para confirmar em nós tudo que está simbolizado no ato do batismo.

### **Batismo e Fé**

Podemos pensar no batismo como a personificação do evangelho, como uma representação da redenção. A morte redentora de Cristo tornou possível a nova vida para todas as pessoas, e nós ‘participamos’ – *koinonia* – em Sua nova vida ‘participando’ Nele. Isso pressupõe algum ato da vontade humana.

Em todo o Novo Testamento, os mesmos dons da graça estão associados tanto ao batismo quanto à fé, e sempre se pressupõe que a fé conduz ao batismo e que o batismo é pela fé. Podemos dizer que no Novo Testamento, o batismo é o ‘encontro divinamente marcado da graça pela fé’. É o ‘momento de coroação do ato de fé’.

Resumindo, nós precisamos de fé:

- Antes do batismo – de forma que Cristo e Seu evangelho possam ser confessados no batismo
- No batismo – para receber os dons afáveis de Deus e Suas promessas
- Após o batismo – para ‘se firmar’ na graça que Ele deu, para descobrir a graça que Ele operou em nós, para experimentar todos os elementos prometidos de fé e batismo

### **O Batismo e o Espírito**

É visível que, no Novo Testamento, a unção com o Espírito acontece geralmente perto do batismo. Entretanto, o Espírito é recebido pela graça por meio da fé, não automaticamente no batismo e por intermédio dele.

É também visível que não podemos separar de fato o Espírito de Cristo e Seus dons de graça – pois o Espírito é o dom máximo da graça de Cristo para a Igreja. Onde Cristo está ali está Seu Espírito. Ou estamos em Cristo ou não estamos; ou temos o Espírito ou não temos – conforme Romanos 8:9 esclarece.

Isso quer dizer que o batismo no nome de Cristo, que é um ‘revestir-se’ de Cristo, não pode ser separado do batismo no Espírito e um ‘revestir-se’ do Espírito. O verdadeiro batismo, no contexto legítimo do Novo Testamento, está sempre ligado ao batismo do Espírito – um mergulho no óleo santo e um enchimento com água viva.

## **O Batismo e a Igreja**

Se o batismo é em Cristo, ele deve ser também um batismo na Igreja. Não pode ser nada mais já que a Igreja é o corpo de Cristo. Observamos isso em 1Coríntios 12:13.

Essa idéia parece elementar para o entendimento de Paulo, pois em muitas passagens ele pára de escrever sobre o batismo e passa ao ensinamento acerca da Igreja – por exemplo, Gálatas 3:27,28. Isso significa que batismo tem tanto um aspecto pessoal quanto coletivo: Ele nos liga pessoalmente a Cristo e coletivamente a Seu corpo.

Em Atos 2:40, cada indivíduo convertido se separava dos incrédulos à sua volta – pelo batismo – e se contava entre os seguidores de Jesus. Essa é uma razão pela qual o batismo deve ser um ato público, visível.

Devemos buscar recuperar o significado do batismo para a Igreja e restabelecer sua importância. No Novo Testamento, o ato exterior do batismo testemunhava a entrada exterior de um crente na Igreja naquela localidade, mas também coincidia com o batismo no Espírito e a integração no corpo de Cristo.

De alguma forma devemos trabalhar para encontrar maneiras de expressar e enfatizar essa verdade em nossos dias. Devemos também frisar constantemente o lugar de nossa fé no batismo sem jamais desprezarmos a maravilha da graça de Deus.

## **A Ceia do Senhor**

Como já vimos antes, a Ceia do Senhor é a *koinonia*, a ‘ceia’ ou a ‘refeição da comunhão’, e a característica principal da vida da igreja.

O pão e o vinho da ceia representam a vida contínua de Cristo na comunidade cristã; e podemos pensar em batismo como ‘o

sacramento da iniciação cristã' e na ceia como 'o sacramento da participação cristã'. Não somos apenas batizados na nova vida, devemos também continuar a participar dessa vida: a ceia é um dom de Deus que nos dá essa oportunidade.

Como um sacramento, a ceia não é um simples culto memorial; é um encontro vivo com o Senhor ressuscitado. Tudo que Cristo fez por nós na cruz, e tudo que recebemos Dele pela fé, é poderosamente confirmado e continuamente selado quando participamos fielmente na ceia.

Como o batismo, a refeição da comunhão não nos leva a algo novo; ao invés disso, ela renova em nós aquilo que já temos. Todavia, enquanto o batismo deve ser administrado uma vez, prometendo e confirmando nossa decisão e atração por Cristo, a ceia deve ser compartilhada regular e repetidamente, confirmando e selando nossa constante comunhão com Cristo e uns com os outros.

A Ceia do Senhor é baseada na última refeição que Jesus fez com Seus apóstolos, em Marcos 14:17-26 e Lucas 22:14-20, antes da cruz; e ela logo se tornou o ponto central da comunhão e adoração na Igreja primitiva, onde era chamada 'o partir do pão' – observamos isso em Atos 2:42-46; 20:7 e 1Coríntios 11:17-34.

## **O Contexto Judeu**

A última refeição de Jesus foi parte do festival da Páscoa. Não fica claro se foi mesmo a principal refeição da Páscoa, conforme indicam Mateus 26:17-30; Marcos 14:12-26 e Lucas 22:7-38, ou se foi uma refeição festiva antes da Páscoa, conforme indica João 13:1. Contudo, não devemos nos precipitar a concluir que isso é uma contradição entre João e os outros evangelhos. Estudiosos bíblicos ofereceram caminhos plausíveis para reconciliar o que João diz com Mateus, Marcos e Lucas, inclusive o uso de calendários diferentes, então o que era em um calendário o dia da Páscoa, era outro dia em outro calendário. Partindo de um contexto moderno isso pode parecer absurdo, mas dentro de um contexto judeu do primeiro século, isso é inteiramente lógico.

De ambas as formas, a refeição foi claramente fundamentada na Páscoa, e não é possível compreender totalmente a Ceia do

Senhor sem algum conhecimento sobre a refeição de Páscoa que está por trás dela.

A refeição de Páscoa teve suas raízes na libertação de Israel do Egito, o que está registrado em Êxodo 11:1–13:16. Nos dias de Jesus, a refeição girava em torno de quatro princípios.

1. As pessoas olhavam para trás – elas recordavam a misericórdia de Deus em libertá-las da escravidão no Egito.

Faziam isso contando novamente a história do Êxodo como se ninguém a ouvisse antes, e revivendo sua libertação. Comiam ervas amargas para participar do ‘amargor da escravidão’ e pão ázimo que chamavam de ‘o pão da aflição que nossos Pais comeram quando saíram do Egito’.

2. As pessoas olhavam para dentro – elas purificavam a si mesmas e às suas casas de tudo que era ruim ou sujo.

Antes do jejum havia um tempo de purificação pessoal e de ‘lavagem da casa’. Antes que a Páscoa pudesse ser realizada, todo traço de corrupção tinha de ser removido.

3. As pessoas olhavam a sua volta – o jejum não era um negócio particular, era completamente coletivo.

A família inteira participava da refeição. A mulher de mais idade era honrada, um convidado era escolhido para um privilégio especial, faziam-se perguntas às crianças – e havia até uma brincadeirinha de ‘esconde-esconde’ quando procuravam o pão que havia sido escondido.

4. As pessoas aguardavam ansiosamente – elas aguardavam ansiosamente o Messias e Sua nova era e oravam por Sua vinda.

Elas colocavam um lugar extra, com uma cadeira vazia do outro lado, para o Elias que prepararia o caminho para o Messias. A porta da frente era deixada entreaberta para Ele, e mandavam as crianças verem se Ele estava vindo. A família aguardava ansiosamente a salvação dizendo: “Este ano estamos aqui; no pró-

ximo ano, na terra de Israel. Este ano somos escravos; no próximo ano, homens livres!” É óbvio que a refeição de comunhão da Igreja foi grandemente moldada pela Páscoa. Todos esses quatro elementos estão presentes na ceia – e, é válido observar que eles também podem ser vistos no batismo.

### **A Ceia Olha para Trás**

Em Lucas 22:19, Jesus nos disse para ‘fazer isso em memória de mim’.

Somos chamados a recordar com ações de graças a graça e misericórdia de Deus em nos livrar da escravidão do pecado por meio da morte completa e suficiente de Jesus – o verdadeiro Cordeiro da Páscoa. Vemos isso acontecendo em 1Coríntios 11:23-35.

Assim como a refeição de Páscoa era um memorial contínuo da obra salvadora de Deus no Êxodo, do mesmo modo o arco-íris é um sinal contínuo da obra salvadora de Deus no Dilúvio, assim a ceia é tanto um sinal quanto um memorial duradouro da obra salvadora de Deus na cruz.

Entretanto, isso não é tudo, pois nós também revivemos nossa aplicação pessoal da cruz. O pão e o vinho não são sinais vazios, eles são o ‘voto solene’ de Deus – a promessa ou a confirmação da misericórdia e perdão de Deus.

O Antigo Testamento contém uma riqueza de ensinamento sobre o lugar e valor dos memoriais. Havia objetos memoriais, ofertas memoriais, festas memoriais e dias memoriais. Eles eram concedidos a fim de ajudar o povo de Israel a recordar alguns atos poderosos de Deus ou para acompanhar alguma promessa importante de Deus.

Esses memoriais tinham o objetivo de manter a fé viva no povo de Israel, e de mantê-lo em contato com o Deus da História. Eram sempre dados como uma provisão extra para as crianças – de forma que a experiência com Deus pudesse ser passada para a geração seguinte, para que se conhecesse o Deus de Israel e participasse de Sua bondade. Observamos isso, por exemplo, em Êxodo 12:14 e Ester 9:28.

De forma semelhante, quando participamos da ceia, recordamos a presença e o poder de Cristo entre o Seu povo, celebramos a Sua vitória sobre o pecado e morte, e reivindicamos a nossa parte nessa atividade.

Os memoriais são lembretes igualmente importantes para Deus. Vemos isso em Gênesis 9:16,17 e Êxodo 2:24,25. Isso significa que quando participamos da ceia, Deus está presente para cumprir cada promessa representada pelo memorial. Por ser um memorial, a ceia disponibiliza pela fé a todos os que a recebem, tudo o que o pão e o vinho simbolizam, seja lá o que for.

Na ceia não apenas recordamos o sacrifício de Cristo na cruz, nós o reivindicamos para nós mesmos, temos ‘comunhão’ ou participamos nele. O recebimento físico do pão e do vinho enfatiza essa verdade importante.

### **A Ceia Olha para Dentro**

O texto de 1Coríntios 11:17-34 ressalta a importância de nos prepararmos antes da ceia. Antes de receber o pão e o vinho devemos nos examinar, confessar aquilo que sabemos que está errado, e pedir a Deus que nos perdoe e limpe.

Vimos para a ceia reconhecendo que ela é um sinal da graça de Deus, e, portanto, confiamos na retidão de Cristo e não em nosso merecimento. Vimos em arrependimento humilde, buscando misericórdia e perdão por nossos pensamentos e ações errados. Esse auto-exame não é para nos proibir de participar; ao contrário, é para nos levar para a refeição prontos para encontrar o Senhor com mãos limpas e coração puro – podemos pensar nisso como o ato de lavar as mãos antes de comer.

A natureza da ceia denota que somos encorajados a vir com nossas necessidades. Se a ceia é um memorial e participação nos benefícios da cruz, podemos vir com a expectativa de que nossas necessidades serão satisfeitas. Devemos ter a expectativa de sermos perdoados e restaurados em nossos corações, fortalecidos e nutridos em nossa fé, renovados em nossa experiência espiritual e curados em nosso corpo.

## **A Ceia Olha em Redor**

A ceia não é uma questão particular, é ‘a’ expressão da *koinonia* da igreja. Toda a família de Deus – homens, mulheres e crianças da ‘casa’, e quaisquer convidados e visitantes – se reúnem para celebrar sua comunhão uns com os outros e com Deus.

Sabemos que a Igreja é uma família e essa é a refeição da família. Temos visto que a ceia está fundamentada sobre a Páscoa – que era celebrada pelas famílias em suas casas – e que está relacionada com os memoriais do Antigo Testamento que foram instituídos, em parte, para transmitir às novas gerações a experiência com Deus.

É lamentável, portanto, que algumas igrejas tenham formalizado a refeição da comunhão em um tipo de ritual, que outras tenham perdido o sentido do deleite festivo que caracterizava a Páscoa, e que muitas tenham eliminado o sentido de comunidade: diversas igrejas celebram a ceia apenas quando as crianças estão ausentes, e algumas até mesmo se recusam a permitir que visitantes participem.

A ceia é uma refeição de aliança e comunhão que tem o objetivo de fortalecer o corpo. Comer junto, ter comunhão junto no corpo e no sangue de Cristo é parte muito importante no ser *koinonia* e *ekklesia*.

## **A Ceia Olha para a Frente**

1Coríntios 11:26 declara que a ceia é ‘até que Ele venha’.

Na ceia, olhamos para a frente, cheios de esperança, para a vinda do Noivo, para ‘as bodas do cordeiro’.

Diferentemente dos judeus, cremos que o Messias veio, e que Seu reino começou. Todavia, sabemos que Seu reino ainda não veio em toda sua plenitude, que estamos ‘vivendo na sobreposição’. Examinamos essa idéia no volume *O Governo de Deus*. Isso significa que, como judeus, devemos viver ‘com a porta aberta’, sempre alertas e atentos ao retorno do nosso amado.

Outra vez, Paulo explica em 1Coríntios 11:26: ‘anunciais a morte do Senhor, até que ele venha’.

## A 'Presença Verdadeira'

Da mesma forma que muitos líderes cristãos discordam acerca do que acontece no batismo, eles também oferecem uma variedade de opiniões sobre o mistério da ceia. Existem quatro explicações principais para a forma que experimentamos a presença de Cristo na ceia.

1. A visão tradicional católica é que Cristo está presente na ceia pelo processo de 'transubstanciação'. Diz-se que a *substância* do pão e do vinho se transforma, real e fisicamente, na *substância* do corpo e sangue de Jesus, ainda que os acidentes – isto é, as aparências externas do pão e do vinho – permaneçam as mesmas. Cristo está real e fisicamente presente no pão e no vinho. A transubstanciação baseia-se na crença de que Jesus estava falando literalmente ao invés de metaforicamente quando disse: 'Este é meu corpo'.

2. Martinho Lutero acreditava que o corpo e o sangue de Cristo estavam presentes no pão e no vinho, mas não na forma que os católicos ensinavam. Ele rejeitou a opinião deles de que o pão e o vinho eram substituídos pela substância do corpo e sangue de Cristo. Ao invés disso, ele defendeu que o corpo e o sangue estão contidos 'no, com e sob o pão e vinho'. Isso é conhecido como 'consubstanciação'. Isso significa ainda que nós tomamos o corpo e o sangue de Jesus – literais, físicos – sempre que comemos o pão e bebemos o vinho.

3. Ulrich Zwinglio, um teólogo suíço do século 16 e contemporâneo de Lutero, rejeitou as opiniões católicas e luteranas. Ele pensava que o pão e o vinho eram puramente simbólicos. Em seu ponto de vista Cristo estava presente pelo Espírito todo o tempo, e que a ceia não acrescenta muito à nossa experiência com a presença de Cristo – diferentemente dos benefícios óbvios que fluem do ato de recordá-lo.

Três aspectos ainda predominam em diferentes setores da igreja, com a maioria dos evangélicos e pentecostais seguindo a

Zwinglio. Contudo, um quarto ponto de vista está mais próximo do ensinamento bíblico.

4. João Calvino, outro teólogo suíço do século 16, foi o grande arquiteto da Teologia da Reforma. Ele ensinou o que veio a ser conhecido como ‘meios de graça’. Como Zwinglio, Calvino acreditava que Cristo está presente pelo Espírito quando tomamos a ceia, e que o pão e o vinho permanecem intocados. Entretanto, Calvino insistia que – quando o pão e o vinho são recebidos por alguém cuja fé é genuína e ativa – algo espiritual é recebido da parte de Deus. Para Calvino, a presença de Cristo é espiritual e não física, e assim ele rejeitava o ensinamento sobre ‘a presença real’, mas enfatizava os benefícios espirituais que sobrevinham aos crentes quando eles tomavam a ceia.

O ponto de vista de Calvino é que os sacramentos são sinais e selos da aliança de Deus, e que na ceia (e no batismo) Deus sela a graça que os sacramentos significam dentro do coração que crê.

Isso significa que tomar a ceia, no sentido lógico do Novo Testamento, na fé, é experimentar uma operação poderosa do Espírito Santo, que manifesta a presença espiritual de Cristo de forma especial que fortalece e enriquece nossas vidas espirituais. Sendo assim, podemos perceber que a ceia é parte vital da vida de uma igreja saudável.

### **Alimento Espiritual**

Na ceia, a liturgia anglicana encoraja os crentes a ‘alimentarem-se Dele em seus corações pela fé com ações de graças’. Essa frase valiosa ressalta que a ceia é alimento para a nossa vida espiritual. De alguma forma misteriosa que nós não compreendemos totalmente, Cristo comunica Sua vida a nós na medida em que recebemos o pão e o vinho. E assim temos comunhão com Ele, alimentando-nos Dele por fé.

A ilustração da carne e sangue ocorre em todo o capítulo

de João 6, e parece apontar em direção à ceia e à 'Palavra de Deus' como o cumprimento da 'Sabedoria de Deus' em Provérbios 8:1–9.12 que declara: 'Venha, coma do meu pão e beba do vinho que misturei. Abandone a imprudência e viva'.

Enquanto estamos corretos em rejeitar qualquer interpretação literal tola sobre comer da carne de Cristo e beber de Seu sangue fisicamente, Jesus mostra em João 6, especialmente nos versículos 47 a 57, o quanto a ceia é essencial para a vida cristã. É uma nutrição e comunhão em Seu corpo e sangue; e, por meio dela Jesus nos confirma Sua vida, Sua presença habitando em nós e Sua provisão de alimento espiritual. Isso é confirmado em 1Coríntios 10, onde Paulo compara a ceia ao alimento e à bebida espiritual que foi dado a Israel no deserto.

### **Refeição da Aliança**

Mateus 26:28; Marcos 14:24 e 1Coríntios 11:25 declaram que o vinho representa o sangue da nova aliança. Nas Escrituras, o relacionamento de Deus com Seu povo é sempre revelado na forma de alianças de sangue, nas quais o sangue indica a natureza obrigatória da aliança: o sangue é tanto a promessa quanto o sinal da aliança. Estudamos isso na Parte Nove do volume *Fé Viva*.

A Nova Aliança suplanta a Antiga Aliança, e a ceia é a refeição na qual renovamos nossa participação na aliança: renovamos nosso compromisso de obediência à aliança e juramos mais uma vez lealdade ao Senhor.

Todavia, é também a ocasião quando o Senhor sela em nossos corações os benefícios da aliança e trabalha em nossas vidas para cumprir as promessas da aliança. Podemos dizer que as promessas da aliança não são demonstradas apenas na ceia, elas também são realizadas por meio da ceia; e que elas não são apenas modeladas na ceia, elas são também manifestadas por intermédio da ceia.

Conforme pegamos o pão e vinho, nos apropriamos das promessas da aliança, agradecemos a Deus por elas, e adentramos em tudo que o sangue comprou para nós.

## **Unidade Espiritual**

A ceia também aperfeiçoa nossa unidade em Cristo. Na medida em que compartilhamos a ceia, nos reunimos como membros de nossa comunidade local, e também vivenciamos nossa união com todo o povo de Deus na Igreja universal. Podemos dizer que ao participar da ceia, nós tanto demonstramos quanto desenvolvemos nossa unidade em Cristo: a ceia é muito, muito mais que uma ajuda visual ou ato simbólico de unidade.

Paulo expressa isso em uma linguagem tremendamente forte quando diz em 1Coríntios 10:17 que nós somos ‘um só corpo; porque todos participamos do único pão’, isto é, o pão da ceia. Isso quer dizer que participar da refeição de comunhão da Igreja é uma das formas mais eficazes que temos de desenvolver nossa unidade forjada pela cruz. Isso significa que ceia está tão relacionada com comunhão uns com os outros quanto com comunhão com Deus.

1Coríntios 11 realça a importância do acerto de relacionamentos entre crentes como parte de nossa preparação para a ceia. Quando tomamos a ceia devemos nos examinar, deixar de lado qualquer coisa que impeça a comunhão, e nos certificarmos de que os relacionamentos rompidos sejam reatados num espírito piedoso de perdão e reconciliação.

## **Ações de Graças**

Alguns setores da Igreja chamam a Ceia do Senhor de ‘A Eucaristia’. Esse termo vem da palavra grega *eucharisteo*, que significa ‘agradecer’, e se refere à oração que Jesus fez para dar graças ou abençoar o pão e o vinho na última ceia. Observamos isso em Mateus 26:26,27; Marcos 14:22,23 e 1Coríntios 11:23,24.

Muitos cultos de ceia são memoriais mórbidos, cravejados por rituais secos, em vez de celebrações gloriosas e vibrantes em ações de graça. Quando começamos a entender a verdadeira natureza sacramental da ceia – quando percebemos tudo que Deus promete e confirma na ceia, e percebemos tudo que podemos receber por fé na ceia – ela se torna naturalmente uma ocasião para grande ação de graças na Igreja.

## Fundamental

Não devemos jamais ignorar o significado do ensinamento de Paulo em 1Coríntios 11–14. Nesses capítulos, ele inter-relaciona adoração, ceia [ou comunhão], os dons do Espírito e a primazia do amor. Isso indica que aquelas igrejas que priorizam os dons devem também ter muita comunhão, e que os dons devem ser parte importante dessa comunhão.

Temos visto que o ‘partir do pão’, a ‘Ceia do Senhor’, é fundamental na vida da igreja do Novo Testamento: é ‘a’ expressão de *koinonia* – de compartilhar com Cristo e uns com os outros, e, portanto, deve ser fundamental na vida da igreja atualmente.

Na refeição da comunhão, nos reunimos para estar uns com os outros e com o Senhor: recordamos, damos graças, amamos, olhamos com confiança para o futuro, recebemos de Deus, somos fortalecidos para o serviço, e somos fortalecidos e edificados como um corpo.





Parte Onze

# Igreja em Células

Já abordamos muitos assuntos neste livro. Na Parte doze analisaremos o que o Novo Testamento tem a dizer acerca da igreja dos últimos tempos, e a visão fascinante à qual Deus nos chama para nos engajar. Nesta parte do livro, analisamos o conceito de igreja em células e perguntamos por que o Espírito Santo está enfatizando esse modelo de igreja atualmente.

Para fazer isso, primeiro precisamos agrupar alguns dos ensinamentos importantes propostos neste livro.

## **A Grande Comissão: A Descrição do Trabalho da Igreja**

Jesus não deixou dúvida acerca do que Ele nos chamou a fazer. Em Mateus 28:18-20, Ele diz: ‘faizei discípulos de todas as nações’. Fazemos isso vivendo e pregando o evangelho, chamando as pessoas à fé em Cristo, batizando aqueles que crêem, e ensinando-os ou discipulando-os em cada aspecto do ensinamento de Cristo. Isso tem uma série de implicações importantes para a Igreja.

- Nós respondemos à cabeça da Igreja pela Grande Comissão. Esse é o grande negócio da Igreja, e tudo que fazemos deve estar debaixo desse propósito
- Isso consiste em mais do que simplesmente pregar o evangelho, e abrange o discipulado de cada crente
- É a obra de toda a Igreja – cada membro e não apenas os líderes ou alguns indivíduos talentosos
- A obra pode ser resumida como ‘fazer, preparar e mobilizar discípulos’

### **Equipando os Santos para a Obra do Ministério**

Efésios 4:11-16 contém alguns dos ensinamentos mais importantes no Novo Testamento referentes ao ministério de Cristo por intermédio de Seu corpo, a Igreja. O objetivo principal da passagem é que a obra de Cristo é feita pelo Seu corpo. Isso significa que cada membro do corpo de Cristo é chamado a executar Seu ministério – a fazer o que Jesus fez. Isso não é apenas ‘fazer a obra na igreja’ como muitos líderes propõem, mas diz respeito a toda a Igreja ‘fazer a obra de Cristo’. A Igreja de Atos era bem-sucedida porque cada crente estava engajado na obra de fazer, preparar e mobilizar discípulos. Em Efésios 4, encontramos alguns princípios chave que foram a causa disso.

- Toda a gama de dons do ministério de Cristo estava ativa nas igrejas: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres
  - O propósito dos ministérios era ‘equipar (treinar, preparar e mobilizar) os santos (cada crente) para fazer a obra de Cristo’. O ministério não é apenas para aqueles que têm um ‘chamado de vida’ para os ministérios descritos em Efésios 4:11, mas para todo crente
  - O corpo de Cristo somente é desenvolvido com sucesso quando cada membro faz seu trabalho. Isso significa mobilização total do corpo
  - Cada membro tem um lugar exclusivo e uma função exclusiva no corpo, mas a obra é a mesma – fazer, preparar e mobilizar discípulos
  - O objetivo geral do ministério é que nós tragamos o corpo de Cristo à maturidade, a experimentar Sua plenitude e a completar a obra que Ele tem nos dado a realizar
- Trataremos desse aspecto na Parte Doze.

### **Os Diferentes Níveis nos quais a *Ekklesia* Opera**

Na Parte Três, analisamos uma série de níveis diferentes de *ekklesia* ou maneiras distintas em que a Igreja se manifestava no Novo Testamento:

- Companheirismo
- Célula
- Congregação
- Celebração
- Convocação

Vimos que ‘companheirismo’, os ‘dois ou três reunidos em Seu nome’ é o mínimo irreduzível do que significa ser Igreja, e é a unidade básica de Igreja. Entretanto, observamos também que o estabelecimento de pequenos grupos, ou células, foi o meio principal pelo qual a Igreja fez a sua obra.

As congregações têm seus lugares e são essenciais para o testemunho e a comunhão da comunidade. As celebrações e convocações também são necessárias para inspirar um sentimento de pertencer à Igreja como a ‘nova nação’ de Deus. A igreja de Jerusalém, especialmente, desfrutava esses níveis de *ekklesia*, uma vez que as pessoas se juntavam diariamente no pátio do Templo e participavam das festas nacionais de Israel. É importante lembrar que a Igreja nasceu durante um desses festivais nacionais de Israel, o Dia de Pentecostes.

Mas o trabalho diário de evangelismo, comunhão, formação, treinamento e instrução de novos crentes era feito nas casas, de um jeito bem semelhante ao funcionamento dos modelos de células atualmente. As células são o lugar onde a obra da Igreja de fato acontece – principalmente porque o verdadeiro discipulado só pode acontecer no pequeno grupo onde o ensinamento pessoal está ligado ao relacionamento e exemplo pessoal.

## **A Igreja Atual**

Na Parte Três, analisamos também o lugar da estrutura e organização na Igreja. Vimos que elas precisam ser flexíveis e não devem ser confundidas com a vida real da Igreja. A estrutura existe para facilitar *ekklesia*; não deve jamais ser confundida ou identificada com *ekklesia*. Na Parte Oito, vimos que o Novo Testamento nunca apresenta uma receita oficial de um projeto de estrutura ou

liderança de igreja. Recebemos princípios para seguir, e não uma prescrição a ser aplicada em todos os lugares e épocas.

É bom senso, por exemplo, que uma igreja nos vilarejos da Índia seja diferente das igrejas nas cidades européias – embora a essência da Igreja seja a mesma em todo lugar. Modelos de igreja que eram aplicáveis à Inglaterra rural vitoriana são totalmente inadequados para as cidades de Londres, São Paulo ou Nova York do século 21.

Cada geração deve ser conduzida pelo Espírito a adotar e desenvolver modelos de igreja apropriados para si e para o local e pessoas que é chamada a ministrar.

Uma das formas que o Espírito Santo está conduzindo atualmente – e que está se mostrando eficaz em diversos lugares no mundo – é pelo que temos conhecido como ‘igreja em células’. O modelo de igreja em células estrutura a igreja totalmente em células, tornando-as o foco central e o meio principal pelo qual o ministério diário da igreja opera. O modelo de igreja em células integra os outros níveis de *ekklesia* que estudamos neste livro, mas reconhece as células como o meio principal pelo qual a obra da *ekklesia* acontece.

Esse modelo agrupa todos os princípios chave de *ekklesia* também tratados neste livro, e faz isso num estilo relevante e bem contemporâneo. A estrutura de igreja em células não é encontrada no Novo Testamento *per se*, mas, como vimos, nenhum modelo particular de igreja está prescrito na Bíblia. Todavia, o modelo de igreja em células está bem fundamentado nos princípios da Palavra de Deus.

### **Israel no Antigo Testamento**

Vimos que a igreja do Novo Testamento tem como fundamento muitos dos princípios da nação de Israel. Muitos deles têm a ver com a forma que o povo de Israel se organizou em várias épocas de sua história.

- Israel era formado por 12 tribos, diversos clãs em cada tribo, e diversas famílias em cada clã
- Jetro, o sogro de Moisés, o encorajou a nomear chefes de

mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez em Êxodo 18:21. Assim a carga não ficava sobre os ombros de Moisés enquanto Israel como um todo era estruturado em grupos que iam desde dez pessoas e terminavam em grupos de mil

- Os lares judeus eram sempre centros de comunhão e amizade, tornando-os locais ideais para a obra de discipulado nos tempos do Novo Testamento

### **A Igreja no Novo Testamento**

Vimos a forma que na igreja de Jerusalém as casas eram usadas para a comunhão de casa em casa. Visto que os novos crentes judeus se reuniam nas casas para compartilhar as refeições, eles eram instruídos nos caminhos de Cristo e treinados para alcançar outros com o evangelho. Esses três pontos chave indicam que:

- Na época da Igreja primitiva não havia igrejas na forma de edifícios, então as casas eram os lugares naturais para ocorrer a *ekklesia*
- Cada crente era discipulado e os pequenos grupos, ou células, nas casas, eram o ambiente natural para se fazer discípulos
- As casas eram lugares de cuidado pastoral e de provisão para as necessidades dos discípulos

### **O Modelo de Jesus**

Jesus passou a maior parte de Seu tempo de qualidade com os doze. Eles foram treinados e instruídos por Jesus durante os três anos em que Ele ministrou sobre a terra. Jesus preparou os doze para a tarefa de discipular as nações após Sua ressurreição e ascensão. Ele desenvolveu o princípio de discipulado em grupo pequeno enviando muito mais discípulos para pregar o evangelho, curar o enfermo e libertar as pessoas dos demônios. Os doze tiveram um papel fundamental no modelo de Jesus.

- Jesus designou os doze para que estivessem com Ele para que Ele os enviasse a pregar, como vimos em Marcos 3:14
- Os doze acompanharam a Jesus durante toda Sua missão

- Os doze O auxiliaram em Sua obra e foram enviados em ‘viagens missionárias de treinamento’, como mostra Mateus 10:5-15
- Jesus também treinou outros discípulos da mesma forma e os enviou. Ele enviou 72 em Lucas 10:1
- Jesus treinou Seus discípulos a adotarem Seu modelo de fazer, preparar e mobilizar discípulos

### **Os Doze após o Pentecostes**

O Espírito Santo veio apenas semanas após a morte e ressurreição de Jesus, e os discípulos foram introduzidos nos primeiros passos da missão de acordo com Atos 1:8. A pregação de Pedro no dia de Pentecostes trouxe uma colheita de três mil pessoas para a Igreja, as quais aceitaram sua mensagem acerca de Cristo e foram batizadas. Pelos padrões de hoje, esse número seria impraticável, e ainda assim lemos em Atos 2:42, que todos eles permaneceram firmes na doutrina e comunhão dos apóstolos, no partir do pão, e nas orações.

A única forma que os doze (os onze originais mais Matias) poderiam ter controlado eficazmente essa tarefa de ‘consolidar’ três mil novos crentes seria desmembrando a igreja de Jerusalém – formada por 120 pessoas – em grupos e discipulando os novos crentes em algo como a estrutura em células.

Para eles, essa teria sido a forma mais natural de fazer igreja. Eles apenas tinham de adotar o modelo e métodos de Jesus. Exatamente como Jesus os havia discipulado, treinado e enviado, assim também eles fariam discipulando outros da mesma maneira. Foi desse modo que Jesus planejou. E essa é a forma que o Novo Testamento apresenta a obra de discipulado.

Discipulado não é, como pensamos hoje, apenas dar instruções em classe e liderar alguns estudos bíblicos. Discipulado tem a ver com relacionamentos pessoais em que o discipulador ensina e modela tal ensinamento para a pessoa que ele está discipulando. Isso só pode ser feito em pequenos grupos como as células, e não pode se dar nas reuniões normais da igreja aos domingos, com as quais estamos familiarizados atualmente.

Paulo adotou o modelo de Jesus como podemos ver na instrução dada em 2Timóteo 2:2. Timóteo deveria transmitir o ensinamento e exemplo de Paulo a outros e, por sua vez, prepará-los para que eles também os transmitissem a outros.

Paulo, com outros escritores do Novo Testamento, destacou que o discipulado tinha a ver com ensinar pelo exemplo e não apenas por palavra, conforme deixam mostrar: 1Coríntios 4:16,17; 1Coríntios 11:1; Efésios 5:1; Filipenses 3:17; 2Timóteo 2:2; 2Timóteo 3:10 e 1Pedro 5:3.

### **Os ‘Uns aos Outros’ das Escrituras**

O método de Jesus treinar, ensinar e discipular em pequenos grupos se estendeu a todos os crentes. O Novo Testamento mostra que estamos todos pressupostos a ministrar uns aos outros dessa forma. Esse é o verdadeiro conceito de ‘ministério do corpo’ e o ‘sacerdócio de todos os crentes’. No Novo Testamento, há mais de quarenta referências a esse processo de discipulado mútuo e edificação de uns aos outros:

- Membros uns dos outros – Romanos 12:5
- O amor é a responsabilidade mais importante – 2João 5; 1João 3:11; Romanos 12:10; Romanos 13:8; 1Tessalonicenses 3:12; 4:9; 1João 3:23; 4:7,11; 1João 4:12 e 1Pedro 4:8
- Servir uns aos outros – Gálatas 5:13
- Suportar uns aos outros – Efésios 4:1,2
- Cuidar uns dos outros – 1Coríntios 12:25
- Unidade fluindo da humildade e consideração aos outros – Romanos 12:16; 15:5 e 7
- Aconselhar uns aos outros – Romanos 15:14
- Saudar uns aos outros – Romanos 16:16; 1Coríntios 16:20; 2Coríntios 13:12 e 1Pedro 5:14
- Falar a verdade em amor – Efésios 4:25
- Perdoar uns aos outros – Efésios 4:32 e Colossenses 3:13
- Edificar uns aos outros pela adoração cheia do Espírito – Efésios 5:19 e Colossenses 3:16
- Sujeitar-se uns aos outros – Efésios 5:21 e 1Pedro 5:5
- Ter comunhão verdadeira uns com os outros – 1João 1:1-3 e 7

- Consolar uns aos outros – 1 Tessalonicenses 4:18 e 5:11
- Exortar uns aos outros – Hebreus 3:13; 10:24,25
- Falar bem uns dos outros – Tiago 4:11
- Confessar nossos pecados e orar uns pelos outros – Tiago 5:16 e 1 Pedro 1:22
- Ter compaixão uns dos outros – 1 Pedro 3:8
- Ser hospitaleiros uns para com os outros – 1 Pedro 4:9
- Ministrare uns aos outros, satisfazer as necessidades – 1 Pedro 4:10

Essas referências bíblicas apresentam uma visão agradável da igreja como uma comunidade verdadeira. Todavia, é óbvio que esses versículos que dizem ‘uns aos outros’ jamais poderiam ser cumpridos nos cultos tradicionais de domingo na forma que os conhecemos na maior parte das igrejas ocidentais atuais. Uma coisa é dar um consentimento mental à noção de comunidade, outra é desejá-la verdadeiramente da forma que ela é retratada no Novo Testamento. Porém, mesmo desejar que nossa igreja deva ser como aquela não a faz surgir automaticamente. Precisamos estruturar a igreja de maneira que cada membro vivencie essas coisas – tanto as praticando para outros quanto recebendo seus benefícios em suas vidas.

Obviamente, a estrutura da igreja em células é ideal para que tudo isso aconteça, porque nas células as pessoas podem desenvolver relacionamentos autênticos nos quais compartilham suas necessidades com outras pessoas e têm a oportunidade de abençoá-las e encorajá-las em suas necessidades também. Não basta simplesmente esperar que as coisas aconteçam, ou que simplesmente dêem certo. Deve haver um modelo que encoraje intencionalmente essas coisas e dê oportunidade ampla para as pessoas serem treinadas, discipuladas e mobilizadas para o corpo de Cristo.

### **Modelos de Igreja em Células**

Algumas pessoas perguntam por que precisamos de modelos de ministério na Igreja e por que, em especial, um modelo para a igreja em células. Como vimos em relação aos versículos que se referem ao tema ‘uns aos outros’, o Novo Testamento revela que

a igreja é uma comunidade vibrante em funcionamento na qual cada membro desempenha uma parte valiosa. Portanto, devemos nos certificar de que as estruturas de nossas igrejas permitam encorajar e, de fato, preparar nossos membros para o estilo de vida dessa comunidade. Isso é verdadeiro especialmente no Ocidente, onde a comunidade não existe da mesma forma que existe em sociedades de muitas nações não-ocidentais onde as pessoas são mais relacionais. No Ocidente, a comunidade e o senso de vida coletiva se perderam para nosso individualismo.

Entretanto, mais do que isso, precisamos de um modelo de igreja voltada ao propósito e com foco no discipulado. A menos que haja um modelo de *discipulado planejado*, isso simplesmente não acontece. As pessoas fogem do esquema e geralmente a igreja as perde para sempre, ou elas simplesmente seguem o fluxo e ocorre apenas um progresso desordenado na trajetória do discipulado.

A estrutura de igreja em células capacita todos os crentes tanto a serem discipulados por outros quanto a se tornarem fazedores de discípulos [discipuladores]. As células são o lugar onde tudo isso acontece, e onde o estilo de vida de discipulado se desenvolve como parte da cultura da igreja. A maneira que você estrutura uma igreja determinará amplamente a forma que essa igreja funcionará, e toda a igreja deve estar estruturada em torno da Grande Comissão de Jesus: fazer, preparar e mobilizar discípulos.

Há muitos modelos de igreja em células em operação no mundo. Todavia, talvez os dois com maior êxito sejam o modelo 'cinco a cinco', e o 'modelo dos doze'.

### **O Modelo Cinco a Cinco**

Esse modelo foi desenvolvido por David Yonggi Cho de Seul, Coréia. Começando na década de 60, Yonggi Cho desenvolveu um modelo para igreja em células que se baseava no 'princípio de Jetro', como se vê em Êxodo 18:21. O aspecto notável acerca desse modelo é o que podemos chamar de 'o princípio de cinco'. As células são organizadas em grupos de cinco para fins de supervisão, de maneira que os líderes de cada célula de

cinco têm um supervisor e cada cinco supervisores têm o próprio supervisor, e assim por diante.

Ainda, as células tendem a se multiplicar por divisão. Cada célula tem ambos, um líder e um líder em treinamento ou assistente. Quando a célula atinge um tamanho suficiente, o líder assistente começa um novo grupo retirando seus membros principais da célula original. E assim a multiplicação ocorre de forma bem semelhante à divisão e à reprodução das células no corpo humano.

### **O Modelo dos 12**

Esse modelo foi desenvolvido em Bogotá, Colômbia, por Cesar Castellanos nos últimos vinte anos do século passado. Esse projeto tem como base os princípios da igreja em células estabelecido por Cho. Castellanos acrescentou o aspecto característico do princípio dos doze. Ele chamou seu modelo de 'G12' ('G' significa 'o governo' dos doze), baseado na crença de que o modelo de Jesus e Seus doze apóstolos é um precedente e um padrão para a restauração do governo de Cristo à Igreja.

Muitos líderes têm adotado o princípio básico dos doze sem desenvolver a estrutura de autoridade implícita na versão original do modelo de Castellano. A essência do modelo dos doze é que há dois tipos de células – 'células abertas', que são basicamente para evangelismo e formação dos novos crentes, e 'células de liderança' ou 'grupos de doze'. As células de liderança são aquelas em que as pessoas são discipuladas e treinadas para a liderança, de forma que cada pessoa em um grupo de doze expanda a própria célula aberta e desenvolva sua equipe de liderança de doze.

Isso significa que as células não se dividem, mas se tornam equipes de liderança em que cada pessoa recebe comunhão semanal, treinamento e direção para o ministério de células. As células se multiplicam de acordo com o princípio dos doze, assim um grupo principal de doze líderes irá expandir cada um o próprio grupo de doze líderes e assim por diante. Isso significa que as células de liderança crescem em múltiplos de doze, começando por 12 e indo até 144, 1728 etc.

## **Avaliando os Modelos de Igreja em Células**

Esses dois modelos principais de igreja em células têm mostrado ser um sucesso, cada um sendo responsável pelo crescimento rápido e discipulado de qualidade em diferentes locais no mundo. Entretanto, como esses modelos se originaram em nações não ocidentais, alguns líderes afirmam que eles não são eficazes no Ocidente.

Todavia, como mostra o aumento da igreja em células na Inglaterra, América do Norte e Austrália, esse não é o caso. Os princípios fundamentais da igreja em células são transferíveis de cultura para cultura, contanto que os modelos não sejam simplesmente duplicados em cada lugar sem flexibilidade e sensibilidade ao ambiente local. A primeira batalha do Ocidente pode ser com o modelo de igreja em células, uma vez que temos de utilizar essas células para construir a comunidade enquanto a evangelizamos. Em grande parte do mundo não ocidental a comunidade já existe dentro de sua cultura.

O modelo dos doze é interessante pelo fato de adotar o modelo simples de Jesus de levantar um grupo de doze, treiná-lo, equipá-lo e enviá-lo a executar a obra de discipulado. Ainda, as equipes ficam juntas e se formam relacionamentos duradouros dentro das células ao invés do desconforto de desmembrar constantemente as células a fim de dividir. A liderança no modelo dos doze se torna muito mais pessoal e relacional.

Os dois modelos de igreja em células focam os seguintes princípios:

- Discipulado planejado
- Ministério para cada membro
- Foco nas pessoas e não nos programas
- Prática de fortalecimento das exortações 'uns aos outros' do Novo Testamento
- Prática de fortalecimento do ensinamento de Cristo por meio das células
- O foco central das células como o lugar onde o ministério da igreja acontece
- Treinamento de liderança

- Evangelismo e testemunho como um estilo de vida
- Consolidação eficaz e a preparação dos novos crentes por meio das células
- Mobilização de todo o corpo
- Multiplicação de discípulos

Este breve estudo sobre a igreja em células mostra que os modelos de igreja em células são uma forma de levar a sério a Grande Comissão e 'entrar de sola' em Mateus 28. É como se o Espírito Santo estivesse procurando reformar a igreja atual, para que nos tornemos fazedores de discípulos mais eficazes e cumpramos os princípios da igreja do Novo Testamento. É um líder sábio que toma esses princípios e os aplica a seu ministério.

Caso contrário, podemos no final nos mostrarmos 'apenas ouvintes' e não 'praticantes' da Palavra de Deus.





Parte Doze

# Igrejas Interligadas

Um das grandes barreiras para o reavivamento da Igreja na Inglaterra, Europa e outras partes do mundo atualmente é o conceito errado de igreja que muitas pessoas têm. Na Parte Três e Quatro deste livro, examinamos o significado de duas palavras importantes que o Novo Testamento utiliza para descrever a Igreja. O ensino da Bíblia é claro, mas as idéias equivocadas estão embutidas profundamente em nossas mentes, e também uma parte de nossa experiência tradicional de igreja, que achamos muito difícil de entender e aplicar esse ensinamento. As palavras de Jesus sobre nossas tradições esvaziando a Palavra do Deus de seu poder, em Mateus 15:1-10, são mais relevantes do que nunca quando pensamos a respeito da igreja hoje. Por intermédio de nossos conceitos errados de igreja, limitamos nossa eficiência e escondemos a habilidade de construir igrejas fortes e efetivas atualmente.

Muitas pessoas se referem a esses conceitos como ‘igreja local’, ‘igreja nacional’ ou ‘igreja denominacional’, mas, como vimos na Parte Três, raramente esses conceitos apresentam o significado bíblico verdadeiro de ‘igreja’.

## **‘Igreja’ no Novo Testamento**

Vimos que o Novo Testamento usa a palavra ‘igreja’ em três maneiras principais:

- Para descrever todos os cristãos tanto na Terra quanto no céu – a Igreja universal
- Para descrever a igreja nas casas – a *igreja da comunidade*
- Para se referir aos cristãos de uma cidade específica ou lo-

calidade – a *igreja metropolitana*

Cada uma dessas expressões de igreja é importante e deve ter um lugar em nosso pensamento e prática atual. A *Igreja universal* é uma lembrança que existe só uma Igreja verdadeira e Corpo de Cristo, que consiste de todos os crentes de toda a História. Isto somente estará completamente manifestado quando todo o povo de Deus for reunido no céu. É uma lembrança que todos pertencemos um ao outro e ao Senhor.

A *igreja da comunidade* é testemunhada nas Escrituras em apenas um punhado de versículos como Romanos 16:5; 1Coríntios 16:19 e Filemom 2, e ainda, é uma parte extremamente importante de nosso entendimento e expressão de igreja. A casa na sociedade dos tempos do Novo Testamento não era a mesmo que a casa de família nuclear típica da atualidade. Era uma comunidade em expansão, quase uma aldeia em si mesma. Isso torna claro que Deus pretende que a Igreja atue integralmente em todo nível da sociedade, penetrando até na menor das comunidades.

Esse entendimento comunitário de igreja tem algumas vantagens óbvias. Relacionamentos próximos e um senso de pertencimento florescem por intermédio da ênfase em grupos comunitários locais. Tanto as aldeias rurais quanto as comunidades urbanas, encontradas em sua localidade específica dentro das cidades grandes, devem ter expressões acreditáveis de igreja a seu nível de comunidade.

O que descrevemos como 'igrejas locais' atualmente se assemelha mais perto dessas igrejas comunitárias (igrejas nas casas) do Novo Testamento. É onde estamos fortes hoje. Porém, nossa fraqueza repousa em buscar expressar tudo o que a Bíblia diz sobre igreja por intermédio dessas igrejas de estilo comunitário. A igreja comunitária sem a expressão do Novo Testamento de *igreja metropolitana* é uma expressão fragmentada do que a Bíblia revela sobre igreja. Como descrevemos na Parte Três, a igreja metropolitana do Novo Testamento consistia de muitas dessas igrejas comunitárias localizadas, expressando a si mesmas como a igreja daquela cidade ou área.

## O Mito de Independência

Vimos também na Parte Três que o que comumente chamamos uma ‘igreja local’ atualmente é inconsistente com a revelação do Novo Testamento. As igrejas locais do Novo Testamento (como as igrejas de Jerusalém, Éfeso, Corinto e Antioquia) eram expressões do corpo de Cristo em uma cidade ou área. Elas não eram congregações únicas, independentes, mas eram mais semelhantes a uma *rede* de congregações funcionando interdependentemente como uma igreja. Esse é o princípio subjacente ao conceito de *igrejas interligadas*. Você não pode ter uma congregação local independente mais que você pode ter um pé ou mão independente. Juntos, eles formam um corpo.

A escolha no Novo Testamento nunca está entre congregações locais ou grandes igrejas metropolitanas, entre pequenas ou grandes – mas todas estas coisas deviam estar trabalhando com cada elemento em seu lugar apropriado. Essa é a única maneira que nós podemos produzir um choque espiritual real em nossas vilas, cidades e nações.

Quando muitas pessoas falam de uma ‘igreja local’ atualmente, elas têm em mente uma congregação única com um pastor, uma equipe de liderança, um edifício para se reunir, e uma área local para reivindicar como própria. Porém, isso leva a um grave desvio do Novo Testamento, quando as pessoas vêem esse modelo tradicional da ‘igreja local’ como a única verdadeira e legítima expressão de igreja hoje. Por conseguinte, elas constroem pequenas, isoladas e bitoladas congregações afirmando ser o corpo de Cristo em sua área. Elas prestam pouca ou nenhuma atenção aos seus irmãos e irmãs em outras ‘igrejas locais’ com exceção de algumas cortesias de púlpito, um pouco de atividades fraternais e talvez também sua filiação denominacional. À parte dessas coisas, eles vêem a si mesmas como ‘igrejas independentes’, mantendo um relacionamento direto com o governo de Cristo e afirmando completa soberania como ‘igrejas locais’. Poucas atitudes podem estar fracionando o corpo de Cristo mais que isto. A unidade real somente será

vista quando todas as congregações de uma vila ou cidade vi-rem a si mesmas como parte do mesmo corpo de Cristo.

### **A Igreja de Rede**

O conceito de igreja de rede rejeita o superficial, tendência a olhar para si mesma, de muitas assim chamadas de pequenas 'igrejas locais' que vemos atualmente com sua 'mentalidade de vila'. Essas igrejas tendem a ser pequenas, no aspecto paroquial e focalizadas para dentro de si. As igrejas de rede, por outro lado, buscarão crescer para se tornar muitos milhares de pessoas, com uma mentalidade expandida de cidade grande e serão caracterizadas por um *foco exterior*.

As igrejas locais atualmente tendem a ser monoculturais, mas a igreja de rede incorporará toda a variedade cultural, racial, lingüística e de agrupamento de pessoas com freqüência encontrada na sociedade atual e expressará isso por intermédio de uma abordagem *multicultural* para a igreja.

A igreja de mentalidade de vila é normalmente forte em camaradagem e cuidado pastoral e é com freqüência dirigida por um ou (no máximo) um *ministério duplo* – que é o do pastor-professor. Porém, a igreja de rede apóia o ministério *quíntuplo*, vendo a importância do apostólico e profético no governo da igreja.

A igreja de mentalidade de vila vê a si mesma como um todo independente em vez de ser uma parte do todo, necessitando ser integrada na pintura maior da rede de igrejas. Por outro lado, a igreja de rede consiste de *partes interdependentes* trabalhando junto em conexão com o todo. A filosofia de igreja de rede é uma abordagem inclusive e expansiva para a igreja que busca reconhecer todas as expressões do Corpo de Cristo na cidade ou localidade.

### **A Mega-Igreja**

Na década de 1980, partindo da América do Norte, uma nova forma de igreja começou a ser vista que era, em parte, uma reação contra a abordagem local, a igreja de vila. O fenômeno 'Mega-Igreja' invadiu a América e uma tempestade de igrejas de

muitos milhares começou a ser vista sucessivamente em uma grande cidade após a outra.

Mas essas igrejas verdadeiramente não expressaram a igreja na totalidade da revelação do Novo Testamento. A diferença estava simplesmente no tamanho e influência da igreja particular em questão. A ênfase ainda estava sobre ‘sua igreja’ e ‘minha igreja’, mas a diferença era simplesmente que as Mega-Igrejas eram maiores que a maioria das igrejas locais, de padrão de vila. As Mega-Igrejas da década 1980 cresceram mais por intermédio dos princípios de ‘crescimento de igreja’, fundamentados mais na sociologia que na verdadeira espiritualidade. De maneira característica, elas eram levantadas cima por dinâmicos e carismáticos líderes, que tiveram grandes habilidades de gerenciamento e eram assistidos por equipes de liderança firmemente controladas – consistindo freqüentemente de membros de família. A filosofia era ‘grande é bonito’, e o que parecia importar era o crescimento de sua igreja. Tudo era feito com o objetivo único de atingir esse objetivo. Era um período ‘sem restrição’ ao crescimento da igreja.

O fato de que no fim dos anos 1980 não houve mais cristãos nos EUA que no princípio, mostrou que o fenômeno de Mega-Igreja foi mais bem-sucedido em desenhar o ajuntamento de crentes existentes do que foi sobre o verdadeiro trabalho de Cristo: a criação, maturação e mobilização de novos discípulos para o Mestre.

Agora, no século 21, nós devemos estar empenhados não somente em ver as igrejas crescerem, mas também para assegurar que todo cristão está totalmente treinado, equipado e mobilizado. Temos presenciado em décadas recentes o fenômeno de crescimento rápido de igrejas, construindo seus números competindo com outras igrejas por oradores de elevado perfil, sermões populares e ‘artistas’ cristãos famosos. Mas nossa preocupação deve ser para o genuíno cristianismo do Novo Testamento, que tem muito mais a ver com o alto custo do discipulado que a promoção de programas arrasta-multidões ou personalidades. O conceito de igreja de rede é mais bem descrito

como construindo 'Meta-Igrejas' e não a tradicional Mega-Igreja dos anos recentes.

### **A Meta-Igreja**

Uma 'Meta-Igreja' é também uma igreja de muitos milhares, mas formada por uma filosofia diferente de igreja da Mega-Igreja que temos descrito. Uma Meta-Igreja tem uma abordagem integrada para igreja que expressa a si mesma através de uma rede de muitas células, congregações e ministérios que possibilitam o corpo inteiro funcionar completamente.

Da mesma maneira que comparamos e contrastamos a igreja de vila e a abordagem da igreja de rede, podemos também destacar as diferenças entre a Mega-Igreja e a Meta-Igreja. A Mega-Igreja normalmente tem um organização mono-estrutural, com todos os departamentos e ministérios da igreja reportando diretamente o líder sênior por gerentes de linha. A Meta-Igreja, por outro lado, é uma *estrutura de rede* de igrejas, células e ministérios e tem uma liberação em vez de abordagem regular para a liderança. Por conseguinte, ela tem um estilo mais aberto e menos administrativo de governo de igreja.

As Mega-Igrejas vêem a mobilização consistindo de membros servindo o programa da igreja, mas as Meta-Igrejas vêem *serviço como o programa* da igreja. A ênfase de uma Mega-Igreja está no 'grande edifício', onde tudo de real significado acontece. A Meta-Igreja, porém, enfatiza a necessidade de os membros serem a igreja onde quer que eles estejam e os edifícios são meramente um meio para tal fim

As Meta-Igrejas põem as pessoas antes dos programas e isto é mais evidente nas células. As células não são apenas parte do programa da igreja, mas elas são o lugar onde os membros são treinados, equipados e liberados para o trabalho da igreja. A Meta-Igreja apóia *cada membro do ministério* e vê o papel da liderança como primariamente para equipar os santos para o trabalho do ministério – fazendo, amadurecendo e mobilizando discípulos, de acordo com o Evangelho de Mateus, capítulo 28.

As Meta-Igrejas entendem mobilização como estar preparando o povo de Deus para a missão. A abordagem da Meta-Igreja é uma abordagem de *discipulado* para igreja e é baseada em mordomia. As estratégias da Mega-Igreja podem às vezes nutrir uma abordagem de consumidor competitivo para o cristianismo. Seguindo o lema, 'maior é melhor', as Mega-Igrejas podem freqüentemente aparecer como se seu principal objetivo é meramente crescer em vez de produzir discípulos e liberar pessoas no ministério de Cristo.

As Mega-Igrejas são normalmente antidenominacionais, com poucas delas trabalhando dentro das estruturas denominacionais tradicionais. Seu tamanho altivo pode criar um espírito de superioridade e independência. Mas os que estão envolvidos em Meta-Igrejas entendem o princípio de parceria e podem facilmente estender esses princípio a fim de alcançar redes *nacionais e internacionais*.

As igrejas interligadas mantêm o *equilíbrio entre direção central e iniciativa local*. Elas apreciam o fato que elas são tanto grandes quanto organizadas em uma miríade de células de componentes diferentes – células, congregações e ministérios – por intermédio dos quais as pessoas podem ser pastoreadas, nutridas e mobilizadas dentro do contexto de uma sensação de real pertencimento, mas, ao mesmo tempo, permaneçam com os milhares nas grandes convocações e celebrações de massa. Porém, o mais importante de tudo, as igrejas interligadas premiam e valorizam cada membro individual que não é meramente um 'esquentador de banco de igreja' ou 'material para sermão', mas uma pessoa com potencial poderoso. As igrejas interligadas entendem seu papel como revelar aquele potencial e liberá-lo no poder de Cristo para ver sua Grande Comissão cumprida.

Todas essas diferenças – entre igrejas de vilas e igrejas metropolitanas, e entre Mega-Igrejas e Meta-Igrejas – ajudaram que entendêssemos como o Senhor quer que as igrejas organizem a si mesmas e cresçam como testemunhas confiáveis de

Cristo. Essa forma de expressão de igreja poderia se tornar um modelo efetivo comum para a igreja no século 21.

### **A Força da Rede de Igrejas**

Os cristãos são seguramente mais fortes quando permanecem e trabalham juntos. Isso significa ser tolerante às diferentes ênfases doutrinárias encontradas fora de seu grupo particular como também provendo uma defesa amorosa das doutrinas fundamentais essenciais da fé encontradas na Bíblia. Não pode haver nenhuma unidade real baseada em comprometer essas verdades fundamentais. Nós lidamos com esse princípio com mais detalhes na Parte Treze deste livro.

A promessa de Salmo 133 é que os *irmãos vivam juntos em união* e somos informados que é 'o Senhor que ordena a bênção'. Essa promessa devia encorajar cada igreja, líder e ministério para considerar a importância da interligação de igrejas. Deus nunca pretendeu que 'fôssemos sozinhos' ou que nos separássemos do restante do corpo de Cristo. As redes de igreja são uma maneira importante de superar as tendências independentes destrutivas que estão na raiz da natureza pecadora caída. As atitudes separatistas nunca deviam ter permissão para entrar na vida da Igreja. Nossa tarefa é muito urgente e o mundo está muito perdido. Nós simplesmente devemos demonstrar às nações a realidade de um corpo unido de Cristo presente e ativo em nossa localidade, nossa nação e a todas as nações do mundo.

### **A REDE DE IGREJAS ATUALMENTE**

Ao aplicar o princípio de interligação do Novo Testamento, devemos ser claros que não é possível voltar o relógio para os tempos do Novo Testamento. Os dois mil anos de história da Igreja nos deixaram com mais de seis mil denominações, com muitos outros grupos de igrejas independentes, correntes e tradições em existência hoje. Mas se a oração de Jesus pela unidade em João 17 é para ser respondida, cada grupo da igreja deve ver a si mesmo como parte do todo maior – membros do corpo de Cristo

e não unidades independentes separadas de outros grupos de igrejas.

Uma maneira de fazer isto é por intermédio da interligação. Uma rede é uma expressão real e tangível de interdependência e interconectividade. As igrejas podem se interligar localmente e nacionalmente e também podem ser parte de redes denominacionais e interdenominacionais. No coração da filosofia de rede repousam os princípios de humildade e aceitação. Isto é, a vontade de ver que ‘nosso grupo’ não é a totalidade do corpo de Cristo na Terra, e que somos todos partes interconectadas do grande todo. Em resumo, nós precisamos um do outro. Como João apresenta em 1 João 1:3: “Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo”. Essa comunhão universal deve necessariamente envolver a interligação na visão comum de fazer Cristo conhecido ao mundo. As redes podem operar tanto formalmente quanto informalmente, e podem ser tanto não-governamentais e governamentais na estrutura.

As interligações *não-governamentais* incluem tanto as redes informal e formal que honram a identidade e integridade de igrejas locais, enquanto providenciam a estrutura para uma consulta mais larga, planejamento, ação e visão.

As redes de igrejas são estruturas *governamentais* e normalmente buscam desenvolver todas as características de uma igreja de rede dentro de uma cidade ou uma região geográfica. É interessante observar que o Novo Testamento nunca usa a palavra ‘igreja’ em um contexto nacional ou internacional. Enquanto as interligações nacionais e internacionais podem ser úteis em dar ensino, encorajamento e direção apostólica para as igrejas locais, elas nunca deviam ser sua autoridade administrativa. A rede de igreja, porém, terá uma estrutura de governo dentro de sua cidade ou região. Em uma rede de igrejas:

- As partes estarão formalmente constituídas para formar uma expressão de uma cidade ou uma igreja regional operando de acordo com o princípio de rede
- Elas normalmente serão ligadas à liderança apostólica que dá forma e direção ao todo

- A liderança será tirada de cada parte constituinte incorporando o ministério quártuplo de Efésios 4:11
- Elas abraçarão expressões de *ekklesia* em cada nível, de dois e três grupos de comunhões, para as convocações de reunião da interligação inteira da igreja
- A rede de igreja propriamente formará vínculos com outros grupos e igrejas, tanto em sua área quanto além, expressando sua completa unidade em Cristo.

Construir redes de igrejas atualmente de acordo com o modelo de Meta-Igreja é tão desejável quanto necessário. Porém, nunca devemos menosprezar o desafio e o custo envolvidos em seguir este caminho. Para a maior parte, isto envolve deixar de lado completamente os modelos tradicionais de igreja que estão sendo seguidos sem dúvida em tantos lugares atualmente. Os seguintes princípios servem como um resumo dos princípios de redes de igrejas e apresentam o desafio do Espírito Santo para as igrejas de hoje:

- A absoluta submissão a Cristo como Chefe da Igreja e a vontade de funcionar, como membros de Seu corpo, somente de acordo com Sua direção
- Resistir ao modelo de liderança de igreja tradicional do ‘pastor-professor’ e aceitar o ministério quártuplo na liderança e direção da parceira integral da igreja
- Rejeitar o ministério como uma profissão ou uma carreira para alguns que fazem o trabalho de Cristo em nome dos membros de Seu corpo
- Aceitar o princípio que todo membro é um trabalhador e providenciar a estrutura na qual este princípio pode florescer
- Ver a Igreja como mais que reuniões do domingo, mas como um envolvimento, relacionamento diário permanente expresso em sete dias da semana a serviço do Mestre no lugar, profissão e situação de vida que Ele colocou você
- Morrer para o egoísmo da construção do reino pessoal e depositar seus dons aos pés do Mestre no trabalho real do reino de Deus, que está fazendo, amadurecendo e mobilizando discípulos

- Construir igreja por intermédio de células como as salas de máquina em miniatura do corpo de Cristo
- Trabalhar em um espírito de interconectividade e renunciar a todos os aspectos de independência em relação à filiação e serviço no corpo de Cristo.

Somente quando todos nós assumirmos esses princípios e trabalhamos juntos na parceria com o Espírito Santo veremos o tipo de Igreja eficiente surgir na Terra em seqüência à Segunda Vinda de Cristo que descrevemos no capítulo seguinte, a Parte final deste livro.



Parte Treze

# A Igreja no Final dos Tempos

É fundamental lembrar que Cristo disse: ‘eu edificarei minha Igreja’. É possível vislumbrar o que Ele tinha em mente quando disse isso? Paulo ensina que Cristo amou a Igreja e Se deu por ela, e a está preparando pela santificação com a lavagem da água da Palavra, de maneira que, nas palavras de Efésios 5:27, Ele possa apresentá-la ‘a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito’. Isso nos diz exatamente o que Cristo tinha em mente quando falou da Igreja. Ele está preparando a Noiva para a Sua volta.

É fácil estudar a Bíblia com a ajuda de um livro como esse, e fazer uma lista das mudanças que precisamos fazer em ‘nossa’ igreja. Entretanto, fazer isso seria esquecer o grande plano de Deus para a Igreja e como esse plano será realizado. Nesta parte final, analisaremos o plano de Deus para edificar a Igreja conforme a visão que Cristo tem para ela. Porém, primeiro lembramos a nós mesmos acerca da verdadeira vida da Igreja, sem a qual esse plano jamais poderia ser realizado – O Espírito Santo.

## **O Espírito Santo e a Igreja**

Temos visto que ‘nossa’ manifestação da Igreja funcionaria com mais eficácia se tão-somente tivéssemos um envolvimento equilibrado com a adoração, a palavra, o testemunho, a assistência

e a guerra; ou se tivéssemos estrutura e estilo de liderança mais bíblicos; ou se priorizássemos a dimensão coletiva da vida da igreja e tornássemos o batismo e a ceia mais importantes.

Todas essas coisas são importantes, mas por si mesmas, quase inúteis. Se quisermos funcionar de forma eficaz, e revelar a glória de Deus, precisamos estar mais próximos do Espírito Santo. A Igreja precisa do Espírito Santo mais do que qualquer coisa.

A Igreja nasceu do Espírito, em Atos 2, no Pentecostes. O Espírito estivera com os discípulos antes disso, mas não estava neles e eles não estavam no Espírito. No Pentecostes, Jesus batizou a Igreja no Espírito Santo; e desde então, a Igreja sempre teve acesso a Ele e ao Seu poder.

Depois do Pentecostes, os discípulos tiveram de aprender a viver no Espírito, a orar no Espírito, a caminhar no Espírito, a depender do Espírito, a ser guiado pelo Espírito – e assim por diante. É impossível imaginar a igreja do Novo Testamento separada do Espírito: sem Ele pode haver uma organização, mas jamais pode haver uma igreja.

O Espírito Santo é totalmente pessoa e totalmente Deus – analisamos o ensinamento bíblico acerca do Espírito no volume *Conhecendo o Espírito*. Ele é sempre o Espírito Santo, ou o Espírito de Deus, ou o Espírito de Cristo; Ele nunca é ‘o Espírito da Igreja’.

O Espírito é a vida da Igreja e o grande dom de Cristo para ela. A Igreja deve ser cheia pelo Espírito, mas nenhuma igreja O possui ou controla. Ao invés disso, Ele quer encher a Igreja, nos possuir, nos ensinar, nos guiar, nos capacitar, nos transformar, e trabalhar em parceria conosco.

### **Não Podemos Confiná-Lo**

A igreja não pode controlar nem confinar o Espírito. Não podemos insistir que Ele trabalhe de determinada maneira ou por meio de cerimônias, palavras ou trabalhos específicos. As Escrituras oferecem, de fato, promessas claras, condições e prin-

cípios sobre o Espírito – mas elas também deixam claro que ‘o vento ou sopro de Deus’ sopra onde Ele quer.

Cada manifestação da Igreja deve aprender a ouvir o Espírito, ouvir o que Ele está dizendo às igrejas, e obedecer-Lhe. Nossas tradições devem sempre se dobrar a Ele, visto que Ele busca constantemente nos renovar e nos conduzir em direção ao nosso destino glorioso.

### **Nós Não O Monopolizamos**

Nenhuma manifestação da Igreja pode alegar ter um relacionamento especial com o Espírito. Todo crente tem o Espírito dentro de si, logo, nenhum grupo pode ter um monopólio sobre Ele.

Alguns crentes podem ser cheios com o Espírito, mas esse enchimento está disponível a todos os crentes. Não há relacionamento especial do Espírito que esteja aberto a algumas partes da Igreja e fechado a outras.

### **O Ajudador**

Em João 14:16-18, Jesus prometeu enviar o Espírito à Igreja como o *parakletos*. Essa palavra significa ‘aquele que anda ao lado’ e pode ser traduzida como ‘ajudador’, ‘encorajador’, ‘consolador’, ‘conselheiro’ ou ‘advogado’. Ele é o ajudador da Igreja.

É de extrema importância que dependamos de Sua ajuda, visto que não podemos fazer nada na esfera do Espírito sem Ele. Não podemos operar com eficácia em nenhuma área da vida da Igreja sem Sua ajuda. Todas as nossas atividades são insignificantes e vazias sem o Espírito.

Por exemplo, sem Sua ajuda não podemos:

- Adorar – João 4:24
- Testemunhar – Atos 1:8
- Ministrando – 1Coríntios 12:4-11
- Orar – Efésios 6:18 e Romanos 8:26
- Ser guiados – Romanos 8:14
- Derrotar o inimigo – Mateus 12:28 e Efésios 3:6
- Aprender – João 14:26 e 16:13

## O Mestre

Em João 14:17 e 16:13, Jesus prometeu que o Espírito da verdade nos guiaria a toda a verdade – e que Ele glorificaria a Jesus – pegando as coisas que ouviria de Jesus e anunciando-as a nós. Ele é o mestre da Igreja.

O Espírito não *extrapola* as palavras de Jesus, e não nos conduz a uma nova verdade. Ao invés disso, Ele nos ensina a partir da revelação infinita de Jesus e nos conduz a *toda* verdade. O Espírito não diz mais do que Jesus, ao contrário Ele nos faz lembrar o que Jesus fala – João 14:26 e 15:15. Contudo, Ele sempre nos ajuda a ver – de forma clara ou lançando nova luz – o que Jesus revela.

A série *Espada do Espírito* foi produzida como ‘uma escola de ministério na Palavra e no Espírito’ porque há um elo tremendamente íntimo entre a Palavra e o Espírito. O Espírito está ligado à eterna Palavra de Deus – a qual 2Timóteo 3:16 mostra que Ele inspirou ou exalou. Entretanto, o Espírito não está confinado às Escrituras, pois Ele nos fala de muitas formas diferentes. O que Ele diz, contudo, é sempre consistente com a revelação das Escrituras.

Precisamos de Sua ajuda para entender a Palavra, mas não podemos manter toda a verdade em perfeito equilíbrio – a Palavra de Deus é simplesmente vasta demais e nosso entendimento imperfeito. Isso quer dizer que nosso mestre está constantemente nos dando revelações novas de certos aspectos da verdade que esquecemos ou negligenciamos e que são, sobretudo, relevantes para a nossa situação.

## A Testemunha

Em João 15:26, Jesus ensinou que o Espírito daria testemunho de Jesus. Ele é ‘a testemunha’. Na realidade, tudo que Ele faz é realizado com o único propósito de glorificar a Jesus – João 16:14. Ele acompanha e ajuda a Igreja, de forma que glorifiquemos a Jesus; Ele nos conduz a toda a verdade – de maneira que glorifiquemos a Jesus; Ele nos guia e capacita – de forma que glorifiquemos a Jesus, e assim por diante.

Quando Ele veio sobre a Igreja no Pentecostes, foi efetiva-

mente para equipar e capacitar os discípulos como testemunhas eficazes. Ele também os encheu com alegria e os levou a uma comunhão afetuosa, mas – principalmente – Ele os encheu com o Seu poder para cumprir a missão e para testemunhar.

Qualquer experiência com o Espírito que não resulte em um testemunho mais eficaz de Jesus deve ser questionada. Ele quer que a Igreja se lhe abra a fim de que Ele possa remover nossos temores e impedimentos, e nos encher com sua coragem e palavras. Testemunhar de Jesus é tão importante para o Espírito que Ele nos fornece tanto o poder para falar quanto as palavras que vamos dizer.

A principal preocupação do Espírito é que o povo de Deus, o corpo de Cristo, deve dar continuidade à Sua obra divinamente ordenada de levar o evangelho a todas as nações. Se tivermos uma gota de compaixão pelas pessoas que nos cercam, e um fragmento de zelo pela glória de Deus, nós nos lançaremos ao Espírito e pediremos que nos ajude a ser testemunhas muito mais eficazes de nosso Senhor ressurreto.

## **O Doador**

1Coríntios 12 ensina que o Espírito é um grande doador de dons para a Igreja, e os versículos 7 a 11 relacionam alguns dos dons que Ele continua a conceder. 1Coríntios 14 mostra que esses dons são dados para edificar a Igreja e ajudá-la a operar com mais eficácia. Se formos sérios quanto à Igreja, seremos realmente zelosos pelos dons.

Entretanto, 1Coríntios 13 declara que o amor é ainda mais importante que os dons. 1Coríntios 14:1 esclarece que não devemos escolher entre dons e amor, pois somos chamados a buscar os dois – mas o amor deve ser o mais importante.

A Igreja de Cristo deve ser uma grande comunidade missionária, deve ser a forte guardiã da Palavra, deve ser uma força eficaz de combate – mas ela não é nada sem amor. Na realidade, podemos dizer que a qualidade do amor de uma igreja é a medida de seu renovo espiritual e maturidade, não a quantidade de seus dons ou o volume de suas atividades.

Na medida em que nos abrimos para o Espírito, Seu amor pelo Pai e pelo Filho nos enche e nos controla. Efésios 3:17 promete que a Igreja será arraigada e fundada em amor e que conheceremos o amor de Cristo que transmite conhecimento. Esse é o nosso destino na Igreja.

E, na medida em que somos transformados pelo Espírito, começamos a amar uns aos outros com Seu amor. Efésios 4:25-32 e 1 Tessalonicenses 5:19-22 mostram que Ele fica triste e arrasado pela nossa falta de amor. 1 João 4:20 é ainda mais dramático. Mostra que o Espírito anseia para que a Igreja seja caracterizada pelo amor auto-sacrificial de Deus.

Resumindo, sem o Espírito, a Igreja não seria nada, pois o Espírito é a vida da Igreja – a vida de Cristo manifestada coletivamente em Seu corpo, capacitando-o a ser Seu agente no mundo.

### **A Plenitude de Cristo**

Quando caminhamos no e com o Espírito, podemos estar certos de que Ele nos conduzirá ao destino glorioso da Igreja que está descrito em Efésios 4. E esse destino é a plenitude de Cristo.

Para compreender essa frase precisamos ir a Efésios 1, onde Paulo liga plenitude ao senhorio de Cristo em Efésios 1:22,23. No final de uma longa passagem onde ele relaciona as verdades que quer que os efésios conheçam e experimentem, Paulo diz que Deus, o Pai, sujeitou todas as coisas debaixo dos pés de Cristo e O deu à Igreja para ser cabeça sobre todas as coisas.

Essa é uma revelação muito importante e não há dúvida de que Paulo queria que seus leitores entendessem seu significado. Na verdade, ele diz que Cristo foi ressuscitado dentre os mortos e foi exaltado acima de todas as coisas e recebeu senhorio e autoridade sobre tudo que existe, tanto neste século quanto nos vindouros. Depois, porém, ele acrescenta que Deus tomou o senhorio de Cristo e o deu como um dom para a Igreja. Isso significa que a primeira esfera na qual o senhorio de Cristo será visto e reconhecido é a Igreja.

Um dia, todo o universo verá e reconhecerá o senhorio e a autoridade de Cristo, mas nós podemos vivenciar Cristo agora,

e mais que isso, somos chamados a manifestá-Lo ao mundo, de forma que o mundo possa vê-Lo também e se dobrar diante Dele. Todavia, a próxima pergunta é: De que forma? E Paulo responde a isso no versículo 23.

Paulo vincula senhorio com plenitude e diz que a Igreja da qual Cristo é a cabeça, 'é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas'. Do mesmo modo que Cristo é agora cabeça sobre todas as coisas, mas a primeira esfera visível desse senhorio é a Igreja, assim a presença de Cristo que enche o universo será manifestada primeiramente em Seu corpo, a Igreja.

A plenitude, ou a presença gloriosa de Cristo, só pode ser vista e manifestada onde Sua autoridade é reconhecida e aceita. O ensinamento em Efésios 1 é incrementado em Efésios 4. Entretanto, para entender o significado disso você deve entender como a carta de Paulo está estruturada. A carta aos Efésios, assim como muitas cartas de Paulo, é dividida em duas partes principais. Primeiro, Efésios 1 a Efésios 3, trata da verdade espiritual, isto é, nossa posição e posses em Cristo. Depois, do capítulo 4 em diante, Paulo se volta à porção prática de sua carta e nos chama a andar de acordo com essas verdades espirituais.

A segunda porção de Efésios começa em Efésios 4:1 com essas palavras: 'Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados'. Paulo está nos dizendo que devemos desenvolver na prática nosso chamado espiritual e viver essas verdades de forma prática.

Isso significa que seu ensinamento em Efésios 4:11-16 é um retrato com o qual a Igreja deve se parecer, na *terra*, e carrega em si a promessa de que o plano de Deus para a Igreja será cumprido. É com isso que a igreja dos últimos tempos se parecerá, e acontecerá *antes* da volta de Cristo. Jesus não está voltando para uma Igreja cansada, desgastada, pecadora, morta e inútil. Ele está voltando para uma Igreja gloriosa na qual Seu senhorio é totalmente reconhecido e Sua presença é totalmente manifestada.

Essa é a visão da Igreja que cada crente, cada líder e cada

obreiro do corpo de Cristo deve ter em mente. É uma visão do produto acabado, o destino glorioso da preciosa Igreja de Deus. Jesus disse que Ele iria edificar Sua Igreja e Ele estava falando sério. Ele não vai deixar o trabalho pela metade, mas trará Seu corpo à completa maturidade antes do final dos séculos. E isso significa que iremos cumprir a obra que Deus nos deu a fazer. Evangelizaremos com sucesso o mundo e discipularemos as nações.

O Espírito completará o que começou no Pentecostes. Ele estabelecerá uma igreja eficaz, funcional, de maneira que uma noiva madura esteja pronta quando Jesus voltar. Jesus prometeu que edificaria Sua Igreja, e Efésios 4 mostra que o edifício será terminado.

Como corpo de Cristo, a Igreja é a representante de Deus no mundo. A obra de Cristo na terra só pode ser executada por meio de Seu corpo. Quando não é um corpo maduro, forte e saudável, a obra de Cristo não é feita. Mas quando o corpo é forte, e cresce em direção à maturidade, a obra de Deus na terra pode ser cumprida.

Como temos visto, Efésios 4:11-16 descreve a Igreja alcançando a plenitude de Cristo. Isso significa que, um dia, a Igreja revelará perfeitamente Cristo em toda a Sua plenitude *sobre a terra*. Como também já vimos, isso acentua Efésios 1:23, onde a Igreja é descrita como 'a plenitude daquele que a tudo enche'.

Jesus concedeu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres à Sua Igreja para unir o povo de Deus na realização do serviço. É isso que edifica o corpo de Cristo, e esses líderes devem continuar com sua obra, edificando a Igreja, até que quatro coisas aconteçam:

### 1. Unidade

A Igreja alcançará a unidade da fé. Isso não é a unidade do Espírito que começou na cruz e já existe, mas a unidade nas doutrinas essenciais da fé e entendimento maduro de Cristo.

Isso não quer dizer que todos os cristãos acreditarão exatamente nas mesmas coisas acerca de tudo, mas sim que haverá forte unidade em todos os rudimentos da fé por toda a Igreja.

## 2. Conhecimento Pleno

A Igreja madura alcançará um conhecimento pleno do Filho de Deus. E não é uma versão melhorada de nosso conhecimento; é conhecimento *pleno*. E esse conhecimento pleno vai significar que conheceremos Cristo e O vivenciaremos por completo em nossas vidas.

Em Filipenses 3.8-16, Paulo anseia por conhecer Cristo, e o poder de Sua ressurreição, e a intensidade de Seus sofrimentos. E em Filipenses 2:5-11, ele nos exorta a fazermos nossa a própria mente de Cristo. Ele oferece uma descrição brusca e dramática acerca do Filho de Deus que esvaziou a Si mesmo, tomou a forma de servo, aceitou a morte, e foi soberanamente exaltado para que todos os seres em todos os lugares dobrem os joelhos a Ele.

A Igreja começa a ascender em direção a esse conhecimento pleno do Filho quando ela deixa de querer poder para o próprio bem, e anseia por pensar e ser como Jesus – quando desejamos ardentemente participar de Seu poder e sofrimento. Podemos estar certos de que, em breve, experimentaremos a plena realidade em cada área da vida da igreja.

## 3. Estatura Plena

A igreja madura do final dos tempos formará o varão perfeito; seremos de estatura plena, plenamente maduros. Não mais seremos meninos, levados de um lado para outro; ao invés disso, seremos fortes e maduros em Cristo. Apesar do que algumas pessoas dizem, a Igreja não está se desvanecendo; ela não está desfalecendo – ela está atingindo a maturidade!

A Igreja da qual lemos no Novo Testamento é a igreja menina. A igreja do final dos tempos será uma Igreja madura, adulta, vigorosa. Se a Igreja primitiva pôde conquistar tanto, o que a Igreja do final dos tempos realizará?

Se cremos realmente nas promessas bíblicas, podemos certamente esperar que a Igreja bíblica futura experimente um derramamento compacto do Espírito que levará a um evangelismo mundial eficaz. Levaremos o evangelho a todas as nações. A

glória de Deus será vista em toda a terra. Haverá glória na Igreja por Cristo Jesus.

#### 4. A Plenitude de Cristo

Como temos visto, Efésios 4:13 é uma consequência de Efésios 1:22,23 para mostrar que a Igreja madura será cheia com a plenitude do próprio Cristo. Isso significa que seremos tão cheios de Jesus e Seu Espírito que poderemos representá-Lo com precisão no mundo – revelar verdadeiramente Sua glória – e realizar tudo que Ele ordenou. Ele se manifestará plenamente na Igreja, de tal forma que será como se Ele estivesse de fato nesta terra, vivendo em Seu corpo. Sem exagerar na questão, creio que Jesus está vindo primeiro *em Sua Igreja* antes de voltar *para a Sua Igreja*. Não estou dizendo que há duas segundas voltas! Estou dizendo simplesmente que o Espírito manifestará tanto a presença de Cristo na Igreja dos últimos tempos que será *como se* Cristo já estivesse aqui. Certamente é isso que significa ser Seu corpo na terra.

Essa Igreja bíblica, madura, será cheia do Seu poder, Sua sabedoria, Seu amor e Sua autoridade. Ela mostrará ao mundo a plenitude de Sua graça e santidade. A glória de Deus será plenamente manifesta tanto em nós quanto por meio de nós.

A Igreja dos últimos tempos – cheia de Cristo – será um corpo de testemunhas confiáveis, ativas por todo o mundo, em toda nação e cultura. Isso não significa que tenhamos de esperar até lá para nos tornarmos testemunhas eficazes de Cristo. Podemos e devemos começar a trabalhar para isso agora, em nossas vidas e em nossas igrejas, enquanto nos preparamos e aguardamos ansiosamente a manifestação da Igreja dos últimos tempos. Certamente essa é uma visão pela qual vale a pena trabalhar e orar, um sonho pelo qual vale a pena viver e morrer. Até mesmo o menor passo em sua direção será extremamente valoroso.

Na medida em que vivermos pela verdade e em amor, cresceremos totalmente em Cristo – que é a cabeça – do qual todo o corpo é bem ajustado e ligado. Cada junta adicionará a própria

força para cada parte individual operar de acordo com sua função. Assim a Igreja continuará a crescer, até ser plena e finalmente edificada em amor.